

À beira do lago encantado

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 12

Título original: "A PRINCESS IN DISTRESS"
Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1978

Tradução: Touché Guimarães

Copyright para a língua portuguesa: 1981
EDITORA EDIBOLSO LTDA. — São Paulo

Uma empresa do GRUPO ABRIL

Composto na LINOART
e impresso nas oficinas da
ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL



*Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.*

Disponibilização: MANA
Digitalização: Palas Atenéia
Revisão: Ângela Barreto





A princípio, Ian Arldey pensou que aqueles gemidos no quarto ao lado fossem o lamento de um animalzinho ferido. Então, ouviu claramente uma voz de mulher implorar: "Não me machuque, Friederich!" A partir daquele momento, a princesa Mariska estaria sempre presente em seus pensamentos. Não apenas como a infeliz esposa de um inválido, bêbado e sádico, que a surrava com um chicote, mas como o único amor de sua vida; um amor sem esperança, porque, além de casada ela era uma princesa alemã, uma inimiga! E lorde Arkley tinha motivos para desconfiar de que Mariska nunca deixaria de ser fiel àquele marido que a odiava!

NOTA DA AUTORA

Marienbad, uma das mais belas estações de água da Europa, agora se chama Mariánské Lázně e está na Tchecoslováquia. As águas ainda são medicinais, mas já não há mais reis para bebê-las do lado de fora das colunas de ferro fundido, construídas em 1889.

O Palácio Eszterházy, em Fertőd, foi muito danificado durante a última guerra. Agora é um museu, visitado por mais de cem mil turistas por ano.

O cenário desta novela, os acontecimentos políticos, o papel do rei Eduardo da Inglaterra como “Tio da Europa”, as dificuldades que ele teve com o sobrinho, Guilherme II, imperador da Alemanha, e como viajou e conseguiu a *Entente* com a França, fazem parte da história.

Como Eduardo previra, foram os generais e o Alto Comando alemão que, finalmente, pressionaram o imperador a declarar a I Guerra Mundial, em 1914.

CAPÍTULO I

1905

Lorde Arkley atravessou a sala de visitas, até a varanda.

Estava escuro, mas havia estrelas, e as luzes vindas do hotel iluminavam o parque. Ao longe, podia-se ver a pequenina cidade e o vale arborizado, que se estendia até o horizonte.

Não era a primeira vez que ia a Marienbad. Sempre achou que aquele lugar era mais agradável que as outras estações de águas tornadas famosas por Eduardo VII.

Todos os anos, depois da regata de Cowes, o rei viajava ao exterior, para se deliciar com as águas medicinais. No começo, tinha preferido Hamburgo, que, devido à sua presença, se transformou num centro social importante.

Porém, mais tarde, Eduardo se encantou por Marienbad, uma pequena cidade num lindo vale da Boêmia, seiscentos metros acima do nível do mar.

Marienbad tornou-se então um local muito elegante e, até mesmo, a estação de águas favorita das famílias mais tradicionais da Europa.

Apesar de o rei estar de férias, e viajar incógnito, como duque de Lanchester, havia sempre vários estadistas, cortesãos ou políticos, em alguma missão especial, que tentavam encontrá-lo lá.

Assim, era impossível para o rei escapar das responsabilidades impostas pela monarquia. Não que isso o incomodasse. Ao contrário. Depois de muitos anos afastados do poder por sua mãe, que nunca lhe permitia tomar parte nos negócios de Estado, Eduardo se mostrava muito feliz por estar envolvido em segredos tão importantes.

Agora, como rei, ele usava seu charme e sua capacidade de liderança nos numerosos contatos que fazia com as dinastias dominantes. Suas freqüentes viagens já o tornavam conhecido como um diplomata nômade. Ano após ano, crescia sua reputação como bom mediador.

Lorde Arkley sabia que o rei esperava, impaciente, para saber o resultado de sua última missão. Mas estava muito cansado: acabara de chegar e não tinha nenhuma intenção de ter uma audiência particular com ele, naquele momento.

Tinha jantado no trem e não precisava de mais nada para reanimá-lo, além da taça de champanhe que tinha na mão.

A viagem, de várias semanas, havia sido exaustiva. Mas ainda pior era a

tensão constante. Era a certeza de que as pessoas, que aparentemente o recebiam tão bem nos estados alemães por onde passou, não mereciam nenhuma confiança. Só agora, lorde Arkley podia relaxar.

Era delicioso respirar o ar que cheirava a pinho e pensar que, no dia seguinte, ia provar as águas das fontes de Marienbad, que tinham a reputação de conter o mais alto teor de ferro do mundo. E, naquele momento, era isto o que ele mais precisava.

À distância, ouvia música, que, junto com as estrelas e o perfume de pinho e das flores do jardim, criava uma atmosfera muito romântica.

Mas de uma coisa lorde Arkley tinha certeza: não tinha tempo para romances.

Foi quando ouviu uma mulher gritar. Não era um grito de revolta; mais parecia o lamento de um animal ferido. Suplicava:

— Por favor! Friederich... solte-me! Você vai... lamentar tudo isto amanhã!

A mulher falava em inglês, e dava para notar, pelo seu tom, que estava muito amedrontada.

O homem respondeu em alemão, insultando-a, numa torrente de injúrias tão confusa, que lorde Arkley percebeu que ele devia estar bêbado.

— Por favor... Friederich... por favor... Você não pode me chicotear outra vez... Sabe que isso é... uma coisa... que não devia fazer.

Houve um som gutural, seguido por outro, que aos poucos se transformou num gemido profundo.

Lorde Arkley olhou em volta, consternado.

Por um momento, não conseguiu localizar de onde vinham aqueles gritos, mas logo entendeu que o casal ocupava o quarto ao lado do seu.

O Weimar era um imponente edifício amarelo-claro, típico dos grandes hotéis que estavam sendo construídos em estações balneárias, em todo o continente. Eram projetados com suítes, sótãos e depósitos, para hóspedes exigentes, que pretendiam ficar por um mínimo de três semanas, acompanhados por uma comitiva de empregados.

O Weimar, um dos mais elegantes e majestosos, era, na opinião de lorde Arkley, uma mistura arquitetônica bem-sucedida entre um alojamento barroco de caçadores da Boêmia e um teatro provinciano francês.

Uma varanda de pedras, bem mais comprida do que o corredor interno, tomava toda a extensão do primeiro andar, onde estavam situadas as suítes mais importantes. Era ali que o rei Eduardo se hospedava, ocupando sempre cinco quartos.

Lorde Arkley percebeu que o gerente, *herr* Hammerschmid, estava atento à sua importância, quando lhe reservou uma suíte no mesmo andar de Sua Majestade.

Embora sabendo que os gritos vinham da varanda ao lado, entendeu que nada podia fazer para ajudar a pessoa que estava sendo atacada. Mas seu cavalheirismo inglês fez com que fechasse os punhos, com raiva, quando ouviu outra vez o que tinha certeza de ser o estalo de um chicote, seguido de choro. Isto é intolerável! Pensou, indignado. Com pode esse desgraçado alemão tratar alguém desta forma? Ainda mais, uma mulher?

Ouviu os golpes serem repetidos. Então, a mulher começou a soluçar tanto que qualquer homem, bêbado ou sóbrio, teria parado. Nem que fosse só por medo de matá-la.

Finalmente, para alívio de lorde Arkley, o agressor pareceu ficar satisfeito.

Alguém devia ter entrado no quarto, pois ouviu outra voz, provavelmente de um empregado, dizer, em alemão:

— Venha comigo, Alteza. Está na hora de ir para a cama. Dei-me o chicote. Já chega.

Houve uma nova torrente de insultos, proferidos com as palavras mais obscenas que lorde Arkley já havia escutado.

Mas o empregado falava de um modo suave e convincente ao mesmo tempo então, a voz do bêbado começou a se afastar, como se estivesse sendo levado para longe dali.

Já não ouvia a mulher, e lorde Arkley imaginou se ela estaria inconsciente, e se haveria alguém para ajudá-la.

Continuou esperando, para saber o fim do drama que havia começado a presenciar. Foi até a varanda e se encostou à balaustrada, tentando imaginar quem, entre os príncipes alemães, seria aquele bêbado brutal. Infelizmente, pensou, devia haver um bom número deles.

Como o rei, lorde Arkley achava intolerável a atitude de superioridade dos alemães, personificada pelo *kaiser*. A principal razão para Eduardo ter deixado de ir a Hamburgo era que, apesar de ser uma estação de águas muito agradável, era excessivamente alemã.

Como tudo tipicamente alemão, lá se obedecia a regulamentos quase militares, o que estava bem longe da informalidade que o rei considerava um dos maiores prazeres da vida, principalmente quando estava em férias.

Ele não só apreciava a tranquilidade da Áustria-Hungria em geral, e Marienbad em particular, mas também sentia um grande alívio de que a

Boêmia não estivesse sob bandeira alemã.

Hamburgo, ainda por cima, pertencia ao reino de seu sobrinho, e, para Eduardo VII, o imperador Guilherme II era a total negação de suas idéias sobre diversão e tranqüilidade.

— Principalmente — dizia lorde Arkley aos amigos —, porque o *kaiser* não esconde, e muitas vezes em público, o que pensa dos amigos do rei e de sua moral.

Como durante as três últimas semanas estivera viajando pela Alemanha, lorde Arkley começou a avaliar os pequenos reinos que tinha visitado e seus monarcas, grão-duques e príncipes. Todos tinham uma característica comum: uma certeza muito grande da própria importância.

No entanto, achava impossível que algum deles pudesse tratar uma mulher de maneira tão cruel.

Mas sabia de histórias bem desagradáveis sobre “Casas de Prazer” em muitos lugares na Alemanha, freqüentadas por oficiais, à procura de prazeres eróticos extravagantes. Achava inacreditável que algumas mulheres se submetessem a esse tratamento por dinheiro. E mais incrível ainda que uma delas estivesse no Hotel Weimar.

As varandas das suítes eram separadas apenas por um bloco de pedra colocado à altura de um homem e preso à treliça cheia de rosas e glicínias.

Portanto, lorde Arkley podia facilmente olhar para a outra varanda, através da treliça, e ver, claramente, uma mulher andando do quarto iluminado até a balaustrada.

Ela se movia como quem sente dores fortes e, embora não pudesse ver seu rosto, ele notou que estava muito fraca e que respirava com dificuldade.

Teve certeza disso, quando a mulher se apoiou na balaustrada, com ambas as mãos, para não cair.

As plantas estavam colocadas artisticamente, no centro da varanda, de tal forma que lorde Arkley podia vê-la perfeitamente, à luz das estrelas e dos jardins, que eram muito bem iluminados à noite.

Estava vestida de branco, e era muito magra e jovem; tanto que, por um momento, ele pensou se tratar de uma criança, o que aumentou sua raiva.

Então, a “criança” olhou para o céu, ainda apoiada na balaustrada, e lorde Arkley notou que se tratava, sem dúvida, de uma mulher bastante jovem.

Seus traços, delineados contra o céu, eram bem delicados e aristocráticos, e ele achou linda a linha suave de seu pescoço.

Certamente, não era uma criança. Viu diamantes brilhando em seu colo,

através do decote da camisola.

Notou que ela respirava fundo, numa tentativa de se recuperar da fraqueza que quase a fez desmaiar. Então, soluçou alto e voltou, lentamente, com passos incertos, para dentro do quarto iluminado.

Lorde Arkley viu-a entrar, e então bebeu o champanhe que tinha na mão, sentindo que era o que estava precisando.

Quem seria ela? E como podia uma mulher tão delicada ser tratada daquela maneira desumana?

Não vira seu rosto de perto, mas tinha certeza de que era muito bonita.

Lorde Arkley era um juiz experiente, no que se referia a mulheres. O rei costumava dizer:

— Não sei qual de nós dois é o pior libertino, Arkley, você ou eu. Pelo menos, eu tive uma boa iniciação.

Aquela era uma de suas piadas favoritas sempre a repetia. Lorde Arkley nunca falava de seus amores, mas era impossível, tanto para ele quanto para Sua Majestade, mantê-los totalmente em segredo.

Havia muitas mulheres lindas na corte, que deixavam sempre claro que ficariam encantadas em ter lorde Arkley como amante. Ele não seria humano, se não se aproveitasse dos favores daquelas damas, que tão generosamente se ofereciam.

Estava claro que as únicas regras que realmente importavam no Palácio de Buckingham eram: “Serás discreto” e “Não causarás escândalo”.

Tudo que dizia respeito aos casos de amor era arranjado da maneira mais discreta possível.

As damas que se orgulhavam de receber o rei e jovens como ele em suas lindas casas sabiam perfeitamente que aquelas ligações não seriam duradouras. Mesmo assim, algumas costumavam criar problemas. No momento, lorde Arkley tentava se libertar dos braços perfumados de uma senhora que já havia se tornado possessiva e exigente demais.

Ele amava sua liberdade e queria continuar dono da própria vida. Era um homem dominador demais para se tornar subserviente a alguma mulher. Embora fosse um amante ardente e sensível, não se deixava envolver em nenhuma relação.

Apesar da missão especial a que foi enviado pelo rei ter sido bastante cansativa, ele se sentiu aliviado em poder sair da Inglaterra e fugir de seus problemas pessoais.

Esperava que tivesse ficado bem.claro que aquela ligação não continuaria, depois que voltasse.

Mesmo sendo um homem dominador, seu cavalheirismo o fazia tratar as mulheres com delicadeza. Por isso, era quase impossível acreditar que o que tinha acabado de ouvir tivesse acontecido de verdade.

Voltou à sala de sua suíte, pensando que não conseguiria dormir, antes de satisfazer sua curiosidade e saber quem eram os hóspedes do quarto ao lado.

Seu criado o esperava, e tinha certeza de que Hawkins não o deixaria naquela situação incômoda por muito tempo.

Hawkins já estava com ele há dez anos, e conhecia quase todos os segredos de sua vida.

Nascido na província, vinha da fazenda de lorde Arkley. Seu pai era um grande guarda-caça, porém Hawkins tinha uma inteligência viva, que Arkley soube aproveitar, tornando-o seu criado particular.

Hawkins sabia como extrair segredos dos outros servos, e algumas vezes conseguia informações valiosas. Inúmeras outras vezes, também, havia bancado o Cupido.

Lorde Arkley saiu da sala, mobiliada em estilo pesado e pomposo, e se dirigiu ao quarto. Hawkins estava desfazendo uma das malas e já havia colocado na penteadeira de mogno sua escova de cabelo e alguns outros objetos.

— Deixe isso por um momento, Hawkins. Quero que descubra quem ocupa a suíte à nossa esquerda. Sei que pertence à nobreza, mas não sei de quem se trata.

Lorde Arkley pendurou no cabide o casaco que tinha nas mãos e colocou-o no guarda-roupa. Depois, sem perguntar mais nada, saiu do quarto. Dirigiu-se à sala, serviu-se novamente de champanhe e ficou imerso em seus pensamentos.

Estava aborrecido por não saber imediatamente quem era o hóspede do lado. Havia poucos nobres importantes na Europa que não conhecia, e sabia que sua posição na corte de Eduardo não o tornava bem-vindo.

No entanto, era sempre bem recebido, não havendo sinal visível de quais poderiam ser os sentimentos que sua presença despertava.

Não demorou muito para que Hawkins voltasse com a resposta desejada. O criado, que tinha um olhar atento, era adepto de fazer amizade com camareiras, especialmente se fossem atraentes. E as mulheres da Boêmia tinham um charme especial, apreciado não só por Hawkins, mas por um grande número de visitantes de Marienbad.

— Então, Hawkins? — perguntou lorde Arkley, ao vê-lo entrar e fechar

cuidadosamente a porta atrás de si.

— Os ocupantes da suíte ao lado, senhor, são Sua Alteza, o príncipe Friederich de Wilzenstein, e Sua Alteza, a princesa Mariska.

— Santo Deus!

Lorde Arkley apenas murmurou aquelas palavras. Depois, disse:

— Obrigado, Hawkins. Isto era tudo o que eu queria saber.

O criado voltou para o quarto, e lorde Arkley sentou-se numa poltrona confortável, para pensar na informação que acabara de receber.

Aquilo era algo que já devia ter imaginado, mas, em verdade, não tinha pensado em Friederich, grão-duque de Wilzenstein, como possível vilão daquele drama. No entanto, achou que havia uma boa desculpa para o fato.

Cerca de três anos atrás, toda a Europa, especialmente a Inglaterra, tinha ficado horrorizada com o crime cometido no dia do casamento do príncipe Friederich com a condessa Mariska Eszterházy.

Um anarquista, ressentido contra os políticos em geral e sobretudo contra os de origem alemã, havia jogado uma bomba no casal de noivos, no caminho entre a igreja e o castelo, onde se realizaria a recepção do casamento.

A noiva saiu ilesa, mas os médicos constataram que o noivo havia quebrado a espinha, o que significava que ficaria paralítico e condenado a uma cadeira de rodas para o resto da vida.

Foi um grande choque nas cortes, cada monarca temendo ser a próxima vítima.

Friederich era um dos mais elegantes príncipes alemães e havia tomado como modelo seu primo, o imperador Guilherme. Era, portanto, muito admirado pela nobreza alemã.

Alto, bonito, com vários duelos a seu favor, ele era, de fato, um jovem com quem lorde Arkley antipatizava; pelo menos, até ser vítima daquela bomba.

Como era de se esperar, o infeliz casal desapareceu dos círculos sociais, após o acidente, e, durante mais ou menos um ano, o príncipe Friederich esteve entre a vida e a morte.

Lorde Arkley lembrava-se de ter ouvido comentar que Sua Alteza ia a todas as estações de águas, na esperança de que algum milagre pudesse curá-lo.

Mas parecia incrível que, apesar de todo o seu sofrimento, ele tivesse se habituado a bater na esposa, que, a julgar pela aparência tão delicada, jamais teria lhe dado algum motivo para aquela violência.

Os Eszterházy eram uma das famílias mais antigas e nobres da Hungria.

Lorde Arkley tinha uma vaga lembrança de que o ramo da princesa Mariska era um dos menos importantes e não tão ricos como os do príncipe Miklós, o chefe do clã.

O casamento foi considerado como um grande triunfo da moça que, não pertencendo à primeira linha da nobreza, passava assim a ser princesa, ainda que os Wilzenstein não fossem uma família muito importante.

Na realidade, a propriedade dos Wilzenstein, situada entre Brandemburgo e a Saxônia, era tão pequena, que só com o patrocínio do *kaiser* havia adquirido alguma importância.

O imperador alemão só visava seus próprios interesses, e após a tragédia, Wilzenstein e seu governante aleijado foram totalmente esquecido pela corte de Berlim.

As conseqüências de uma bomba anarquista não terminam com sua explosão, pensou lorde Arkley.

Decidiu que, no dia seguinte, renovaria seu contato com o príncipe Friederich.

Após uma boa noite de sono, acordou cedo e verificou que ainda não eram seis e meia.

Arkley sabia que àquela hora o pajem do rei, Meidinger, devia ter acordado com a música da banda que tocava no pátio, e entraria no quarto do patrão, para levantar as cortinas.

A rainha Alexandra costumava provocar o marido, dizendo que o rei sempre fazia a mesma pergunta:

— Como está o tempo hoje, Meidinger?

Tão logo a resposta era dada, o rei se levantava e se vestia.

Pouco depois de sete e meia, tendo o secretário de um lado e um cavalição do outro, ele se dirigia, animado, para seu passeio num lugar conhecido como Kreuzbrunnen.

Lorde Arkley, que não gostava de ficar na cama à toa, achou que aquele era um bom momento para anunciar sua chegada. Chamou Hawkins, e depois de tomar o café da manhã na sala, caminhou para Kreuzbrunnen, para encontrar o rei.

O dia estava lindo e Marienbad era muito agradável. O caminho, bem largo, tinha uma fila de árvores de um lado e lindas colunas do outro.

Aquele passeio era um acontecimento social, e, durante ele, podiam-se tomar as águas ricas em ferro.

Os senhores, que seguiam o exemplo do rei, usavam roupas cinzentas e chapéus com abas viradas para cima. Todos levavam uma bengala ou um

guarda-chuva e, claro, uma caneca com água sulfurosa, que tomavam, enquanto conversavam.

Geralmente, as senhoras só apareciam mais tarde, em suas roupas caras e com enormes chapéus cheios de flores, cada uma levando um guarda-sol, além das canecas.

Tendo se atrasado para cumprimentar vários amigos que lhe davam boas-vindas, lorde Arkley finalmente pôde se encontrar com o rei.

Eduardo, como sempre, conversava com uma linda mulher.

Lorde Arkley aproximou-se e esperou que o rei terminasse sua conversa com a dama, pois notara que era uma conversa bastante íntima.

— Às cinco horas — disse, finalmente, Sua Majestade. — Estarei ansioso para vê-la.

Arkley entendeu que o rei ia visitar a senhora na hora do chá. Para aqueles encontros, que eram ansiosamente esperados, havia uma série de preparativos: lindos vestidos eram especialmente criados, bem como uma variedade de roupas íntimas.

Normalmente, sentia-se perfume no ar, e as cortinas eram abaixadas.

O rei então se afastou da linda dama e viu lorde Arkley. Havia uma grande satisfação em sua expressão, quando o cumprimentou.

— Então, você finalmente chegou Arkley! Eu o esperava ontem.

— Cheguei após o jantar, senhor, e achei que se fazia muito tarde para falarmos.

— Nunca é tarde ou cedo demais para que eu esteja interessado no que você tem para me dizer. Venha! Mal posso esperar para ouvir seu relatório!

Caminhou, rapidamente, para longe das colunas, dirigindo-se a um local onde não havia tanta gente.

Tendo tirado o chapéu, para cumprimentar duas *demi-mondaines* que lhe lançavam olhares convidativos, e saudado vários dignatários estrangeiros, dirigiu-se a uma cadeira vazia, no meio de um pequeno gramado cercado de flores, onde se encontravam apenas alguns pombos famintos.

O rei sentou-se, enquanto seu secretário e seu cavaleiro se afastavam, discretamente, mantendo-se alerta, para que ninguém incomodasse Sua Majestade.

— Então? — disse o rei, sentando-se tão confortavelmente quanto sua enorme barriga permitia e olhando para lorde Arkley, atento.

— A situação é exatamente como o senhor imaginava: o *kaiser* está incitando o povo contra a Inglaterra e os oficiais de seus regimentos seguem seu exemplo, numa atitude rude e agressiva.

— Exatamente como eu esperava.

O ciúme do *kaiser* em relação ao tio, seu comportamento durante a guerra dos Bôers e sua aspereza em relação à mãe inglesa, antes que ela morresse, deixava o rei e muitos outros ingleses bastante apreensivos quanto ao futuro.

As relações de Eduardo VII com a Alemanha nunca foram fáceis e Guilherme II havia-se tornado extremamente desagradável, criando, de propósito, problemas para seu tio, em Cowes.

Na última regata, havia feito tal confusão que o rei chegou a comentar com os amigos:

— A regata de Cowes costumava ser um feriado agradável para mim, mas agora que o *kaiser* tomou a direção, a festa tornou-se aborrecida é cansativa como uma parada militar!

O rei tinha ido para a Alemanha em 1901, para visitar a irmã, mãe de Guilherme, que estava morrendo de câncer em Friedrichsof. Como deixara claro que aquela visita tinha caráter estritamente pessoal, foi bastante desconcertante saltar do trem em Frankfurt e encontrar o sobrinho, devidamente uniformizado, esperando por ele com a Guarda Militar.

O fato, no entanto, não era tão desagradável como as constantes referências do *kaiser* aos ministros britânicos como “completamente loucos”.

Pior ainda foi no ano seguinte, quando Guilherme II foi à Inglaterra.

Apesar de todos os esforços feitos para tornar sua visita agradável, com jantares e caçadas, músicos e atores trazidos de Londres para distraí-lo, ele não fez outra coisa, o tempo todo, senão reclamar.

Se o *kaiser* não achava os ingleses gentis, a recíproca era verdadeira. Ficaram horrorizados, quando alguns membros de sua comitiva sacaram seus revólveres para atirar nas lebres, e se irritaram com seu pedantismo ao mostrar conhecimento sobre todo e qualquer assunto.

As relações entre os dois governantes rapidamente se deterioraram e, naquele ano, o *kaiser* fez um discurso empolgado, em Tânger, afirmando o crescente interesse que a Alemanha tinha pelo Marrocos.

Foi uma tentativa desesperada de criar discórdia, antes que fosse concretizado um pacto anglo-franco-russo. No entanto, os alemães não tiveram sucesso na conferência no Marrocos, e a França, apoiada pela Inglaterra, conquistou o poder de dominar aquela área.

O *kaiser* estava convencido de que o tio queria destruir a Alemanha e estava mais ressentido do que nunca.

— Ele é um demônio! — disse Guilherme, num banquete em Berlim ao

qual lorde Arkley estava presente. — É difícil imaginar que tipo de demônio ele é!

Ainda havia outros comentários do mesmo tipo, que Arkley teria que repetir para o rei, com toda a lealdade.

No entanto, nada disse sobre os insultos do *kaiser* à falta de moral da sociedade inglesa e, em particular, das relações do rei com a sra. Keppel.

Mas ainda que, deliberadamente, não tocasse no assunto, tinha quase certeza de que alguém já lhe havia contado o fato. Todos sabiam que o rei era muito sensível àquele assunto.

Havia muito o que relatar. Lorde Arkley mencionou o ritmo frenético em que os alemães estavam construindo navios de guerra, que seriam maiores do que os dos ingleses. E era desagradavelmente significativo que o Exército alemão crescesse ano após ano, ou até mês após mês.

O rei ouvia atentamente, o que era uma de suas melhores qualidades.

Agradeceu a lorde Arkley e, levantando-se, disse:

— Você ainda tem que me contar muito mais. Quero saber todos os detalhes sobre os sentimentos dos meus outros parentes. Mas, agora, vou fazer minha, ginástica.

Com um sorriso que conquistava não só as pessoas, mas nações inteiras continuou:

— Obrigado, Arkley. Tinha certeza de que podia confiar em você e, sem dúvida, voltarei a usar seus serviços brevemente. — Sorriu. — Até lhe darei umas pequenas férias, e creio que encontrará algumas mulheres muito bonitas por aqui! Deixei uma ou duas para você!

— É muita gentileza, senhor — Arkley respondeu, piscando.

— Vamos voltar às colunas, e ver quem encontramos por lá — sugeriu o rei.

Tomaram o caminho de volta, seguidos pelo secretário e pelo cavaleiro de Sua Majestade. Logo ao chegar ao Kreuzbrunnen, lorde Arkley viu um homem numa cadeira de rodas vindo em sua direção.

Naquele momento, mal pôde reconhecer o príncipe Friederich.

Antigamente, ele era bonito, com traços bem marcados. Agora, o que se via era um homem extremamente gordo, com cicatrizes no rosto, que sobressaíam na pele vermelha e na cara vulgar.

Parecia impossível que alguém mudasse tanto em apenas três anos. Mas não havia dúvida: aquele era o príncipe Friederich!

A seu lado, caminhava a figura delicada, vestida de branco, que lorde Arkley havia visto na noite anterior, na varanda.

Apenas um olhar ao rosto da princesa mostrou que ainda tinha a mesma beleza do tempo em que se casou. No entanto, em contraste com o marido, era muito magra e a pele parecia alabastro: de tão pálida, era quase transparente.

Seus olhos eram enormes, sendo quase impossível não notar a dor e a angústia estampadas neles. O cabelo era escuro, embora lorde Arkley esperasse que fosse ruivo, por ela ser húngara.

Ao ver o rei, o homem que empurrava a cadeira de rodas saiu do meio do caminho, e lorde Arkley notou que o príncipe e a princesa eram seguidos por dois grandalhões, que imaginou serem guarda-costas.

O rei tirou o chapéu de abas curvas e cumprimentou-os:

— Bom dia, Friederich. Bom dia, Mariska!

O príncipe rosnou algo em resposta, mas a princesa respondeu delicadamente, e o rei, com uma cortesia até surpreendente num homem de seu tamanho, inclinou-se e beijou as mãos dela.

— Está um lindo dia — ele disse — e você é uma pessoa adorável. A princesa sorriu. Por um momento, a tristeza sumiu de seu rosto.

— Sua Majestade sempre me diz coisas muito bonitas — ela respondeu, com uma voz doce e suave.

— Deixe-me apresentá-la a um inglês muito gentil, que acaba de chegar. Prometi lorde Arkley que encontraria algumas lindas mulheres em Marienbad, e então você aparece!

A princesa olhou timidamente para Arkley e o rei colocou a mão no ombro de Friederich.

— Creio que já conhece Arkley, príncipe.

— Estive em Wilzenstein — há alguns anos atrás, senhor, e fui muito bem recebido. Lembro-me de um dia muito agradável que tivemos, caçando e praticando esporte.

— Eu me lembro — disse o príncipe, com voz abafada. — Como vê, já não posso praticar nenhum esporte.

— Sua Alteza conta com a minha sincera simpatia — lorde Arkley respondeu, em voz baixa.

O rei conversava animadamente com a princesa. Arkley sabia que ele achava a atitude depressiva do príncipe extremamente aborrecida.

Sentindo que devia fazer um esforço para ser gentil, comentou que acabara de regressar de Brandemburgo e da Saxônia.

— É verdade? — o príncipe perguntou, interessado.

— Sim. De fato, fiz uma boa excursão e apreciei particularmente os

momentos que passei em Hesse.

Não havia dúvida de que o assunto agradava ao príncipe, que conversou animadamente por alguns momentos. De repente, porém, disse:

— Está na hora da minha massagem.

Aquelas palavras não foram dirigidas a lorde Arkley, mas ao homem que empurrava a cadeira de rodas.

— Ainda faltam cinco minutos, Alteza — o outro disse.

— Não responda, mova-se. Mova-se, rápido!

Era uma ordem que parecia ter sido dada a um pelotão, e imediatamente a cadeira de rodas começou a se mover.

Lorde Arkley reconheceu a voz do empregado. Lembrava-se de tê-lo ouvido pedindo ao patrão que lhe entregasse o chicote. Devia ter sido ele que levara o príncipe para dentro do quarto, deixando a princesa semi-inconsciente no chão.

Ela estava sorrindo por alguma coisa que o rei lhe havia dito: por um momento, pareceu jovem e feliz. Talvez, feliz como no dia em que marcou seu casamento, invejada por todas as amigas porque ia se tornar princesa de um país pequeno, mas próspero.

Parecia incrível que ela tivesse amado aquele homem. Embora não houvesse dúvida de que ele devia estar apaixonado, para se casar com uma mulher socialmente inferior.

Era um comportamento muito antigermânico, apesar de os Eszterházy serem uma família tão importante em seu país, que não causava surpresa o fato de um de seus membros desposar um monarca.

Apassionados ou não, seria um trauma para qualquer moça viver tal experiência no dia do casamento e ter todo o seu futuro destruído por uma bomba assassina.

— Você tem que vir jantar comigo uma noite, minha querida — disse o rei para a princesa Mariska.

— Friederich não me deixaria ir sozinha, e ele não tem saído muito, ultimamente. Por favor, tente persuadi-lo a ir, Majestade — pediu a princesa.

Então, olhou consternada, para a cadeira de rodas, que já se afastava rapidamente.

— Devo ir — disse assustada.

Cumprimentou o rei e olhou, por um segundo, para lorde Arkley, que já estava a seu lado. Então, com um movimento delicado como uma gazela, virou-se e correu.

— Pobre criança — disse o rei. — E pobre diabo! Que vida! No lugar

dele, eu preferia estar morto!

Lorde Arkley concordou.

Voltaram ao Kreuzbrunnen e, por ser mais tarde, as senhoras já se encontravam lá, bonitas como flores exóticas e tão atraentes que não pareciam precisar das famosas águas para nada.

O rei estava contente. Não havia nada que apreciasse mais do que a atenção de mulheres lindas. Já que não estava ali oficialmente, havia sempre a possibilidade de acontecer alguma aventura agradável.

Lorde Arkley lembrava-se de como, no ano anterior, uma atriz americana, Maxine Elliot, que em Londres não era convidada pelas senhoras aos jantares oferecidos ao rei, havia chegado a Marienbad.

Ela reservou alguns quartos no Hotel Weimar, e logo estava a par da rotina de Eduardo. Numa linda manhã, vestida exoticamente, sentou-se num banco, perto da Kurhaus, aparentemente absorvida na leitura de um livro.

Naquela manhã, o rei estava acompanhado por *sir* Friederich Ponson-by e dois de seus melhores amigos. Quando passou por ela, Maxime Elliot tirou seus grandes olhos escuros do livro e seu olhar se encontrou com o do rei.

O grupo seguiu seu caminho e, um minuto depois, um dos criados do rei voltou com um recado:

— Sua Majestade acredita que a senhora é miss Elliot. Tornou-se seu fã, quando assistiu a sua última peça, e ficaria encantado com sua presença no jantar que a Sra. Arthur James está oferecendo em sua homenagem, hoje à noite. As dezenove e quarenta e cinco, no Hotel Weimar. Um convite será entregue em seus aposentos.

O fim da história pensou lorde Arkley, com um sorriso cínico, foi exatamente o que Maxine Elliot tinha planejado.

Mas o rei não era a única pessoa requisitada por ali havia um bom número de senhoras que teriam um enorme prazer em conhecer lorde Arkley. Havia uma expressão nos olhos delas que ele conhecia muito bem: especulativa, imaginando se ele estava livre, provocativa e, claro, convidativa.

Aquilo tudo era bem agradável. Porém, ao voltar para o Weimar, toda a preocupação de Arkley estava concentrada no que acontecia na suíte ao lado da sua.

Não havia dúvida de que a princesa Mariska era mais bonita do que qualquer outra mulher que tinha visto em Marienbad. Para ser sincero, era uma das mulheres mais lindas e especiais que havia visto em toda a sua vida.

CAPÍTULO II

— Não há nenhuma dúvida, senhor — disse lorde Arkley para o rei —, que os alemães começam a ter pesadelos sobre um acordo entre Inglaterra, França e Rússia.

— Isto era exatamente o que eu pensava.

O rei Eduardo havia mandado chamar o amigo e conversavam em sua suíte, no Weimar, que havia sido decorada e mobiliada num estilo que o proprietário imaginava ser do agrado de um rei inglês: havia uma lareira com cornija de mogno vermelho e, em frente a ela, duas confortáveis poltronas de couro.

Arkley apreciava o fato de que a cada ano a suíte real era especialmente decorada num estilo diferente.

Na verdade, não se tratava de nenhuma extravagância do proprietário, pois, depois que Eduardo partia, todos os tapetes que tinha usado eram vendidos como *souvenirs* por muito mais do que valiam.

O rei já havia tomado conhecimento de uma boa parte do que tinha para lhe dizer. Arkley sabia que estava muito envolvido em seus esforços para promover o interesse francês no Marrocos e, também, estreitar relações cordiais recém-iniciadas entre a França e a Grã-Bretanha.

Ao sair do quarto do rei, uma hora depois, era portador de um segredo que, tinha certeza, teria alarmado ainda mais os alemães: as instruções secretas que o general Brun, chefe do Serviço Geral Francês, tinha enviado a seu adido militar em Londres, no início do mês. Tratava-se de averiguar o tipo de ajuda que o Exército inglês poderia dar à França, no caso de uma guerra com a Alemanha.

Lorde Arkley não perguntou ao rei como havia tomado conhecimento de uma informação tão confidencial. Mas sua astúcia lhe permitia entender que aquele era o primeiro fio de uma teia de “entendimentos” que, eventualmente, uniria firmemente a França e a Inglaterra contra o poder e a ambição do Alto Comando alemão.

— Você será informado do progresso deste projeto, dia-a-dia. Mas, pelo amor de Deus, Arkley, tome cuidado com o que disser em Marienbad. Tenho um pressentimento de que os espiões de meu sobrinho estão por aqui.

Lorde Arkley não duvidava.

Por isso, não foi surpresa, quando voltou para seu quarto, encontrar no corredor dois oficiais alemães, resplandecentes em seus uniformes do alto

escalão.

Os oficiais se dirigiram à suíte do príncipe Friederich e Arkley pensou que, se era uma visita de cortesia, mostrava que, pelo menos, o *kaiser* ainda tinha alguma consideração por quem o havia servido tão bem, no passado.

Voltou ao quarto, imaginando o que fazer para se encontrar novamente com Friederich e, para ser honesto consigo mesmo, com a esposa dele.

Só estava a um dia em Marienbad e já estava envolvido numa série de acontecimentos sociais. Toda hora chegavam convites para jantares e festas em homenagem ao rei, almoços, jogos de *bridge* e teatros.

Também já havia merecido as atenções da viúva do príncipe Joachim Murat e da marquesa de Ganay, ambas as mulheres charmosas, velhas amigas do rei. Esperava que elas concentrassem seu interesse em Eduardo, e não nele.

No entanto, sentia que o rei, que adorava intriga e o que lorde Arkley chamava de “histórias de espionagem”, começava a exigir sua presença mais do que o necessário.

Que desagradável, pensou. Afinal, também estou de férias é como duque de Lanchester, quero permanecer incógnito!

Sabia que havia cumprido muito bem a missão que o rei lhe dera, nas três semanas que passara na Alemanha.

Naquele momento só queria pensar em se divertir, e isto significava um relacionamento mais profundo com a princesa Mariska.

Inquieto, caminhou até a varanda, na esperança de vê-la, através das treliças, mas lá não havia ninguém e nenhum som vinha da sala.

Desapontado, embora sem razão para tal, lorde Arkley pensava se iria dar uma caminhada até o Cassino, e talvez visitar uma das mulheres atraentes que o haviam convidado, quando ouviu a voz rude do príncipe.

— Ah! Aí está você! Onde, diabos, se meteu?

— Eu lhe disse, Friederich, que havia prometido visitar a duquesa. Ela está muito velha para sair do quarto, e me pediu para ir vê-la e dar notícias suas.

— Quando eu quiser que você banque a babá de uma velha que já devia ter morrido há muito tempo, eu lhe direi!

— Eu, . . . lamento muito, Friederich.

— Deve mesmo lamentar. Eu tinha visitas, e você devia estar aqui para recebê-las.

— Visitas?

Era difícil ouvir bem o que ela dizia, porque falava baixo e suave, mas o

príncipe gritava, zangado, e cada palavra de seu alemão gutural podia ser ouvida com bastante clareza.

— O barão Von Echardstein e o almirante Von Senden vieram aqui, especialmente para me visitar.

— Oh, Friederich, que honra para você! Estou tão contente!

— Como vê, não sou tão imprestável como você pensa.

— Nunca pensei isto de você — respondeu a princesa, mansamente.

— O imperador precisa de minha ajuda.

Havia um tom tão orgulhoso na voz grossa dele, que lorde Arkley, que estivera prestando atenção na conversa pelo puro prazer de ouvir a princesa, ficou rijo e tenso.

— Como você pode ajudá-lo, Friederich?

— Não tem que fazer perguntas. Só tem que fazer o que eu mandar. Primeiro, traga-me um drinque.

— Acha que ... deve? — a princesa hesitou. — Sabe o que o ... doutor disse.

— *Gott im Himmel!* Quer parar de discutir e obedecer? Você é estúpida e imprestável, e foi por casar com você que estou nesta situação. Portanto, podia pelo menos fazer o que peço.

O príncipe estava aos berros e a princesa, com receio de que seus gritos chegassem aos outros quartos, fechou a janela. Assim, lorde Arkley não pôde mais ouvir o que era dito. Ao voltar para a sala, estava sério e preocupado.

O que poderiam o general barão Von Echardstein, que já havia sido encarregado de negócios em Londres, e o almirante Von Senden quererem de Friederich?

Parecia improvável que, na sua situação, pudesse ter alguma utilidade para o *kaiser*, mas tinha ficado claro que esperavam algo importante dele. O que seria?

Pensou em contar ao rei o que tinha ouvido. Depois, achou que seria muito embaraçoso confessar que estivera ouvindo conversa alheia.

Seria algo relacionado com o rei?

Tinha certeza de que Eduardo, com sua extraordinária percepção, onde quer que haja uma mulher bonita envolvida, logo entenderia que seu interesse não era pelo príncipe, mas por sua esposa.

— Não que eu esteja tão interessado — lorde Arkley disse para si mesmo —, mas preocupado com o fato de alguém tão jovem e atraente estar presa a um bruto como esse, não importa que desculpas se possa dar para seu comportamento.

Tentou se convencer de que um dos motivos de seu interesse era o fato de a princesa ser meio inglesa.

Na noite anterior, quando acordou e ficou pensando nela, lembrou-se de que a mãe de Mariska era filha do duque de Dorset. Aquilo explicava seu inglês perfeito e também por que, no momento em que estava apavorada, tivesse falado inglês, e não alemão.

Lorde Arkley ficou nervoso, só de pensar na maneira pela qual ela estava sendo insultada. Para espairecer um pouco, pegou seu chapéu e bengala e andou pelos jardins de Weimar, em direção a Kurhaus.

Não gostava de jogar durante o dia, mas sabia que, ainda que não tivesse vontade de jogar, encontraria pessoas conhecidas. Devido aos visitantes que eram atraídos pela presença de Eduardo, o cassino de Mariendab começava a rivalizar com os de Hamburgo e Monte Carlo.

A primeira pessoa que encontrou foi *sir* Henry Campbell-Bannerman, líder do Partido Liberal. Por causa da saúde delicada da esposa, havia se tornado um visitante regular de Marienbad há alguns anos.

— Prazer em vê-lo, Arkley! Suponho que tenha vindo se unir ao grupo de Sua Majestade, que, eu acho, se torna cada dia mais exaustivo.

Lorde Arkley riu do comentário. Sabia que Campbell-Bannerman desaprovava o rei, antes de conhecê-lo bem, assim como Sua Majestade imaginava que teria pouco em comum com um liberal. O rei tinha um certo preconceito contra velhos políticos, pois imaginava que fossem muito prosaicos e aborrecidos.

A princípio, Eduardo mal tomou conhecimento da presença de *sir* Henry; mas, um dia, convidou-o para almoçar e viu que se tratava de uma ótima companhia, cheio de humor e apreciador de boa comida. Depois disso, todas as vezes que o rei chegava a Marienbad, requisitava a presença de Campbell-Bannerman para distraí-lo.

Sorridente, lorde Arkley perguntou:

— O que aconteceu? Você parece tão cansado!

—Estou mesmo cansado. Fiquei tão esgotado com as constantes brincadeiras do rei! Sua energia e apetite são fantásticos. Eu lhe garanto, Arkley. Isso não parece férias nem descanso.

O outro achou graça, e *sir* Henry continuou, com um sorriso:

— Tenho algo para lhe mostrar, que realmente agradará ao rei.

— O que é?

Sir Henry mostrou um desenho, onde Eduardo aparecia, conversando com ele nos jardins da Kurhaus. O rei tinha o punho cerrado, indicando um

ponto para o qual *sir* Henry olhava, com toda a atenção. Sob o desenho, havia a seguinte legenda:

“Isto é paz? Ou guerra?”

Devolveu o papel, dizendo:

— Gostaria de fazer a mesma pergunta.

— O assunto tão importante, para o qual o rei queria minha opinião — Henry respondeu —, era se o *haddock* é melhor cozido ou assado.

Lorde Arkley riu, jogando a cabeça para trás. Naquele momento, pensou que ali estava a pessoa a quem poderia confiar sua curiosidade a respeito da visita que o Alto Comando alemão havia feito ao príncipe Friederich.

Começou mesmo a abrir a boca, quando algo o fez desistir da idéia. Sentiu que aquele problema era seu e de ninguém mais. Ou seria um desejo de proteger a princesa?

Não tinha certeza. Só sabia que não queria discutir sobre o casal Wilzenstein, nem com *sir* Henry Campbell-Bannerman nem com ninguém mais.

De forma que, tão depressa como havia chegado ao cassino, voltou para o Weimar, imerso em pensamentos.

Ainda não tinha decidido qual dos convites para festas aceitaria.

Havia pajens no hotel, à disposição dos hóspedes, para levar cartas a qualquer parte da cidade, mas em geral não precisavam ir muito longe. A maior parte dos visitantes estava ali por causa do rei, e se hospedava no Weimar ou nos hotéis vizinhos.

A primeira coisa que viu, ao entrar em sua suíte, foi uma carta, que não estava lá, quando saiu. Pegou-a, imaginando qual das senhoras que conhecia estaria acrescentando seu convite aos já recebidos. Ou seria algo mais íntimo, de uma das damas encantadoras que lhe deram especial atenção durante o almoço?

Lorde Arkley olhou para seu nome escrito no envelope e não reconheceu a letra elegante. Abriu, curioso. Ao ver a assinatura, tornou-se subitamente alerta:

“Prezado lorde Arkley:

O príncipe e eu ficaríamos muito contentes se o senhor viesse jantar conosco hoje, em nossa tranqüila sala de estar. Meu marido pede que lhe diga que seria um grande prazer encontrá-lo novamente e recordar os velhos tempos, quando o senhor esteve em Wilzenstein. Esperamos que possa vir às sete e quarenta e cinco.

Cordialmente.

Mariska de Wilzenstein”.

Mal podia acreditar no que acabava de ler. Ao mesmo tempo, sua mente trabalhava, ativamente.

Havia algo escondido por trás daquele convite, e não conseguia deixar de pensar que, de alguma forma, tinha alguma relação com a visita dos dois oficiais alemães.

Qualquer pensamento relativo a férias devia ser posto de lado estava de volta à sua posição política, que pensou poder esquecer durante sua estada em Marienbad. Enquanto se vestia para o jantar, sentiu o mesmo interesse e emoção que o assaltaram, quando foi enviado em suas primeiras missões, a serviço do rei.

Seu pai queria que ele seguisse carreira no Serviço Diplomático e, inicialmente, ele havia trabalhado no Departamento de Estrangeiros, quando saiu de Oxford.

Tal posição parecia inevitável, depois de ter se distinguido em línguas modernas e ser considerado um dos jovens mais brilhantes da universidade.

Dois anos mais tarde, o pai faleceu e ele se tornou mais interessado em política do que em diplomacia, até que o Departamento de Estrangeiros o enviou em visita a vários países, com uma carta secreta e muito especial.

O fato de falar diversas línguas abriu-lhe todas as portas dentro e fora da Inglaterra. Mas poucas pessoas sabiam que o russo era um desses idiomas, graças ao qual conseguiu algumas informações preciosas em São Petersburgo.

Não escapou ao rei o fato de que ele era também uma companhia muito agradável, além de fazer bastante sucesso com as mulheres, ser um esportista e bom contador de histórias.

Pouco a pouco, lorde Arkley foi sendo cada vez mais requisitado para festas no palácio, e logo Eduardo começou a enviá-lo em missões particulares, nas quais se saía muito bem.

No entanto, aquele tipo de trabalho tornava-o uma pessoa extremamente desconfiada.

Devido à situação de tensão na Europa, havia um grande número de espões em todos os países, alguns dos quais eram mulheres lindas e sedutoras.

Lorde Arkley aprendeu a ser sempre cauteloso.

Apesar de saber que não havia razão para suspeitas, pois se tratava de um simples jantar, seu instinto advertia de que podia existir algum perigo escondido naquele convite.

— O senhor não vai se atrasar? — perguntou Hawkins.

— Já estou quase pronto.

Acabou de prender na camisa branca as abotoaduras de pérolas, presente da mulher que o iniciara na arte do amor.

Sempre pensava nela, ao colocar as abotoaduras. Não tinha sido apenas bonita, mas muito suave. Ele a adorava, naquela época, e agora reverenciava sua memória. Achava que todas as mulheres com quem havia feito amor, depois, ficavam muito a dever à sua primeira amada.

Pensou que estava se tornando um sentimental. Mas não era o único homem a procurar o êxtase do amor, que havia conhecido e perdido, e que, talvez, nunca mais encontrasse.

Sabia que, se após o jantar com o príncipe Friederich, quisesse outro tipo de distração, poderia encontrá-la ali mesmo, em Marienbad.

Exatamente as sete e quarenta e cinco, saiu de seu quarto para a suíte ao lado.

A porta foi aberta por Josef, o criado que o conduziu à sala de estar e o anunciou.

A princesa Mariska estava de pé, ao fundo da sala, que era maior do que a da suíte de lorde Arkley. Estava vestida de branco e, ao ouvir seu nome, caminhou em sua direção.

Com uma pequena tiara no cabelo escuro, ela lhe pareceu uma linda deusa, vinda do céu, completamente alheia aos problemas e atribulações da raça humana.

Segurou sua mão e a beijou, polidamente, pensando que parecia impossível que, na noite anterior, ele a tivesse ouvido chorar tanto e que ela tivesse apanhado a ponto de ficar semi-inconsciente.

A princesa usava uma delicada estola de *chiffon* que cobria o decote de suas costas e que era presa nos ombros por dois broches de diamantes.

— Estou muito contente que tenha vindo jantar conosco, lorde Arkley.

— Foi muito gentil da parte do príncipe convidar-me.

— Meu marido ficará muito contente.

Lorde Arkley virou-se na direção de Friederich, que, sentado em sua cadeira de rodas com uma cobertura sobre os joelhos, conversava com um senhor idoso, que foi apresentado como o barão Karlov.

Arkley sabia que ele era da Boêmia e tinha uma casa perto de Marienbad. Já o havia visto em outras visitas, porém ainda não tinham sido apresentados.

— Como está, Arkley? — perguntou o príncipe, num tom bastante gentil.

O barão ficou conversando com a princesa, enquanto ele, como era

esperado, recordava com o príncipe os velhos tempos.

Por um momento, pensou ter visto novamente, por detrás daquele rosto cheio de si, a imagem do homem bonito e autoconfiante do qual nunca tinha gostado.

Mas, devido à sua enfermidade, lorde Arkley fez todo o possível para tornar a conversa agradável.

O jantar foi servido na sala e eles se sentaram à mesa iluminada com velas. A única nota desagradável durante a refeição foi quando o príncipe insultou um dos garçons, por não encher seu copo tão rápido como queria.

Não fosse aquilo, Arkley pensou, teria sido apenas um jantar comum e maçante que, em outras circunstâncias, ele desejaria que acabasse o quanto antes.

Notou os olhares ansiosos e assustados que a princesa dava ao marido, a maneira como se tornava subitamente tensa, quando ele lhe dirigia a palavra, como se, por um segundo, ela parasse de respirar.

No entanto, sua dignidade era tão natural quanto seu orgulho, e lorde Arkley sabia que ela preferiria morrer a revelar seus sentimentos íntimos a um estranho.

O orgulho dos magnatas húngaros era bastante conhecido, o dos Eszterházy em particular.

Apesar de só ter visitado a Hungria uma vez, sabia que as pessoas como o príncipe Miklós Eszterházy e seus amigos eram muito cultas e amantes das artes. Entre aqueles que viviam em seu enorme palácio, sempre havia um pintor, um músico, um viajante ou explorador famoso.

Tinha ficado surpreso com a vida luxuosa dos nobres húngaros e com o conforto de suas casas. Por exemplo: as ostras eram enviadas de Fiume e Trieste para os lugares mais remotos da Hungria, enquanto que as damas da sociedade importavam seus vestidos de Paris e os cavalheiros encomendavam seus ternos em Savile Row.

Uma das coisas que mais admirava nos húngaros eram seus cavalos e a maneira como os montavam. Quando mencionou aquilo à princesa, notou seus olhos brilharem e a tristeza e o medo desaparecerem, por um momento.

— Meu pai era um excelente cavaleiro — ela disse. — Embora nosso estábulo não fosse muito grande, os cavalos eram maravilhosos!

— Costuma montar quando vem aqui?

— Às vezes, monto, quando estou em casa, mas o príncipe não gosta que eu faça... nada que ele... não possa fazer.

Era típico, pensou lorde Arkley, do egoísmo e da brutalidade daquele

homem.

— Deve ser difícil para a senhora. Gostaria de poder convidá-la para passear a cavalo comigo na floresta, onde há lindos caminhos entre os pinheiros, especialmente o que leva ao Monastério de Teppel.

— Adoraria ir até lá — a princesa respondeu. — Ouvi dizer que o abade organizou uma caçada para o rei Eduardo no ano passado, o que me pareceu uma coisa muito estranha para ser feita por religiosos.

— Eles queriam agradá-lo — lorde Arkley sorriu — e o rei gosta muito do Monastério. Toda vez que vem a Marienbad, vai até lá, toma um bom chá, e os monges o apreciam muito!

— É bem compreensível. Ele é um rei tão alegre e tão diferente... Ela parou de repente. Lorde Arkley imaginou que estivesse a ponto de dizer algo indiscreto.

O jantar terminou e ela olhou nervosamente para o príncipe se dirigindo a um criado. Levantou-se, imediatamente, e Friederich pediu vinho do Porto e *brandy*.

— Agora podemos nos divertir. Diga-me, Arkley, o que você acha da situação política na Alemanha?

As respostas de Arkley eram bem cautelosas, e logo ficou claro para ele que o príncipe estava tentando embebedá-lo.

Friederich e o barão lhe faziam perguntas a que, se respondesse com a verdade, muita gente em Berlim ficaria interessada.

No entanto, lorde Arkley tinha experiência suficiente para não se deixar enganar pela amabilidade do anfitrião ou pelos excelentes vinhos do Porto e ótimo *brandy*.

Em vez de responder, via o príncipe e o barão ficarem cada vez mais bêbados.

Finalmente, achando a conversa aborrecida e desagradável, desistiu dos esforços para conversar com aqueles dois.

— Beba, meu velho, beba — repetiu o príncipe.

Vendo que lorde Arkley não cedia, e respondia a suas perguntas com monossílabos, disse, sem graça:

— Creio que preciso me deitar agora. Estes médicos enjoados, que ficam me dando ordens como se eu fosse um recruta, passam o tempo todo repetindo que devo dormir bastante.

Suas palavras despertaram os convidados.

— Quero agradecer a Sua Alteza Real por esta noite agradável — disse Arkley.

— Ainda não acabamos de conversar tudo o que queremos — respondeu o príncipe, engolindo as palavras. — Temos que nos encontrar de novo, Arkley. Breve, muito breve.

Tratava-se mais de uma ordem do que um convite, e o outro inclinou a cabeça.

— Será um prazer. Por favor, transmita minha gratidão à princesa. Friederich não se dignou a responder.

Ao sair, lorde Arkley não pôde deixar de imaginar se a princesa seria castigada, pois, se o marido tinha alguma esperança de conseguir dele informações secretas, o jantar tinha sido um verdadeiro fracasso.

Não tinha certeza de até que ponto o barão estava envolvido, até que, no corredor, já do lado de fora, este comentou:

— Pobre Friederich, sinto pena dele! É bem compreensível que se interesse pelo que está acontecendo no mundo, já que não pode tomar parte ativa nos fatos.

— Ele parece muito bem informado.

— Você acha? Penso que a maior parte do que ele disse foi muito ingênua e uma repetição do que se lê nos jornais.

Lorde Arkley não respondeu. Após um momento, o barão continuou:

— Vou ao cassino agora e creio que é o que você também fará. Vamos juntos?

— Ótima idéia! Espere só um momento, enquanto pego a capa e o chapéu em minha suíte, que é aqui ao lado.

— Não é tão longe...

— Não, só alguns passos. Abriu a porta e o barão entrou.

— Como eu ia dizendo, o príncipe Friederich está tentando se manter à frente dos acontecimentos. Na minha opinião, os alemães fizeram uma grande confusão na Conferência do Marrocos. O que você acha?

Não foi tanto por suas palavras, mas pelo modo como foram ditas e pelo olhar do outro que lorde Arkley percebeu que o barão não tinha sido convidado para o jantar daquela noite por puro acaso.

Evitou a pergunta.

— Vi o general Von Echardstein, esta tarde. Quando ele esteve na Inglaterra, eu o achei um homem muito capaz.

— É o que também acho — o barão concordou. — Mas creio que está bastante preocupado com a amizade entre os franceses e os ingleses, no que concerne ao Marrocos, e, claro, a evidente predileção do rei pelos franceses.

Seu tom era casual, mas lorde Arkley tinha descoberto o que queria saber

que o general tinha estado em contato com o barão.

— Acho política um assunto muito aborrecido, especialmente quando estou de férias — disse indiferente. — Fale-me quais são os lugares onde realmente a gente pode se divertir em Marienbad.

Falou num tom alegre que, sabia, enganaria o barão, que era brusco demais para ser sutil.

O barão estava excessivamente ansioso para agradar Arkley e, durante todo o caminho até o cassino, fez descrições obscenas sobre mulheres e os lugares onde elas podiam ser encontradas.

Quando, finalmente, eles se juntaram a um grupo de amigos, lorde Arkley havia decidido não só evitar aqueles lugares, mas também o próprio barão.

Não quis ficar conversando com os amigos, nem jogar fora seu dinheiro nas roletas. Em vez disso, como estava realmente cansado e queria se deitar cedo escapuliu dos que tentavam detê-lo e voltou para o hotel.

Estava tudo muito quieto, em contraste com a música e o barulho da Kurhaus.

A fragrância dos pinhos e o perfume das flores davam a lorde Arkley a sensação de entrar num mundo diferente.

Então, ao chegar ao jardim do hotel, com suas luzes escondidas entre os arbustos, o que dava uma aparência mística ao local, viu uma figura delicada sentada num banco, meio escondido pelos galhos de um salgueiro.

Foi mais por instinto do que por observação que ele a notou. Talvez, noventa e nove pessoas em cem tivessem passado por ali sem vê-la, mas lorde Arkley sentiu sua presença ao caminhar em direção à árvore, baixou a cabeça para poder passar por entre os galhos.

Ela olhou para ele, surpresa, como se sua chegada houvesse interrompido seus devaneios e a trouxesse de volta à realidade.

— Estou contente, princesa, de ter oportunidade de lhe agradecer pelo jantar desta noite.

A princesa respirou fundo e, por um momento, Arkley pensou que ela não encontraria palavras para responder. Então, disse, em voz baixa:

— Eu é que agradeço lorde Arkley. Foi... foi impossível para mim dizer-lhe boa-noite.

— Eu compreendi bem o porquê. Esperou um momento, depois perguntou:

— Posso fazer-lhe companhia por um momento?

— Eu já ia embora. Não devia estar aqui sozinha... mas fazia tanto calor

e...

Não era necessário que ela dissesse que queria fugir que queria liberdade, nem que fosse por alguns minutos.

— Por favor, não me faça sentir que a estou forçando a ir embora — lorde Arkley disse e se sentou a seu lado. — Mas, se preferir ficar sozinha, eu irei.

— Não... eu não devia estar aqui... e...

— Ninguém saberá. Vamos esquecer tudo, exceto a beleza e a paz desta noite. Ao voltar do cassino, senti como se estivesse entrando em outro mundo.

— Isto é o que estou tentando fazer — respondeu a princesa. — Algumas vezes, eu me pergunto se existe... esse mundo.

— É claro que existe! Um mundo que imaginamos e com o qual sonhamos, mas que é tão real como este, e muito mais bonito.

Ele estava surpreso de falar daquela maneira, mas algo lhe dizia que aquilo era o que ela precisava ouvir. _

— Isso é mesmo verdade? — ela perguntou, quase como uma criança que precisa de proteção.

— Mas é claro! E esse mundo especial está à espera que nós o encontremos. Só que, às vezes, estamos muito ocupados, ou somos muito estúpidos, ou talvez muito infelizes.

— Será que, quando somos infelizes, é mais fácil encontrá-lo? Ele balançou a cabeça.

— Não acho. Penso que, quando as pessoas estão infelizes, elas se escondem atrás de barreiras impenetráveis. Para alcançá-lo, nosso espírito, e não apenas nosso corpo, deve estar livre.

— Eu... entendo bem o que está dizendo. E isto me ajuda... me ajuda muito.

— Eu acho que, falando claro, o que estou tentando dizer é que nunca se deve perder a fé, princesa.

Ela virou o rosto para olhá-lo e seus olhos— pareciam dois poços escuros.

— Nunca pensei que alguém como o senhor... compreenderia. Ele sorriu e ela corrigiu, rapidamente.

— Não, isto é indelicado... mas acho que sabe o que quero dizer. O senhor é parte de um mundo que... me assusta... um mundo duro e instável, sem nenhuma compaixão.

Arkley sabia que ela estava pensando não em seu próprio sofrimento,

mas na maneira como Friederich tinha sido ignorado e posto de lado pelas mesmas pessoas que o bajulavam, antes do acidente.

Eles imitavam o comportamento do *kaiser*, que gostava de homens superiores e admirava cabeça e músculos. Aleijados e incapacitados não tinham utilidade para aquela gente.

— Quando estive na Índia, no ano passado — disse lord Arkley —, fui até o Himalaia. Enquanto olhava para aquelas montanhas enormes, com seus picos totalmente brancos ao sol, pensei que a beleza, a verdadeira beleza, que toca a alma com aqueles picos, freqüentemente é acompanhada por crueldade.

— O que está dizendo é que temos que... que pagar de uma maneira ou de outra, pelo êxtase que possamos sentir?

— Ou, talvez, por causa do nosso sofrimento, nós encontremos o êxtase.

— Espero que tenha... razão. Vou pensar no que me disse... e tentar compreender sozinha.

Ele sorriu.

— De uma coisa tenho certeza: quando o sofrimento nos leva a um determinado caminho, tanto podemos ir para o paraíso quanto para o inferno. Só depende de nós.

Houve um momento de silêncio. Então, a princesa se levantou:

— O senhor me ajudou... me ajudou tanto! Gostaria de dizer muito obrigada, mas me parece tão inadequado.

— As palavras nunca podem expressar o que vem do coração. E lhe falei com o coração, princesa. Espero que minhas palavras tenham alcançado o seu.

— Sem dúvida. Mas agora devo ir embora.

Olhou para ele, sugerindo que não a acompanhasse, pois poderiam ser vistos.

Arkley pensou que era extraordinário como ele podia ler seus pensamentos. Ou seria de fato, como havia dito que seus corações se entendiam?

Para facilitar as coisas, disse:

— Perdoa-me, se ficar sentado aqui, por um momento, para pensar?

— Eu também... estarei pensando.

Estendeu a mão e ele a levou aos lábios. Ao beijá-la, sentiu a delicadeza da sua pele.

Então, sem dizer mais nada, ela se virou e foi embora, movendo-se tão delicadamente sobre o gramado como se fosse carregada por uma nuvem ou

pelo som de música.

Ele ficou sozinho, ainda sem acreditar que aquela conversa tivesse mesmo acontecido.

De onde havia tirado inspiração para falar daquela maneira? Como as palavras vieram a seus lábios? Era um homem acostumado a usar o cérebro, nunca o coração, para lidar com gente como o barão e intrigas como as do príncipe Friederich.

Mas, com a princesa, alguma outra parte dele o dominou: uma parte que não conhecia.

Sabia que tudo o que havia dito era verdade e que ele a havia ajudado.

Ela ainda era muito jovem. Na realidade, achava que não devia ter nem vinte e um anos, e já estava casada há três com aquele bêbado desprezível.

Seu sangue Eszterházy lhe dava o orgulho que a mantinha de pé, e estava certo de que nunca havia contado a ninguém sobre o seu sofrimento. Se não tivesse ouvido a maneira como o príncipe a tratara na noite anterior, nunca teria imaginado que sofresse tantas humilhações.

Durante o jantar, ela conversara com tanta graça e charme que faria inveja a qualquer mulher mais experiente.

Foi só porque Arkley estava observando que pôde notar o medo nos olhos dela, ao olhar para o marido, que se tornava mais bêbado à medida que o tempo passava.

Lorde Arkley achou que sabia o motivo do comportamento do príncipe. Seu convencimento e sua atitude de desprezo em relação às mulheres eram inerentes ao caráter alemão. E a razão para ter batido naquela frágil e adorável criatura, que era sua esposa, era seu ódio por se ter tornado incapacitado pela bomba, enquanto ela escapara ilesa.

Odiava-a por sua saúde e queria que sofresse como ele estava sofrendo. Então, espancava-a, até deixá-la inconsciente.

— Isto é intolerável — lorde Arkley disse, com raiva. — Mas Deus sabe o que eu posso fazer. Deus sabe que posso salvá-la!

CAPÍTULO III

A princesa Mariska abriu a porta de seu quarto e, ao fazê-lo, viu que Josef introduzia um senhor na sala de estar.

Bastou um olhar para que reconhecesse a figura imponente, e algo agressiva, do barão Von Echardstein.

Aguardou até que ele tivesse entrado na sala, e foi até o vestíbulo. Ouviu o príncipe Friederich dizer:

— Bom dia, general! É realmente uma surpresa vê-lo tão cedo.

— Vou-me embora de Marienbad hoje e gostaria de conversar um pouco com Sua Alteza, antes de partir.

— Sente-se. O que quer beber? Champanhe?

— Sim, está muito bem — o general respondeu, com sua voz gutural. O príncipe pediu a bebida a Josef e quando o criado saiu da sala,

Mariska ouviu o general dizer:

— Imagino se o senhor já tem alguma novidade para mim.

— *Gott im Himmel!* O senhor não pode esperar resultados tão... O resto da frase foi cortada, quando Josef fechou a porta.

Ele viu a princesa e explicou:

— Vim buscar champanhe para Sua Alteza.

— Vou até o quarto da duquesa, Josef — Mariska disse, em voz baixa. — Não me demorarei.

— A senhora dispõe de bastante tempo, Alteza — o criado sorriu. Ela sabia que, como já tinha feito em outras ocasiões, ele a protegeria, no caso de Friederich chamá-la.

Muitas vezes, Mariska imaginava o que faria se Josef não estivesse lá. Só ele podia salvá-la da brutalidade do marido e, para ele, não precisava fingir.

Josef sabia de todos os segredos do casal o vício de beber do príncipe a maneira como maltratava e insultava a esposa, e o medo que Mariska sentia e que era quase impossível esconder o tempo todo, embora ela tentasse.

Sentindo-se a salvo por algum tempo, correu pelo corredor e pela escada, até o primeiro andar.

A duquesa de Vallière era a única amiga que tinha em Marienbad e, na realidade, a única amiga que tinha no mundo.

Já idosa, a duquesa havia sido linda em sua juventude, e Mariska se lembrava bem do tempo em que ela se hospedava com seus parentes Eszterházy.

Nos últimos anos, a duquesa havia fixado residência em Marienbad, porque o clima de Paris lhe fazia mal. Ocupava agora uma enorme suíte no Weimar.

Quando a porta foi aberta por um criado francês, vestindo a libré dos de Vallière, Mariska ficou olhando para a linda mobília Luís XIV e os quadros eróticos de Boucher e Fragonard. Sentiu quase como se tivesse voltado para a Hungria.

Os palácios dos Eszterházy eram decorados com o mais fino gosto, e possuíam uma coleção de tesouros, acumulados durante séculos.

Mariska detestava a pompa fria da mobília alemã, sobretudo a decoração dos palácios reais.

A duquesa estava sentada ao sol, perto de uma janela de seu enorme salão. Quando Mariska foi anunciada, ela se virou, com uma expressão de contentamento.

Apesar de seus quase oitenta anos, ainda era bonita. Seu cabelo branco estava perfeitamente penteado. Notava-se, pelo corte, que o vestido era parisiense, e usava muitas jóias que, segundo se dizia, tinham sido dadas por duas das cabeças coroadas da Europa.

— Minha querida criança, como é bom vê-la! — disse em francês estendendo as mãos.

— Friederich tem uma visita e aproveitei a oportunidade para vir vê-la.

— Sabe que nada me agrada mais. Como está, *ma petite*?

Seus olhos experientes e extremamente argutos não perdiam nada do que se passava à sua volta. Observaram, preocupados, os traços delicados de Mariska e as sombras escuras em torno dos seus olhos.

Sabia, apesar de Mariska nunca lhe ter dito nada, que o motivo daquele abatimento não era cansaço, mas os sofrimentos físicos que o marido lhe infligia.

Havia poucos acontecimentos em Marienbad, ou em qualquer parte do mundo, dos quais a duquesa não fosse informada.

Excelente correspondente recebia uma grande quantidade de cartas de amigos espalhados por toda a Europa. Uma vez, alguém disse, brincando: “Não há ninguém tão bem informado como a duquesa de Vallière. Acho que até os cachorrinhos de estimação lhe passam informações sobre o que acontece nos quartos de suas donas”.

— Como está Friederich? — perguntou à velha.

Embora Mariska não soubesse, a duquesa tinha uma razão especial para fazer aquela pergunta.

— Estava muito melhor, ontem à noite. A senhora não vai acreditar, mas tivemos convidados para o jantar!

— Um jantar? — aquilo era novidade para ela. Mariska concordou com a cabeça.

— O general barão Von Echardstein e o almirante Von Senden foram visitar Friederich, ontem. Depois que saíram, ele estava tão bem, como há muito tempo não o via.

— Sobre o que foi a visita?

— Isto eu não sei, mas acho que se trata de alguma coisa que o *kaiser* deseja que Friederich faça.

Juntou as mãos e continuou:

— Ele não me disse, mas espero que seja algo que ele realmente possa fazer. Pela primeira vez, em muitos meses, quis receber convidados.

— Quem foram estes convidados? — Não havia dúvida de que a duquesa estava interessada.

— Friederich escreveu uma carta ao barão Karlov e me pediu para convidar lorde Arkley.

Sua voz suavizou-se por um momento.

— Ele foi muito... gentil. O rei Eduardo nos apresentou ontem e parece que ele já esteve em Wilzenstein.

— Então, você gostou de lorde Arkley?

— Ele é muito... agradável.

A duquesa pôde notar que o rosto de Mariska se tornava menos pálido.

— Muitas mulheres pensam o mesmo.

— Não é de admirar — respondeu a moça —, pois é muito bonito e inteligente.

— Dizem que ele sabe mais a respeito das intrigas políticas do que os próprios embaixadores. Acaba de visitar vários governantes na Alemanha. Obviamente, Friederich ficou interessado. Ou foi o barão que se interessou?

— Por que o barão se interessaria? — perguntou Mariska, surpresa. A duquesa esteve a ponto de responder, mas mudou de idéia.

— O barão é um esnobe e um aproveitador que busca ascensão social. Tenho certeza de que ficou muito contente de jantar com vocês.

— Fiquei surpresa que ele comparecesse.

— E eu fico ainda mais surpresa de que lorde Arkley pudesse aceitar o convite. Ele é muito requisitado. Posso apostar que todas as anfitriãs da cidade ficariam muito contentes em recebê-lo.

Mariska não disse nada, e a duquesa continuou:

— Ele já teve muitos amores. Disseram-me que o caso que teve nos últimos seis meses com a marquesa de Hastings está terminado.

A princesa sorriu.

— Como à senhora fica sabendo de tudo isso, vivendo em Marienbad?

— Tenho meus meios. A propósito, quem me disse isso foi o rei Eduardo, quando me visitou ontem.

— O rei veio vê-la? Que bom! Ele foi muito gentil comigo. Acho que deixa um rastro de felicidade por onde passa.

— E, algumas vezes, um coração partido — a duquesa sorriu. — Mas você tem razão é um homem muito fino. Não surpreende o fato de todas gostarem dele.

— Ele falou com muito carinho... de lorde Arkley.

— Lorde Arkley é seu protegido, e o ajuda muito.

Novamente pareceu que a duquesa ia falar mais alguma coisa. Em vez disso, perguntou,:

— O que vai fazer hoje?

— Acho que o mesmo de sempre. Gostaria tanto que Friederich estivesse bom para passearmos de carro! Ele não gosta de ser sacudido numa carruagem. Tenho vontade de ver a floresta!

Levantou-se, ao falar, e ficou olhando pela janela, para os jardins.

Havia tristeza nos olhos da duquesa, ao pensar em como Mariska era adorável.

Poucas das muitas mulheres que conhecia levariam uma vida tão intolerável e a suportariam com tamanha dignidade.

Ela saiu da janela.

— Devo ir Friederich pode precisar de mim. Mas posso voltar se tiver uma chance?

— Você sabe, minha querida criança, que gosto de você como se fosse minha filha. Ou devo dizer neta?

— Adoraria ser sua filha e ter sangue francês em minhas veias — disse Mariska, com veemência. — Seu gosto é tão perfeito! Quando entro neste quarto, sinto que gostaria de ter o mesmo tipo de cultura que a senhora.

— Talvez um dia você o adquira, Quando encontrar lorde Arkley, peça a ele para lhe falar sobre a mobília francesa que tem em sua casa de Hampshire.

— Pedirei... caso o veja — Mariska murmurou. — Como à senhora sabe sobre esta casa?

— Já me hospedei lá. A mãe dele era minha amiga, há muito tempo.

— Fale-me sobre ela.

— Era uma mulher muito suave, uma dessas pessoas que a gente sabe que são realmente bondosas. Não creio que Leila Arkley jamais tenha dito nada desagradável ou agressivo em toda a sua vida.

A duquesa fez uma pausa e acrescentou:

— Ao mesmo tempo, era muito divertida e culta.

A voz da duquesa tinha uma nota crítica, ao continuar:

— O que é muito mais do que essas “belezas” que bajulam o rei Eduardo são capazes de fazer.

Mariska sorriu. Sabia que a duquesa sentia um pouco de ciúme das jovens famosas pela beleza, mas que ela considerava tolas e desmioladas, que não tinham nada para oferecer a um homem, a não ser um rostinho bonito.

— Tenho certeza de que ninguém, nem mesmo *lady* Arkley, é tão agradável ou inteligente como à senhora — disse a princesa.

Enquanto falava, curvou-se para beijar a duquesa no rosto.

— Voltarei para vê-la na primeira oportunidade.

— Ficarei esperando. E diga lorde Arkley que eu gostaria de vê-lo também. Creio que ele esqueceu se é que algum dia soube que eu era amiga de sua mãe.

Ao subir correndo as escadas, Mariska imaginou se teria oportunidade de dar o recado da duquesa. Lorde Arkley tinha sido tão gentil, tão delicado com ela na noite anterior, que, para ser sincera consigo mesma, estava ansiosa por vê-lo novamente.

Gostaria de poder continuar a conversa com ele sobre coisas que, tinha certeza, nenhum outro homem compreenderia. De repente, porém, pensou, com certo desespero, que ele se envolveria com as companhias alegres de Marienbad e a acharia muito aborrecida. Estava certa de que ele havia comparecido ao jantar, na noite anterior, unicamente por pena de Friederich.

Achava que o jantar devia tê-lo aborrecido muito e que, sem dúvida, não tinha gostado do fato de seu marido, como de hábito, beber demais.

Ninguém precisava lhe dizer que lorde Arkley, com sua figura atlética, era abastêmio, não importando que hábitos as outras pessoas que o acompanhavam pudessem ter.

Talvez, nunca mais tenha a chance de falar com ele outra vez, pensou, com tristeza.

Abriu a porta da suíte e logo entendeu que tudo estava bem, que havia voltado a tempo e não era preciso Friederich saber onde ela havia estado.

A pesada capa do general, cheia de condecorações, continuava sobre a

cadeira, e ouviu vozes na sala de estar.

No entanto, a porta não estava bem fechada, pois, à sua entrada, abriu-se uma fresta, e ela escutou claramente o general dizer:

— Se você acha que é impossível, posso pedir à baronesa Von Kettler para vir aqui. Como sabe, ela é uma mulher fascinante e já nos prestou excelentes serviços no passado.

— Não, não, claro que não! — o príncipe respondeu, zangado. — Deixe tudo em minhas mãos. Garanto que não desapontarei o imperador.

— Espero que não. Mas, se achar que é demais para você, informe o almirante Von Senden. Ele ainda ficará aqui por uns dez dias.

Mariska entrou no quarto e fechou a porta. Percebeu, pelo tom de Friederich, que estava na defensiva e ao mesmo tempo zangado com o general por duvidar de sua capacidade para fazer o que era pedido.

Mas o que era pedido? Por que o marido não confiava nela? E quem era a baronesa Von Kettler? Não se lembrava de haver ouvido aquele nome antes.

Poucos minutos depois, ouviu a voz do general falando com Josef no vestíbulo e, em seguida, a porta fechando.

Rapidamente, entrou na sala de estar.

Friederich estava sentado perto da lareira, em sua cadeira de rodas. Não se voltou, quando ela entrou, e notou que estava carrancudo o que era um mau sinal. Ficou imediatamente apreensiva.

— Por que o general veio ver você?

— Tinha assuntos particulares para discutir comigo — o príncipe respondeu grosseiro.

Ele olhou então para o relógio:

— Está na hora de tomar meus banhos! Diabos! Onde está Josef?

— Está esperando. E também estou pronta. Podemos levar você imediatamente.

— Então, o que, diabos, estamos esperando? Para que eu melhore, preciso manter os horários. Você sabe disso!

Mariska não respondeu. Era típico de Friederich culpá-la e a Josef de tudo que acontecia. Estavam vinte minutos atrasados, e ele sabia muito bem que era culpa exclusiva do general Von Echardstein.

Ainda que nunca tivessem contado a verdade ao príncipe, os médicos haviam dito a ela, de uma forma bastante direta, que ele nunca ficaria melhor do que estava. Nenhuma estação de águas, nenhum tratamento, nenhum hospital podia fazer mais por ele do que já tinha sido feito.

Mas foi a própria Mariska quem insistiu que a esperança podia fazer milagres, e a maior crueldade contra um homem que estava sofrendo seria tirar suas esperanças.

Mesmo assim, a vida com Friederich só piorava e seu grande medo era que Josef fosse embora. Apesar de nunca terem tocado no assunto, sentia que uma das razões por que ele ficava era por gostar e sentir pena dela.

Com certeza ninguém mais teria suportado as críticas constantes do príncipe, seus gritos e a maneira de tratá-lo com um escravo. Os empregados no palácio de Wilzenstein mudavam constantemente, e Mariska já havia desistido de contar quantas damas de companhia tinha tido nos últimos dois anos. Nenhuma delas agüentava a maneira rude e grosseira do príncipe, estando bêbado ou sóbrio.

Mariska sabia que não era elegante que ela viajasse sem uma dama de companhia. A que havia prometido ir com ela a Marienbad pedira demissão, na véspera da partida de Wilzenstein:

— Sinto muito, Alteza. Gosto da senhora, mas não imaginei que seria insultada da maneira como Sua Alteza, o príncipe me insultou!

— Você sabe que ele não é responsável pelo que fala — murmurou Mariska.

— Isso não é totalmente verdade, Alteza. E certo tipo de linguagem não devia nunca ser ouvido por uma dama. Desculpe princesa, mas vou voltar para casa, eu e minha família jamais compareceremos a nenhuma atividade no palácio.

Nada que Mariska dissesse poderia acalmá-la.

De uma certa forma, era um alívio chegar a Marienbad sem dama de companhia, mais uma pessoa diante de quem se sentisse embaraçada, quando Friederich tinha um de seus acessos de cólera. No entanto, também não tinha ninguém com quem passear pela cidade ou sentar-se nos jardins, enquanto o marido fazia seu tratamento.

Algumas vezes, conseguia convencer sua empregada a fazer compras com ela, mas Helga já era idosa e não gostava de caminhar. Dizia que tinha muito o que fazer e que era difícil manter as roupas de sua patroa em ordem, para ainda ter que fazer excursões desnecessárias fora do hotel.

Portanto, Mariska conformava-se a ficar lendo numa sala de estar vazia, enquanto Friederich se encontrava no médico ou fazendo massagem especial.

Algumas vezes, imaginava se sua vida algum dia seria diferente, sem ter que enfrentar as cenas furiosas do marido, quando estavam juntos, e o aborrecimento de esperar por ele, quando se separavam.

Mas estar em Marienbad e poder olhar pelas janelas ainda era melhor do que ficar confinada no palácio de Wilzenstein, onde não tinha sequer permissão de mudar nada.

Na opinião de Mariska, o gosto da grã-duquesa que a antecedeu era simplesmente horroroso. Apesar de ter pedido muitas vezes, Friederich não permitia nem mesmo que escolhesse cortinas novas para sua sala de estar particular.

Todos os cômodos do palácio eram decorados em tons sombrios de marrom. Faltava cor em todos os lugares, e até as flores, quando vinham para o palácio, pareciam perder a vida.

Para Mariska, que vinha de um dos mais belos países do mundo, era um sofrimento aquela feiúra à sua volta. Não gostava nem do jardim, pois estava determinado que algumas flores deviam ser cortadas com uma precisão milimétrica, em certas épocas do ano, e ela era proibida de mudar a programação tradicional.

Sentia uma saudade profunda, que a fazia chorar, das estepes onde costumava galopar com o pai. Também sentia falta dos lindos rios, das flores silvestres, dos picos cobertos de neve em contraste com o céu azul, e talvez, mais que de tudo, dos cavalos fogosos da Hungria.

A cada momento, a saudade da família se tornava mais intolerável.

Por que será que ninguém ria em Wilzenstein? Por que as perguntas inteligentes ou interessantes que ela fazia eram respondidas por monossílabos e o assunto imediatamente se voltava para a política alemã ou problemas civis?

Até a música, que sempre ouviu dizer que estava nos corações dos alemães, parecia reprimida, quando ela a escutava, sentada em alguma cadeira dura da sala de música do palácio.

Pelo menos, em Marienbad, tudo era lindo. Quando, poucos minutos depois, acompanhou a cadeira de rodas do marido corredor afora, pensou, com alívio, que logo estariam ao sol.

Friederich resmungava e reclamava que estavam atrasados. Mariska tinha aprendido a ignorar o que ele dizia.

Ao saírem do hotel e sentirem o sol, qualquer coisa que Friederich dissesse tinha o mesmo efeito de um trovão distante num lindo dia de verão.

Como era mais tarde do que o habitual, as ruas estavam cheias e as senhoras, com seus chapéus floridos e guarda-sóis, pareciam lindas flores.

Enquanto o príncipe tomava água, Mariska olhou em volta.

Havia muito que ver, além das lindas mulheres.

A maioria dos homens era de meia-idade, ou mais velhos. Reconheceu o rei Ferdinando da Bulgária e o rei da Grécia; de pé, um pouco separado, parecendo muito estranho, com um barrete turco vermelho, estava Hakin Pasha.

Mariska sempre gostou de ver os rabinos polacos movendo-se no meio das pessoas elegantes do Kreuzbrunnen. Vestidos de preto dos pés à cabeça, chapéus de abas achatadas, túnicas longas abotoadas até o pescoço, barbas negras, cabelos cacheados gordurosos, eles pareciam fantasmas.

Mariska olhava para três deles, com um leve sorriso nos lábios, quando uma voz a despertou. Voltou-se e viu o rei Eduardo.

— Bom dia, Mariska! — ele disse alegre. — Não acredito que, com esse corpo, você precise beber essas águas.

Mariska sorriu para ele e, só então, percebeu que estava acompanhado de duas pessoas: o ministro português, marquês de Soveral, que ela sabia ser um velho amigo, e lorde Arkley.

Sentiu-se corar, quando o inglês a cumprimentou, e não conseguiu olhar para ele.

O rei conversava com Friederich e Mariska achou que o marido estava mais gentil e comunicativo do que na manhã anterior.

Então, a atenção do rei foi desviada para uma mulher muito atraente, usando um enorme chapéu de tule verde. Enquanto o marquês de Soveral falava com o príncipe, lorde Arkley perguntou:

— Como está hoje?

Seus olhos se encontraram e, por um momento, ela não pode falar. Tudo o que pensava era na gentileza dele, na noite anterior. Queria dizer que tinha ido dormir pensando no que ele havia dito e que se sentira feliz como poucas vezes, nos últimos três anos.

Porém, lembrou-se do pedido da duquesa e falou, rapidamente:

— A duquesa de Vallière, que vive no hotel, é uma velha amiga de sua mãe e gostaria muito, se encontrasse um tempo livre para visitá-la.

— Mas claro que irei! Lembro-me de ter ouvido minha mãe falar dela.

— Ficará encantada em recebê-lo.

— Venha cá, Arkley! Tenho algo para lhe dizer!

Mariska sentiu que a voz do marido soou como a explosão de uma arma entre eles.

O marquês de Soveral afastou-se e lorde Arkley tomou seu lugar.

— Bom dia, Alteza! Quero agradecer novamente pelo jantar tão agradável.

Era muito gentil da parte dele dizer aquilo, Mariska pensou, pois tinha certeza de que não havia sido nada agradável.

— Pensei que tivesse ido cavalgar — disse o príncipe, num tom que era quase de reprovação.

— Não tive tempo. Mas já avisei ao melhor estábulo de Marienbad que cavalgarei amanhã, às sete horas, e todas as manhãs em que estiver aqui.

— Ouvi dizer que isso foi o que você fez no ano passado — Friederich comentou.

Mariska notou que lorde Arkley franziu as sobrancelhas, como surpreso com o fato do príncipe estar tão bem informado sobre seus hábitos. Friederich continuou:

— Imagino que essa é uma das raras ocasiões em que você se diverte. O imperador sempre disse que seu tio Eduardo é um patrão insaciável. Ou seria um feitor de escravos?

— Para mim, é um grande privilégio gozar da companhia de Sua Majestade — respondeu lorde Arkley, friamente.

No íntimo, pensava que, por mais que quisesse ser agradável com o príncipe, não podia permitir que o rei fosse insultado na sua frente.

Friederich riu, e não era uma risada alegre. Parecia mais o escárnio de alguém que acredita que a outra pessoa está bajulando a realeza.

A impressão dada foi justamente esta, pois lorde Arkley saudou Mariska com o chapéu, e estava a ponto de se retirar, quando Friederich falou:

— Não. Espere um minuto, Ian. Quero lhe pedir um favor! Lorde Arkley parou, surpreso pela mudança na voz do príncipe e por ele tê-lo chamado pelo primeiro nome.

— Seria muito incômodo levar a princesa com você, quando for cavalgar amanhã? Ela tem essa vontade há muito tempo e não há ninguém mais a quem possa confiá-la.

Por um momento, Mariska pensou que não tinha ouvido bem que o marido havia dito. Seus olhos estavam muito abertos e surpresos, quando olhou para lorde Arkley.

Houve uma pequena pausa, antes que ele respondesse:

— Mas, claro! Ficaria muito honrado em acompanhar a princesa! Olhou para Mariska, antes de completar:

— Sete horas seria cedo demais para Sua Alteza?

— Não, não... claro que não... não! — gaguejou a moça.

— Então, Arkley, você tomará as providências e avisará o estábulo para me enviar a conta?

— Será um prazer, senhor! Agora, devo ir. Sua Majestade está me chamando.

Afastou-se. Mariska prendeu a respiração. Seria verdade, seria realmente verdade, que, depois de tê-la proibido de cavalgar até em sua própria casa, Friederich estava agora tomando providências para que montasse a cavalo... e com lorde Arkley?

Estava a ponto de falar, quando um criado chegou, com uma caneca de água.

— Coisa suja! — o príncipe exclamou, pegando a caneca, sem nenhuma palavra de agradecimento.

No entanto, levou a caneca até os lábios. Olhando além do grupo que os cercava, Mariska viu lorde Arkley à distância, em pé, junto ao rei. Ambos estavam rindo de algo que o marquês de Soveral, conhecido por suas piadas, tinha dito.

De repente, pareceu a ela que o sol estava brilhando mais intensamente. A música que a banda tocava fez com que quisesse cantar e dançar.

Obrigada! Obrigada! Era o que gostaria de dizer ao marido, mas se conteve. Estava cansada de saber que, se mostrasse muito contentamento por algo que estivesse por acontecer, Friederich, que tinha um desejo sádico de maltratá-la, mudava de idéia, no último momento.

Como se soubesse o que ela sentia, olhou-a, de repente, e disse:

— Era o que você queria, não? Cavalgar?

—Será muito agradável. Obrigada, Friederich, por pensar nisso. Enquanto falava, viu na expressão dele que não havia sido sua a idéia. Então, de quem?

Devia estar imaginando coisas!

Por alguma razão que não conseguia entender, o marido tentava conquistar a simpatia de lorde Arkley e aquele era um modo demoníaco de fazê-lo. Só esperava que lorde Arkley não a achasse uma companhia aborrecida.

Talvez ele quisesse estar sozinho. Talvez houvesse outra pessoa que preferisse levar para cavalgar.

O fato de, por três anos, ter sido continuamente maltratada pelo único homem com quem teve contato tornou Mariska muito humilde e sem confiança. Ela se torturava, pensando que havia sido jogada nas mãos de lorde Arkley e que ele não pôde fazer nada, a não ser aceitar a sugestão do príncipe.

Naquela noite, como se lamentasse a gentileza anterior, Friederich estava

mais agressivo do que de costume.

Jantaram sozinhos e ele pôs defeito em todos os pratos que ela pediu, na esperança de agradá-lo. Bebeu mais que o normal e, no fim do jantar, encontrava-se com aquele humor violento que ela conhecia tão bem.

Tinha aprendido a não se aproximar dele naqueles momentos, pois, se o fizesse, ele a seguraria, como havia feito há duas noites.

Então, ela não conseguia escapar. Apesar de inválido, era muito forte e a surrava com o chicote de couro, que sempre carregava.

Josef costumava fingir que o esquecia, mas o príncipe sempre pedia o chicote, tão logo era colocado em sua cadeira. Guardava-o sob a coberta que usava nos joelhos, mas Mariska estava sempre consciente de que o chicote estava lá.

Quando o jantar terminou, Friederich parou de insultá-la por alguma ofensa imaginária, e disse num tom assustador:

— Venha cá!

Vendo sua expressão, ela se retirou da sala, em vez de obedecer.

— Eu o colocarei na cama, Alteza — sussurrou o criado.

— Obrigada, Josef.

Trancando-se no quarto ela sentou-se, com o rosto entre as mãos, tentando não chorar. Sabia que, não importava o que fizesse por ele, Friederich a odiava, porque era jovem e podia andar. Odiava-a, porque apesar de torturá-la e maltratá-la tanto, mental e fisicamente, ainda não a havia destruído um orgulho muito íntimo a fazia manter a cabeça erguida.

Mas sabia que estava perto do limite de sua resistência. Às vezes, sentia que enlouqueceria, se tivesse que continuar a ouvir seus insultos.

Todos os seus nervos se contraíam com a brutalidade com que ele a punia, sempre que tinha oportunidade.

Seria melhor morrer! Pensava. Pelo menos, assim, se libertaria!

A voz gutural de Friederich deixava seus nervos em frangalhos, e cada refeição que faziam juntos era uma tortura prolongada estava sempre à espera de que começasse a agredi-la.

Contava os copos que ele tomava e sabia exatamente quando a bebida começava a fazer efeito. Mil vezes se perguntou como podia continuar. E era o que fazia naquele momento.

Então, lembrou-se que no dia seguinte iria cavalgar. A idéia era como uma estrela, brilhando na escuridão.

Mas, e se Friederich mudasse de idéia pela manhã?

Havia, no entanto, a possibilidade de ela sair do hotel, antes que ele a

chamasse.

Quando tinha uma crise de raiva, o médico prescrevia um tranqüilizante para dormir. Era mais para ajudar Josef, pois, do contrário, o criado teria que passar a noite inteira tentando impedir que o príncipe caísse da cama ou quebrasse tudo o que pudesse alcançar.

Aquilo podia parecer errado, mas Mariska rezou para que estivesse sob efeito de tranqüilizantes no dia seguinte, assim, poderia sair do hotel, antes mesmo que ele soubesse.

Havia pedido à criada de quarto que preparasse uma roupa de montar e levantou-se, para ver se já estava pronta no guarda-roupa.

Era um traje azul-marinho, que mandara fazer especialmente para o clima quente, mas achou muito improvável que viesse a usá-lo!

A roupa lhe assentava bem e realçava a silhueta, principalmente a cintura, tão fina como a da imperatriz da Áustria, que era a mais admirada amazona de toda a Europa!

Pelo menos no que tocava à equitação Mariska não temia ser comparada com nenhuma outra dama de Marienbad. Mas temia que lorde Arkley preferisse ter por companhia alguém que o distraísse. Como poderia distrair alguém, sentindo-se daquela forma?

Além do mais, o que poderia ela dizer, que fosse do interesse de alguém como lorde Arkley, para quem todas as portas do mundo social estavam abertas? . Era sabido que o rei Eduardo só gostava de ter à sua volta pessoas espirituosas, que aqueles que freqüentavam o Palácio de Buckingham chamavam de “divertidos”.

A duquesa lhe havia dito como era charmoso e cheio de vida o ministro português, em Londres, e como sua presença era bem-vinda em todas as festas.

— Ele foi meu amigo por muitos anos. — E acrescentara, rindo: — Luís de Soveral é considerado o homem mais popular de Londres. Exceto pelo embaixador alemão.

— Por que não pelo alemão?

— Os alemães não gostam dele por seus sentimentos antigermânicos. E temem sua influência junto ao rei Eduardo.

Quando Marisa viu o marquês conversando e rindo na Kreuzbrunner, começou a imaginar quantas outras pessoas também teriam sentimentos antigermânicos.

O fato de ser casada com um alemão a fazia sentir como se houvesse uma barreira entre ela e as outras nações. Mas entendia que muita gente,

tanto dentro quanto fora da Alemanha, não gostava do *kaiser*.

Não os oficiais do Exército ou os jovens como seu marido, que admiravam sua arrogância, e seu desejo quase fanático de que a Alemanha fosse a primeira em tudo. Mas muitos homens do povo sentiam que ele era um fanático que os dirigia sem se importar com seu sofrimento, e as mulheres se ressentiam com a forma desdenhosa com a qual as olhava, com seus olhos frios.

Que grande diferença, pensou Mariska, estar com o rei Eduardo, que fazia todas as mulheres com quem falava se sentirem lindas e únicas.

E... lorde Arkley.

Inevitavelmente, seus pensamentos se voltavam para ele. Para o modo delicado e compreensivo como a tratara, na outra noite, à sombra do salgueiro.

Teve uma súbita vontade de ir até a árvore, com a esperança de que ele passasse por ali, no caminho de volta ao hotel.

Mas disse a si mesma que não estava certo ir contra as convenções sociais daquela maneira se ele tivesse voltado ao hotel, passaria pelo jardim, e, se a encontrasse lá, não suspeitaria de que o estava esperando?

Foi até a janela e olhou as estrelas.

Destino ou fatalidade era extremamente agradável para ela saber que no dia seguinte ia cavalgar com lorde Arkley!

Seria presunçoso de sua parte pedir mais e talvez trouxesse má sorte.

— Eu o verei amanhã — sussurrou, e se afastou da janela.

CAPÍTULO IV

O sol se infiltrava através dos galhos dos abetos e a fragrância deles era agradável e suave.

Mariska pensou que por muito tempo não havia sido tão feliz de fato, tinha quase esquecido o que felicidade significava.

Havia uma alegria enorme dentro dela, que ainda não conhecia.

Desde o momento em que foi, timidamente, da porta principal até o local onde lorde Arkley a esperava, sentia que havia deixado a escuridão e a tristeza para trás.

Apenas um olhar para o cavalo que ia montar foi suficiente para que soubesse que ele havia escolhido um dos melhores animais do estábulo.

Realmente, não se parecia com os magníficos cavalos que estava acostumada a montar em sua casa na Hungria, mas não se tratava de nenhum dos animais gordos e preguiçosos normalmente alugados para as senhoras de Marienbad, que montavam só porque era chique fazê-lo.

— Encantadora manhã, senhora! — disse lorde Arkley, num tom cortês que de alguma forma desmentia a expressão em seus olhos.

— É encantadora para... mim — respondeu Mariska.

Ajudou-a montar e ficou admirado com sua leveza e agilidade. Quando começaram a cavalgar estava seguro de que nenhuma outra mulher poderia parecer mais elegante num cavalo.

No entanto, sabia que Mariska não esperava elogios.

Naquele momento, concentrava-se na alegria de cavalgar é em se sentir livre dos problemas e da infelicidade que deixava para trás, no hotel.

Ignorava que ela havia estado tensa, até o momento em que saiu da suíte, com medo de que Friederich a ouvisse. Temia que ele a impedisse de sair e a mandasse escrever um bilhete ao lorde Arkley, dizendo que não poderia acompanhá-lo.

O medo permaneceu como uma ameaça, até o momento em que Josef fechou a porta da suíte atrás dela.

Então, correu pelo corredor, sabendo que tinha conseguido escapar. Pelo menos por uma hora, estava livre.

Cavalgaram em silêncio pelo caminho entre os abetos e saíram para o sol.

Logo adiante, havia um vale gramado. Mariska olhou para baixo, depois para lorde Arkley, que viu a pergunta em seus olhos.

— Não é como as estepes da Hungria — ele disse —, mas, de qualquer maneira, é um bom local para se galopar.

Gostou do sorriso que iluminou todo o rosto dela.

Então, apressaram o passo, no declive, e finalmente atingiram o gramado.

O local estava cheio de flores. Galoparam lado a lado, fazendo seus cavalos competirem, enquanto moitas de grama iam ficando para trás.

Andaram quase um quilômetro.

— Isto é maravilhoso! Completa e absolutamente maravilhoso! Pela primeira vez desde que a conhecera havia cor em seu rosto pálido, seus olhos brilhavam e ela sorria.

Achou que ela parecia uma juvenzinha, no limiar da vida, vivendo cada segundo intensamente, acreditando que todos os contos de fada se tornariam realidade e que seria feliz para sempre.

Como se o modo dele olhá-la a deixasse tímida, ela inclinou-se para fazer um agrado no pescoço do cavalo.

— Aonde vamos... agora? — perguntou.

Sentiu um medo repentino de que ele dissesse que já estava na hora de voltar.

— Vamos voltar ao atalho, e lhe mostrarei o caminho para um lago, que acho muito bonito.

— Isto seria adorável.

O lago não era grande, mas como ele havia dito muito bonito. Cercado de árvores refletia o azul do céu. Àquela hora da manhã, não havia mais ninguém lá.

Lorde Arkley apontou, com o chicote, um telhado vermelho, do outro lado, onde terminava o lago.

— Ali existe um pequeno café. Pode ser que eu esteja enganado, mas imagino que ainda não tomou o café da manhã.

— Como sabe?

— Imaginei que fosse estar muito apressada e, talvez, muito emocionada. Ela não respondeu. Depois de um momento, ele insistiu:

— Estou certo?

— Sim... claro que está... certo. Mas eu estava só imaginando como sabe... dessas coisas.

Como não queria deixá-la embaraçada, ele não respondeu que seus olhos eram muito reveladores e que sentia que podia ler seus pensamentos através deles.

Também imaginou que ela havia escapado, antes do príncipe acordar.

Dirigiram-se ao café, e só se ouvia o tinido dos freios de seus cavalos, além do zumbido das abelhas e algum pássaro cantando ocasionalmente.

Era um café bem pequeno, construído ao lado de uma plataforma de madeira. Havia apenas duas mesas ao sol, do lado de fora. Depois de entregar os cavalos aos cuidados de um rapazinho, lorde Arkley e Mariska sentaram-se a uma delas.

Podiam recostar-se no balcão rústico, de madeira crua, e olhar as centenas de peixes movendo-se nas águas límpidas, logo abaixo.

Havia uma névoa suave sobre o lago, cuja superfície prateada refletia as árvores, dando ao lugar um mistério mágico.

Mariska disse para si mesma que aquilo tudo era encantado.

— O que gostaria de comer? — perguntou — lorde Arkley. — Um *breakfast* tipo inglês?

— Não... por favor, seria muito. Mas eu adoraria uma xícara de café.

Uma linda jovem, vestida com roupa típica da Boêmia, com colete de veludo preto e blusa bordada, anotou o pedido, feito por lorde Arkley num perfeito alemão depois que saiu, Mariska disse:

— Sempre achei o alemão uma língua muito feia, mas, falada por você, soa bem diferente.

— Acho que está me fazendo um elogio.

— Só estava reconhecendo um fato.

— Eu o tomarei como um elogio. E agora, também lhe farei um. Nunca vi uma mulher cavalgar tão bem e com tanta elegância.

Ele entendeu, pela súbita luz nos olhos dela, o quanto o comentário a agradou.

— Ainda não lhe agradei por me dar a chance de cavalgar com você hoje. Senti como se Friederich tivesse forçado minha companhia e estava muito... sem jeito.

Lorde Arkley notou que, por um momento, ela esquecera as formalidades e falara do marido, sem usar seu título real.

— Garanto que para mim é um prazer. Nem tenho palavras para expressar o quanto apreciei nosso passeio.

— Isso é realmente verdade? Tenho certeza de que preferia estar sozinho ou, talvez, haja outra pessoa que gostaria mais de ter... como companhia.

As palavras foram ditas com hesitação, e lorde Arkley protestou, gentilmente.

— Antes que fique confusa com essas idéias, eu lhe digo, com toda a

sinceridade, que prefiro cavalgar com você a sozinho. E que não há ninguém que gostaria que estivesse comigo, neste momento.

Havia um tom na voz dele que fez o coração de Mariska bater de uma forma muito estranha.

Como se sentia embaraçada olhou para longe, para um grupo de camponeses que trabalhavam às margens do lago.

— Acha — ela perguntou, depois de um momento — que eles têm problemas como nós?

— Se têm, então também têm suas alegrias.

— Quer dizer... que as duas coisas vêm... juntas?

— Sim, sempre. É impossível prever as idas e vindas da felicidade.

— Como as... ondas?

— Exatamente.

Ela colocou os braços sobre a mesa e apoiou o rosto nas mãos.

— Você é tão sábio. Todas as vezes que falo com você, as coisas parecem entrar em sua perspectiva certa. Além disso, me parece tão... sensível.

— E quando não está falando comigo?

— Sinto-me perdida e desorientada, incapaz de pensar as coisas sozinha.

— Então, não tente. Pare de pensar. Metade dos problemas desse mundo existem porque as pessoas ficam fazendo planos para o futuro e esquecem de viver o presente.

— Acha que isto tornaria tudo mais fácil?

— Tenho certeza. E deixe-me dizer-lhe, ainda que talvez não me acredite, que a metade das dificuldades que nós antecipamos na verdade não são tão ruins como imaginamos que seriam.

Notou, enquanto falava que o príncipe Friederich tinha tomado conta dos pensamentos dela.

— Pense no presente! Lembre-se de que você está aqui e que nós podemos conversar sem interrupção, sem ninguém para criticar o que estamos dizendo.

— E eu vou poder aproveitar... cada minuto — disse Mariska, numa voz que ele mal podia ouvir.

Arkley sabia que ela havia dito para si mesma que aquilo era algo para lembrar algo para pensar, quando as coisas ficassem muito difíceis.

A garçonete trouxe o desjejum.

Mariska notou que não havia somente café com creme, mas também rosquinhas quentes, manteiga e mel. E frutas alguns pêssegos pequenos e alguns cachos de uvas doces, que cresciam nas encostas das montanhas.

Enquanto comiam, lorde Arkley fez Mariska rir, contando-lhe algumas de suas viagens com o rei, especialmente a visita a Paris, que foi um triunfo pessoal.

Apesar de nenhum dos dois tocar no assunto, Mariska sabia o quanto aquela visita havia enraivecido os alemães.

Eles haviam tentado de todas as maneiras aumentar as suspeitas francesas sobre o que chamavam de “objetivos e intenções do ingleses”. Mas depois que o rei foi aclamado em Paris, todas as manobras alemãs para criar tensão entre os dois países falharam. Na ocasião, Eduardo VII mostrou-se um hábil diplomata e se recusou a ouvir as objeções de seu gabinete contra a viagem à França.

Lorde Arkley contou a Mariska incidentes interessantes que ocorreram nas corridas, nos acontecimentos sociais e no teatro.

Ao fazê-lo, lembrou-se de que tinha sido o barão Echardstein quem, na época, percebera que a crescente influência da Inglaterra na Europa representava um perigo para a Alemanha e poderia levar França, Inglaterra e Rússia a se unirem.

Naquele momento, a argúcia do general fez com que lorde Arkley se preocupasse ainda mais com a presença do oficial alemão em Marienbad. Era vital que descobrisse por que estava ali e o que o levava a visitar o príncipe Friederich.

Tinha certeza de que a razão estava ligada a ele e ao rei. Mas parecia-lhe impossível imaginar que alguém esperasse que o príncipe, um aleijado, fosse capaz de fazer qualquer coisa para ajudar o governo alemão. Ao mesmo tempo, Arkley tinha que admitir que um homem numa cadeira de rodas seria um espião perfeito, em circunstâncias especiais, justamente por não despertar suspeitas.

Havia, portanto, uma boa razão para ele ter sido convidado para jantar com o príncipe e para o fato de Mariska ter ido cavalgar com ele.

Então, disse a si mesmo que o conselho que tinha dado a ela também se aplicava a ele devia se contentar em viver o presente, feliz por ver a delicadeza de seu rosto, e ouvir a suavidade de sua voz. Sem outras preocupações nem tentar entender que estranhos sentimentos eram aqueles que ela lhe despertava.

Talvez estivesse apenas se deixando levar pela imaginação Mariska era uma linda mulher, ele era um homem, e estavam sozinhos num lindo lugar.

Não havia nada mais do que isto. Apesar de saber que estava se enganando, no momento não queria enfrentar a verdade.

Mariska terminou de comer a última uva e disse:

— Há muito tempo não como tanto! Até havia esquecido de que comida pode ter um sabor tão delicioso.

— Deixe-me pedir algo mais para você.

Ela negou com a cabeça.

— Já estou envergonhada da minha gulodice.

— Não há razão para isto. Gostaria de levar você à Inglaterra e fazê-la comer três boas refeições por dia, para engordar um pouquinho.

— Não acredito que algum dia consiga engordar. Acho que sou a única pessoa em Marienbad que não está tentando emagrecer.

— Elas não tentam muito — respondeu lorde Arkley. — Apenas, tomam a água e imaginam que fará milagres. Depois, vão às festas e comem tudo que é posto à sua frente.

Mariska sabia que ele estava pensando no rei Eduardo, conhecido por comer refeições enormes.

— A duquesa me disse — ela comentou — que esteve num almoço há dois anos, oferecido ao rei Eduardo e ao rei da Grécia, no Café Rubeznhl.

Era um famoso restaurante na floresta, rival da estação de águas. Por isso, não era difícil aumentar de peso, todas as vezes que se visitava o café.

— O *menu* começava com *fogosch* grelhado — comentou Mariska.

— Sempre achei que é o peixe mais delicioso do Danúbio.

— Eu também gosto muito — concordou Mariska. — Mas não acompanhado de costelas de carneiro, peito de perdiz e presunto de Praga com geléia.

Lorde Arkley riu.

— Tenho quase certeza de que o rei não perdeu nenhum bocado de todos esses pratos.

— Os dois reis não só comeram tudo, como ainda devoraram compota de frutas frescas, e a duquesa disse que fizeram justiça aos melhores vinhos austríacos.

— Garanto que, depois disso, ambos passaram uns três dias sem se pesar — sorriu lorde Arkley.

— Acho que um regime destruiria o bom humor do rei Eduardo — disse Mariska. — Ele é tão alegre, tão gentil e gosta tanto da vida, que isto é muito mais importante do que uma silhueta elegante.

— Concordo. Mas, ao mesmo tempo, todos nós, seus amigos, tememos que o excesso de peso seja demais para o coração dele. Não suportaríamos perdê-lo. Nem a Inglaterra poderia ficar sem ele. Havia um tom em sua voz

que fez Mariska perguntar:

— Gosta mesmo muito dele, não é?

— Acho que é uma pessoa magnífica e que, se alguém pode manter a paz na Europa, ele é essa pessoa.

Falou aquilo de propósito. Se Mariska repetisse sua conversa para o marido, seria o tipo de coisa que os alemães não gostariam de ouvir.

— A duquesa me disse que algumas pessoas o chamam de “Tio da Europa”.

— É um título muito adequado — concordou lorde Arkley. — E agora, vamos falar sobre você. Por que nunca visita seus parentes na Inglaterra?

— Adoraria fazer isso, e meu tio, o duque de Dorset, convidou-me para visitá-lo no ano passado.

— Mas você teve que recusar?

— Friederich não pode viajar para tão longe. Lorde Arkley não falou nada. Depois, Mariska disse:

— A duquesa me contou que você tem uma magnífica mobília francesa em sua casa em Hampshire.

— Adoraria mostrá-la a você — ele respondeu. — Também tenho algumas pinturas francesas bonitas e uma ou duas de pintores impressionistas, sobre as quais gostaria de ter sua opinião.

— Os impressionistas?

Os olhos de Mariska aumentaram, cheios de interesse.

— Antes de eu me casar, papai disse que, quando estive em Paris, admirou o trabalho de um homem chamado Monet.

— Seu pai e eu temos, obviamente, os mesmos gostos.

— Sempre quis ouvir mais sobre os impressionistas, porque tudo que eles fizeram é tão controvertido. Mas, na Alemanha, qualquer coisa que seja francesa é depreciada, e o tipo de arte que eles admiram é muito convencional.

— E você pensa diferente?

— Talvez eu seja uma rebelde no meu coração. Sempre quis ver e tentar coisas novas. Há tantas coisas no mundo sobre as quais nunca ouvi, e, sobretudo, tive a oportunidade de ver.

A tristeza voltou aos seus olhos e ele quis dizer que ela não devia sofrer tanto e que tudo passaria. Mas, como ele poderia saber?

O príncipe Friederich tinha a mesma idade de Arkley — apenas 29 anos — e não havia razão, agora que estava melhor, para esperar que não vivesse ainda muitos anos. A não ser que a bebida o matasse.

Tinha um pressentimento de que Mariska não resistiria a tanta pressão. Como poderia continuar, dia após dia, anos após ano, vivendo como se estivesse presa dentro de um vulcão?

— O que está pensando? — ele perguntou.

— Eu pensava... — ela respondeu, com o rosto virado para o lado — eu pensava que, talvez, se tomássemos um barco e remássemos... através da neblina... encontraríamos um mundo diferente, do outro lado do lago.

— E como sabe que seria melhor do que este?

— Pelo menos, seria diferente — ela respondeu, imediatamente. Olhou-a e disse:

— Tenho certeza de que não preciso lhe dizer que você pode fugir para outro mundo.

— Você quer dizer... em minha cabeça?

— Claro! E com livros, música e a arte, como as pinturas de Monet.

— É o que tentarei fazer. Mas é difícil... muito difícil.

— Deve fazer um esforço ainda maior. Agora mesmo, quando olhava o nevoeiro, você estava fugindo. Então, olhe para os pinheiros e diga para si mesma que, se caminhar através deles, nas sombras, ouvirá e verá coisas que não podemos perceber daqui.

— Eu tentarei. Realmente, tentarei — Mariska prometeu.

Ela falou honestamente. E, no momento em que seus olhos encontravam os de lorde Arkley, eles ficaram ambos, de repente, muito quietos.

— Talvez — ela disse, numa voz que era pouco mais do que um sussurro quando eu encontrar esse outro mundo, você esteja lá.

— Tentarei estar. Mas você sabe que não será fácil para nenhum de nós dois.

Não tinha muita certeza do que queria dizer com aquelas palavras.

Enquanto falava, era como se quase tudo o que dizia a Mariska fosse colocado em sua mente por algo ou alguém fora dele mesmo. Não se lembrava de jamais ter tido uma conversa tão estranha com uma mulher. Mas, também, nunca tinha se sentado bem cedo, à beira do lago, com a pessoa mais adorável que tinha visto em sua vida.

Havia algo nela, pensou que fazia as outras mulheres parecerem vulgares e sem graça. Pareciam rosa despetalada, ao lado de um lírio-do-vale. Um lírio! Era exatamente a flor com que ela se parecia!

Um lírio-do-vale, florescendo, antes que a neve derretesse no chão.

Mariska suspirou:

— Sempre me lembrarei disto. Também pensarei no que você me disse

para fazer e isto me ajudará, quase como se você me tivesse atirado um salva-vidas num mar violento.

— Lembre-se de que mares violentos também se acalmam — ele falou.

Ela sorriu, e como ele sabia que seria um grande erro irritar o príncipe Friederich, mantendo-a longe por muito tempo, pediu a conta.

Cavalgaram de volta quase em silêncio, mas lorde Arkley sentia, pela maneira como Mariska olhava tudo a seu redor, que estava memorizando tudo o que via, dizendo a si mesma que cada visão de beleza era outra entrada para o mundo secreto do qual ele havia falado.

Quando já avistavam os telhados de Marienbad, ele perguntou:

— Virá comigo amanhã?

— Eu adoraria, mas pode ser que não tenha permissão. E talvez... Hesitou, e lorde Arkley falou, rapidamente:

— Não diga isso. Já falei que não há ninguém que eu prefira para me acompanhar.

— Tenho tanto medo de aborrecê-lo.

— Sabe que isso não acontece.

— Tem... certeza?

— Não se preocupe com meus sentimentos, mas, sim, em pensar no mundo secreto que está tentando alcançar.

— Pensarei nele a cada momento. Especialmente, quando estiver sozinha.

Continuaram a cavalgar mais um momento. Então, ela disse:

— Eu estava lendo, outro dia, os ensinamentos de Blavatsky. Uma das coisas em que ela acredita é que, quando alguém está pronto para ser um líder ou um professor, ele aparece.

Lorde Arkley sorriu.

— Você está me lisonjeando. Depois, creio que o líder não é necessariamente uma pessoa.

Notou que ela parecia confusa, e explicou:

— O socorro pode vir de todos os tipos, de diferentes locais algumas pessoas o encontram na Igreja, outros no topo de uma montanha, outras num barco a remo, num lago, como o que acabamos de deixar.

— Claro! Por que não pensei nisso antes? Timidamente, acrescentou:

— Mas ainda acho que você foi... enviado... para me ajudar.

— Espero que seja verdade — lorde Arkley respondeu, e dirigiu-se ao Hotel Weimar.

Ainda não eram nove horas. Mariska subiu a escada rapidamente. Abriu

a porta da suíte e viu, com um súbito aperto no coração, que Friederich já havia se levantado e vestido, e tomava café na sala de visitas.

Sempre comia uma enorme refeição e estava devorando um prato de pães doces.

Quando ela entrou na sala, levantou a cabeça, mas não fez nenhum comentário continuou comendo.

— Bom dia, Friederich! Foi muito gentil da sua parte deixar-me cavalgar com lorde Arkley. Gostei muito do exercício.

Arrependeu-se imediatamente. Era muita falta de tato falar em exercício, uma das muitas coisas que o marido não podia fazer.

Ao mesmo tempo, se não o dissesse, ele poderia usar como desculpa o fato de que ela não tinha se divertido, para impedi-la de cavalgar outra vez.

— Vossa Alteza deseja algo para comer? — perguntou Josef, enquanto se apressava em puxar a cadeira para ela.

— Só um pouco de café, por favor — respondeu Mariska, achando que seria um erro não aceitar nada.

Sentiu que não podia contar a Friederich que ela e lorde Arkley haviam tomado o desjejum perto do lago.

Aquele era um lugar secreto um lugar onde os dois estiveram sozinhos, e falar sobre o assunto com outra pessoa poderia destruir o mistério que o cercava.

O príncipe empurrou o prato vazio e, olhando para Mariska, perguntou:

— Bem, o que você disse a ele?

— Ao lorde Arkley?

— A quem mais? Vocês cavalgaram sozinhos, não foi?

— Nós não conversamos muito.

— O que ele disse? Eu falei que queria saber de tudo. Vocês conversaram sobre o rei Eduardo?

— Sim. Lorde Arkley disse que ele é uma pessoa muito gentil.

— O que mais?

— Que aprecia boa comida.

— Todo mundo sabe disso. O que mais?

— Ele me contou algumas passagens das viagens que fez com o rei.

— Falou sobre a Alemanha?

— Não.

— Sobre a França?

— Só sobre sua visita a Paris, com o rei, há dois anos.

Houve silêncio por um momento. Depois, subitamente, tão subitamente

que fez Mariska pular, Friederich deu um murro na mesa.

— Você está me enganando. Se a deixei cavalgar, quero saber o que aconteceu. Deus sabe como tenho poucos prazeres na vida! Poderia ao menos viver um pouco, através dos seus!

O coração de Mariska se ressentiu.

— Lamento muito, Friederich. Não imaginei que o que eu e lorde Arkley conversamos pudesse... lhe interessar.

— Muito bem, interessa-me. Por isso, continue falando. Freneticamente, Mariska tentou lembrar-se do que haviam conversado que não fosse sobre si mesmos. Como estava nervosa, não tinha tempo de escolher as palavras.

— Eu falei que tinha ouvido que o rei Eduardo era chamado de “Tio da Europa” e lorde Arkley concordou que era um bom nome para ele, porque, se, alguém podia manter a paz, essa pessoa seria o rei.

— Manter a paz! O príncipe riu desdenhoso. — Você acredita que é o que ele está tentando fazer, incitando a França contra a Alemanha?

— Não creio que ele queira fazer isto.

— Você não acha! O que você sabe? Uma idiota como você? Já ouviu falar da “adaga continental” do rei Eduardo? É sobre isso que eu quero ouvir. É isto que quero que você peça para lorde Arkley explicar.

Ele gritava e Mariska rezava para que Arkley não o ouvisse, de sua suíte.

De repente, veio à sua cabeça que, se ele desconfiasse de que ela estava tentando conseguir informações para passar a Friederich, nunca mais falaria com ela.

Compreendeu também que alguém mais, além do marido, poderia estar interessado no que eles tinham conversado.

Que idéia absurda! Lorde Arkley tinha muita experiência nas cortes européias para dizer qualquer coisa que pudesse ser de interesse para alguém como o general Von Echardstein ou o almirante Von Senden.

Tirou a idéia da cabeça e disse a si mesma que Friederich só estava querendo dificultar as coisas. Ou, talvez, de alguma maneira obscura, apesar de odiá-la, estivesse com ciúme de que algum outro homem pudesse achá-la interessante.

Tentou lembrar-se de alguma outra coisa que lorde Arkley tivesse dito sobre o rei, mas, na verdade, não havia nada para contar.

Friederich olhava-a, furioso. Sem entender por que estava aborrecido e desapontado com ela, Mariska levantou-se.

— Vou me trocar. Não quero deixar você esperando e está na hora de ir ao Kreuzbrunnen.

— Se não está pronta, irei sem você. Enquanto ela caminhava para o quarto, ele disse:

— Presumo que você vai cavalgar com Arkley novamente, amanhã de manhã.

Mariska parou.

— Eu gostaria de ir, se você me der permissão.

— Darei desde que me traga algo mais interessante do que trouxe hoje. Deus sabe o que tenho para sofrer, sentado aqui, tendo apenas sua conversa idiota para ouvir, dia após dia. Quando tem a oportunidade de conversar com um homem do mundo, não é nem capaz de usar isso e tentar lembrar o que ele lhe disse.

— Vou fazer o possível, Friederich. E obrigada por me deixar... cavalgar novamente.

Escapou da sala, com o coração cantando e mal acreditando que poderia fugir outra vez.

Era verdade, pensou, enquanto mudava de roupa, que lorde Arkley a levava a um mundo mágico, que ainda não conhecia.

Sentiu como se estivesse mergulhando num pantanal de desespero e, de repente, ele lhe estendesse a mão, não só ajudando-a a sair, mas levando-a ao céu.

— Ele é maravilhoso! Absolutamente maravilhoso — sussurrou para si mesma.

E começou há contar as horas e os minutos que passariam, até que pudesse vê-lo novamente.

Enquanto mudava de roupa, com a ajuda de Hawkins, lorde Arkley pensava em Mariska e na expressão de seus olhos, quando lhe falou do mundo secreto.

— Como pude saber qual era a coisa certa para lhe dizer? — perguntou a si mesmo. — Como tais palavras vieram à minha cabeça, se nunca havia pensado naquilo antes?

Como Mariska, também pensou que a neblina do lago, a beleza dos pinheiros e a água clara tinham uma espécie de magia inexplicável que ainda não tinha notado.

Ela era diferente de qualquer outra pessoa que conhecia. Percebeu que desejava, com uma intensidade maior do que a usual, que ela pudesse cavalgar com ele na manhã seguinte.

— Há um recado de Sua Majestade, senhor — disse Hawkins, quebrando o silêncio.

— O que é?

— Sua Majestade gostaria de vê-lo em sua suíte, quando voltar de Kreuzbrunnej.

Lorde Arkley olhou o relógio.

— Ele já deve ter voltado. Você disse que eu estava cavalgando?

— Sim, senhor.

Lorde Arkley pegou o chapéu e a bengala.

— Vou ver o rei imediatamente.

Suspirou, pensando que gostaria de, primeiro, abrir suas cartas e ler os jornais. Mas sabia que, se o rei desejava vê-lo, ficaria irritado se demorasse.

Enquanto andava pelo corredor, até o outro extremo do hotel, lembrou-se da maneira como o príncipe Friederich tinha menosprezado Eduardo chamando-o de “feitor de escravos”, enquanto *sir* Henry Campbell-Bannerman tinha dito que estava cansado de seu círculo de amigos.

De fato, aquilo era verdade, exceto que os que serviam o rei faziam aquilo com toda a boa vontade e de coração.

Ao chegar à suíte, encontrou o rei sozinho, na sala de estar, e logo entendeu que estava sendo esperado.

— Bom dia, Arkley! Ouvi dizer que você esteve cavalgando.

— Sim, senhor.

— Sozinho?

A pergunta foi feita de tal maneira, que teve certeza de que o rei já sabia a resposta.

— O príncipe Friederich pediu-me para acompanhar a princesa Mariska. Não podia recusar tal pedido.

— Sem ter nenhuma idéia do por que ele foi feito.

— Nenhuma senhor.

Estava decidido a não deixar que suspeitasse de Mariska, não importa o que pudesse pensar do príncipe.

— Ela é muito atraente. Se pudesse se livrar daquele bêbado bruto, seria uma beleza.

Lorde Arkley concordou, mas achou melhor não dizer. O rei ficou em silêncio por um momento.

— Sente-se! Você tem alguma idéia de por que Echardstein esteve em Marienbad? E por que foi visitar o príncipe Friederich?

— Sim, senhor.

— Ah, sim

— o rei perguntou. — Então, por quê?

— Acho ainda que possa estar enganado, senhor, que o Alto Comando alemão está ansioso por saber, primeiro, que notícias eu trouxe da Alemanha e, segundo, sobre a hospitalidade de Vossa Majestade à frota francesa em Spithead.

Aquele fato tinha acontecido há apenas algumas semanas, e foi, desde o início, idéia do rei. Diante dos esforços dos alemães para causar problemas no Marrocos, havia sido entregue um convite oficial, em março, para que um destacamento da frota francesa fosse visitar Spithead. O convite foi, naturalmente, aceito e, duas semanas mais tarde, o ministro da Marinha, almirante Fisher, iniciou conversações, não só para a visita a Spithead, mas para uma visita da Frota Atlântica a Brest.

O rei encarregou-se pessoalmente do programa, o que era uma demonstração importante da amizade anglo-francesa.

Inglaterra e França ainda não se haviam tornado firmemente aliada. \mas, tal como no caso da Rússia, os ingleses estavam empenhados em estreitar os laços de amizade.

Nenhum outro marinheiro estrangeiro teve uma recepção de boas-vindas comparável à oferecida aos oficiais e homens dos seis cruzadores e seis *detroyers* franceses sob o comando do almirante Caillard.

Ancoraram em Portsmouth na primeira semana de agosto, quando lorde Arkley estava na Alemanha.

Mas ele soube que o rei subira aos navios franceses para almoçar com os capitães, conferira títulos de honra e fizera brindes à França e, especialmente, a seu bom amigo, o presidente.

Não era de surpreender que os alemães se preocupassem e ficassem mais temerosos que nunca de que pactos secretos estivessem sendo assinados, sem que eles soubessem.

— O almirante Von Senden também está em Marienbad — continuou lorde Arkley. — Supostamente, em tratamento.

— Ouvi algo a respeito — disse o rei. — E você acha que é significativo o fato de que chegou ao mesmo tempo em que você?

— Acho que isso é mero acaso, senhor.

— Não confio neles. E não confio em meu sobrinho Guilherme. Lorde Arkley aguardou, enquanto o rei pensava.

— O que tenho medo — disse ele, finalmente, em voz baixa — é que Guilherme seja induzido à guerra por seu gabinete. Ele não terá coragem de enfrentá-los com bom senso mas, sim, obedecerá cegamente, irão começar a guerra por vontade própria, mas por sua fraqueza.

— O senhor realmente acha isso?

— Posso apenas rezar para que esteja errado. Deus sabe que ninguém tem quer a guerra, mas temos que enfrentar os fatos, Arkley.

— E quais são eles?

— O *kaiser* acredita que foi escolhido para ser o maior soberano da Terra, com a missão divina de tornar a Alemanha a mais poderosa nação.

Lorde Arkley suspirou. Depois, disse:

— Se alguém pode evitar isso, senhor, é Vossa Majestade! Pode ser que eu tenha bastante sorte para conseguir — respondeu o rei —, mas não posso evitar pensar no que acontecerá, depois de minha morte!

CAPÍTULO V

Josef entrou na sala de visitas, onde Mariska estava esperando.

— Sua Alteza está dormindo.

— Tem certeza de que ele não vai me chamar, Josef?

— Não, Alteza. O tratamento de hoje foi muito forte. — Fez uma pausa e suspirou, antes de continuar. — Mas receio, Alteza, que não surtirá grande efeito.

— Acho que ambos sabemos disso, Josef — Mariska respondeu. — Mas, enquanto Sua Alteza acreditar que lhe faz bem é fundamental que continue.

O criado olhou para ela, com compreensão. Sabia, melhor do que ninguém, que, se o príncipe Fríederich não ficasse ocupado com seus tratamentos, consultas médicas e visitas às fontes locais, sua raiva cresceria. E as pessoas que sofreriam seriam a princesa e ele mesmo.

Josef nunca comentava com ninguém sobre os maus tratos que recebia, enquanto vestia o príncipe ou o punha na cama, quando estava bêbado demais para saber o que fazia.

Apesar de não ser muito alto, Josef era um homem extremamente forte. Ele se acostumou a evitar objetos sendo atirados a sua cabeça e a escapular, quando o príncipe tentava dar-lhe um murro no peito.

O fato era que Friederich, bêbado ou sóbrio, era astuto o suficiente para saber que não poderia passar sem os serviços dele. Mesmo sendo um tirano, respeitava a coragem e a constante recusa do criado de se deixar dominar.

No que tocava a Mariska, a situação era diferente. Ela era mulher e, como tal, devia ser humilde e submissa. Além disso, havia outra razão para Friederich descarregar sua selvageria sobre a esposa: achava que era por ter casado com ela que estava aleijado.

— Se você tem certeza de que Sua Alteza não notará minha ausência — disse Mariska, em voz baixa —, vou visitar a duquesa.

Josef olhou o relógio.

— Se estiver de volta pelas cinco horas, quando preparo o chá, haverá bastante tempo.

Mariska sorriu para ele e saiu da sala.

Naquele dia, sentia-se feliz, apesar de Friederich ter sido muito rude e desagradável durante o almoço.

Pela primeira vez, seus insultos e palavras grosseiras não pareciam machucá-la de alguma forma, ainda estava em seu mundo mágico de névoa

dourada.

Enquanto o marido fazia seu tratamento, ela não ficou lendo. Sentou-se na feia e austera sala de visitas, vendo apenas a luz das águas do lago e os olhos de lorde Arkley, dentro dos dela.

Parecia impossível que tivesse falado com ele de uma maneira como nunca havia falado com ninguém, especialmente um homem.

No dia seguinte, iam cavalgar juntos novamente e, como ele aconselhara, pretendia viver cada momento das horas que a separavam daquele encontro esperado.

Chegou à suíte da duquesa e ficou contente, ao ver que a amiga estava sozinha. Não havia nenhum chapéu ou bengala de homem no corredor, nem murmúrio de vozes no salão.

— Sua Alteza Real princesa Mariska! — anunciou o criado.

— Querida! Que bom ver você! Tinha esperanças de que pudesse vir. Mariska atravessou a sala e, quando se inclinou para beijar o rosto da duquesa, a velha senhora disse:

— Você está adorável, minha criança, e... diferente. Apertou os olhos e olhou bem o rosto da moça.

— Você está feliz! O que houve? Mariska riu.

— É impossível esconder qualquer coisa da senhora. Sim, estou feliz e tive uma linda manhã.

— Cavalgando com lorde Arkley.

— A senhora já sabia?

— Claro que eu sabia! Acha que algo fica em segredo neste hotel? A propósito, meu criado, Henri, levou meu cachorrinho para um passeio e viu você.

— Foi tão maravilhoso montar a cavalo, outra vez!

— E estava na companhia de um homem muito atraente — completou a duquesa.

Mariska corou e a velha disse:

— Não falei com malícia. Estou tão contente por você poder se divertir!

— Eu fiquei admirada, absolutamente admirada, quando Friederich sugeriu o passeio. Quis vir ontem mesmo, para lhe contar, mas tive medo até de falar no assunto, antes que tivesse acontecido.

— No caso de Friederich mudar de idéia — disse a duquesa, secamente.

Mariska concordou com a cabeça.

— Não consigo imaginar quem pôs essa idéia na cabeça dele, mas tudo o que importa é que ele me deixou cavalgar hoje e disse que poderei ir

novamente amanhã.

A duquesa não disse nada, por algum tempo. Depois, escolhendo as palavras com cuidado, perguntou:

— O que acha de lorde Arkley?

— Ele é tão gentil... tão diferente de qualquer outro homem que já conheci!

— Eu o acho charmoso!

— Ele veio visitar a senhora?

— Sim. Veio ontem, depois que você lhe deu o recado. Conversamos sobre a mãe dele. Acho que, se o visse agora, Leila ficaria muito orgulhosa dele.

— Ele é muito... inteligente — disse Mariska.

— O que não é de muita importância para a maioria das mulheres que ele conhece!

— Sempre ouvi dizer que os homens não gostam de mulheres inteligentes.

A duquesa sorriu:

— Isso depende de como elas mostram sua inteligência. O que o homem não gosta é de uma mulher que tente dominá-lo e provar que é mais inteligente.

— Em outras palavras, ela deve ser humilde e subserviente — disse Mariska. — Esta é uma visão muito alemã.

— Não é isso que quero dizer — respondeu a duquesa, prontamente. — As mulheres francesas governam a França, desde o tempo de Diana de Poitiers, mas elas o fazem sabiamente, usando os ardis femininos que não deixam o homem perceber que está sendo manipulado.

— Não quero manipular ninguém — sorriu Mariska —, gosto que um homem me... ensine, pois sei o quanto sou ignorante.

— Tenho certeza de que isso é algo que qualquer homem gostaria de fazer — disse a duquesa —, especialmente quando a lição é sobre o amor.

Como se sentiu embaraçada com o rumo que a conversa estava tomando, Mariska falou, rapidamente:

— Não quero falar de mim. Estou cansada deste assunto. Quero falar sobre a senhora, madame. O rei veio vê-la?

— Ele virá à tarde. Sem dúvida, isso significa que serei alvo do ódio de todas aquelas mulheres adoráveis que esperam por ele em seus *boudoirs* perfumados.

Falou com tamanha satisfação que Mariska teve que rir.

— Elas realmente perfumam os quartos?

— Claro que sim! E usam aqueles vestidos impropriamente chamados de “vestidos-de-chá”, que não passam de lindas camisolas!

Havia uma expressão no rosto de Mariska que disse à duquesa que ela estava pensando, não no rei, mas nas mulheres que tentavam seduzir lorde Arkley.

— Tais romances não são sérios — disse a velha, suavemente. — Servem apenas como passatempo. O amor, o verdadeiro amor, é muito diferente. Não há necessidade de *boudoirs* perfumados ou “vestidos-de-chá” sedutores.

Mariska não respondeu, mas, por seu rostinho sombrio, a amiga percebeu que estava pensando que, em vida, não havia lugar para o amor.

— Não se desespere, minha querida. Tudo passa inclusive a infelicidade.

— Não devo pensar em nada, a não ser na melhora de Friederich — disse Mariska, desafiadora.

Então, como estava decidida a não ser o assunto, continuou, num tom diferente:

— A senhora, que conhece todo mundo, já ouviu falar da baronesa Von Kettler?

A duquesa ficou tensa e olhou para Mariska, surpresa.

— A baronesa Von Kettler? — ela repetiu. — Por que você me perguntou sobre ela?

— Alguém... mencionou seu nome — respondeu Mariska, com hesitação — e eu... eu... fiquei imaginando quem seria.

— Eu lhe falarei sobre ela, pelo menos, tudo que qualquer pessoa pode saber sobre uma mulher tão extraordinária.

— Por que ela é extraordinária?

— Talvez a melhor explicação seja o fato de ter uma profissão fora do comum. Houve rumores de que, no começo, ela foi encontrada cantando ou dançando em um café de baixa categoria, mas não se pode ter certeza se esta é a verdade.

— Uma atriz?

— Esta seria uma palavra gentil demais para ela. A primeira vez que foi notada foi quando seduziu — e essa sim, acho uma palavra certa — o pobre barão Von Kettler. Ele era um viúvo extremamente rico e socialmente importante demais para ser ignorado.

— Ele casou-se com ela?

— Sim, e ela se pavoneou toda por essa vitória.

— Ela é aceita pela nobreza alemã? Nunca ouvi falar dela antes.

— Não em círculos que você e Friederich freqüentam. Mas, fora das cortes reais, seria muito para alguém fechar as portas ao barão Von Kettler.

— E a baronesa é alemã?

— Não, não! Alguém já sugeriu que é turca ou egípcia, ou tem sangue mouro. Só Deus sabe a verdade! Creio que uma vez ela falou que o pai era polonês.

— E é... bonita?

— Não do tipo de beleza que eu admiro — disse a duquesa vivamente — mas é certamente charmosa, com olhos puxados, cabelo vermelho e uma maneira sensual que lembra uma cobra.

Mariska ouvia, fascinada.

Se a baronesa era assim, então, por que o general Von Echardstein ameaçou Friederich de mandar trazê-la para Marienbad, se ele não conseguisse o que o *kaiser* queria?

Ela se lembrava dele dizendo: “É uma mulher fascinante e já fez um ótimo trabalho para nós”.

Subitamente, compreendeu que tipo de trabalho era aquele. Com voz trêmula, perguntou:

— A senhora acha... que a baronesa é... uma espiã?

— Claro que sim! Está envolvida em todas as intrigas que surgem atrás das portas fechadas do serviço secreto em Berlim!

Viu a expressão de espanto de Mariska e continuou:

— Foi à baronesa que causou uma discórdia tão grande entre os jovens diplomatas em Paris, a ponto de o presidente ameaçar fechar o salão Kettler.

Pensou por um minuto.

— Houve um escândalo, não me lembro agora o que foi sobre a Espanha. Foi tudo abafado, e ninguém sabe muito bem o que aconteceu, mas a baronesa foi uma das causas.

— Então, por quê... ? — começou Mariska, mas sua voz sumiu. Como as peças de um quebra-cabeças que se encaixam, começou a entender o que estava acontecendo.

Era por causa de algo referente ao rei Eduardo e a lorde Arkley que o barão Von Echardstein e o almirante Von Senden tinham ido visitar Friederich. Sabiam que seu marido tinha conhecido Arkley, no passado, e que o hospedara no palácio, em Wilzenstein.

Obedecendo às intrigas do *kaiser*, tinham dito a Friederich para descobrir algo que queriam saber. Quando o jantar fracassou, Friederich decidiu recorrer a ela.

Agora entendia por que insistira tanto para que repetisse tudo o que lorde Arkley lhe havia dito. Entendia também por que recebera permissão para cavalgar com ele no dia seguinte.

Por um momento, lhe pareceu completamente inacreditável que esperassem que ela espionasse alguém, ainda mais um inglês, já que ela mesma tinha sangue inglês nas veias.

Provavelmente, os alemães esperavam que ela fosse totalmente leal à nacionalidade do marido, ao país superior no qual tinha tido o “privilégio” de se casar.

Estava chocada, mas pensou que devia ter imaginado, desde o começo, que depois de ignorar Friederich por três anos, o *kaiser* só o procuraria se houvesse algum motivo muito forte.

Oprimida pelo que tinha acabado de ouvir e mal se dando conta do que estava fazendo, Mariska levantou-se e caminhou até a janela.

A duquesa a observava.

— É sempre bom, Mariska, minha querida criança, enfrentar os fatos, não importa quão duros eles sejam.

— E se os fatos... nos chocam e... desgostam?

— Os Eszterházy sempre tiveram coragem.

— Não se trata de coragem — respondeu Mariska —, mas de não saber o que fazer. De sentir-se perdida, impotente.

— Em tais circunstâncias, sempre fiz o que meu coração mandou. Depois que falou aquilo, houve um silêncio no qual Mariska podia ouvir até as batidas do próprio coração. No entanto, sabia que a duquesa havia lhe dado a resposta. Afastou-se da janela e disse:

— Devo voltar, agora. Friederich está descansando, mas pode me chamar e a senhora sabe que não gosta que eu venha visitá-la.

— Com Friederich, ou sem Friederich, espero que você volte.

— A senhora sabe que virei. E... muito obrigada.

— Não precisa agradecer menina.

A duquesa observou Mariska, enquanto ela caminhava até a porta. Depois que se voltou e se despediu sorrindo, a velha ficou algum tempo com os olhos fechados.

Estava rezando e de alguma forma sentia, quase com uma clarividência que vem com a idade, que suas preces seriam atendidas.

Durante o resto da noite, Mariska se debateu, indecisa como um naufrago, ora levada numa direção, ora em outra, enquanto perguntava a si mesma o que devia fazer.

Sua primeira idéia foi de confrontar Friederich com a verdade que tinha acabado de saber e lhe dizer que não se rebaixaria a ser uma delatora para o *kaiser* ou qualquer outro homem do mundo.

Era realmente desprezível que usassem seu marido daquela forma e que ele a envolvesse também.

Ao mesmo tempo, podia entender o quão desesperadamente Friederich queria subir novamente no conceito do imperador, como gostaria de ter novamente a importância da qual havia gozado em Berlim, no passado.

Mesmo que tivesse sucesso naquela missão, Mariska achava muito improvável que se mostrassem agradecidos. No momento em que deixasse de ser útil, se livrariam dele rapidamente.

Já havia vivido na Alemanha tempo suficiente para conhecer a falta de piedade e humildade do *kaiser* e de todos os que o cercavam.

Para ela, era completamente degradante que a fraqueza de um homem do nível de Friederich fosse usada de uma tal maneira por generais e almirantes, que não tinham capacidade para fazer seu trabalho sujo sozinhos.

Ela se lembrava vagamente da confusão que tinha havido nos jornais sobre o caso no Marrocos, e supôs que era aquilo que interessava ao general Von Echardstein naquele momento.

Tinha certeza de que, se de fato o rei Eduardo confiava a lorde Arkley seus planos secretos, em nenhuma circunstância ele os revelaria a Friederich ou a ela.

E como podiam esperar que se comportasse como a baronesa Von Kettler?

De tudo que a duquesa tinha dito, ficou claro que a baronesa era uma espiã muito experiente. Mas será que os homens eram tão bobos a ponto de deixar que uma mulher, não importa o quanto estivessem apaixonados por ela, arrancasse deles segredos de Estado que sabiam ser absolutamente confidenciais?

Como se fazia isso? Como era possível um homem ser tão idiota a ponto de não entender que, quando estava sendo interrogado por uma mulher, qualquer resposta podia ser indiscreta?

Sabia a resposta e, como a chocasse, sentiu-se corar. Mariska era muito inocente sobre sexo e o comportamento de homens e mulheres. Sempre tinha sido acompanhada pela mãe e, embora nas muitas casas dos Eszterházy houvesse rapazes, nunca tinha acontecido nada mais íntimo do que algumas danças.

Mariska ainda não tinha dezoito anos, quando se casou. Era

extremamente inteligente, mas ainda não havia despertado emocionalmente, Agora, aos vinte um e casada, não sabia sequer o que era ser beijada apaixonadamente muito menos, fazer amor.

Apesar de todos os livros que tinha lido, entendia muito pouco sobre o que um homem e uma mulher faziam na cama. Assim, podia apenas suspeitar dos meios que a baronesa usava para conseguir informações dos jovens diplomatas. Ignorava o que realmente acontecia.

Mas seu maior problema era decidir se devia perguntar diretamente a Friederich o que ele estava tentando que ela fizesse e dizer-lhe que, em nenhuma circunstância, o faria.

Quando se sentaram à mesa do jantar, Mariska sentiu que era impossível comer, porque estava muito nervosa, e que também não conseguiria falar com o marido.

Ele se embriagava, dando ordens aos garçons para encher e tornar a encher seu copo com vinho tinto. O rosto já estava avermelhado pela bebida, e o tempo todo reclamava da comida. Quando olhava para Mariska, via ódio nos olhos dela.

Estava acostumada e aquela noite não era diferente de centenas de outras noites em que jantaram sozinhos. Mas, talvez porque estivesse chocada, ou porque de manhã cedo tivesse sentido uma felicidade indescritível, tudo parecia mais duro e pungente do que nunca.

Friederich tinha chegado ao estágio em que pedia *brandy*, bebendo rapidamente e voltando a encher o copo, quando os garçons não estavam bastante atentos.

— Você vai cavalgar com Arkley amanhã de manhã? — ele perguntou tão inesperadamente, que Mariska se assustou.

— Sim... você disse que eu... devia... ir.

— Bem. Ouça o que eu tenho a dizer e converse sobre assuntos que o interessem .

— Quais são?

Sentiu como se outra pessoa, e não ela tivesse feito a pergunta. Houve silêncio. Friederich parecia estar decidindo o que devia dizer, forçando sua cabeça a pensar com clareza.

— Fale sobre a França — disse ele, devagar. — O rei tem obsessão pelos malditos franceses.

— Como você sabe disso?

Como se a pergunta o alertasse de que devia ser cuidadoso no que dissesse a ela, ele hesitou, antes de gritar uma resposta:

— Posso ler os jornais, não posso? Posso entender, como qualquer outra pessoa, que o rei Eduardo prefere a indecência e a falsa alegria de Paris à sobriedade intelectual de Berlim.

— Talvez, Sua Majestade só vá... a Paris... de férias — arriscou Mariska.

— Ele vai bajular aqueles porcos — rosnou o príncipe — e os franceses sabem como agradar o velho tolo.

Mariska não respondeu. Cada vez mais enraivecido, Friederich continuou:

— Já fizeram músicas sobre ele. Janta com atrizes e mundanas. Não me importo em dizer que os franceses cantarão “Viva Eduardo” num tom diferente, se não tomarem cuidado.

— Que você quer dizer com... isto?

Pensou que Friederich ia lhe dizer o que mais ou menos suspeitava que os alemães pretendiam marchar sobre a França.

Então, mesmo através da névoa da embriagues, que invadia seu cérebro, ele recuou, no último momento, daquele abismo de indiscrição:

— Para que, diabo, você faz tantas perguntas? Faça somente o que estou mandando. Converse com Arkley sobre a França e diga-me quais são suas opiniões.

Mariska não respondeu. Simplesmente levantou-se da mesa, deixando o marido se servir de outro copo de *brandy*.

Sentia como se tudo ao seu redor estivesse frio e escuro, e ela não conseguisse encontrar o caminho de volta para a luz.

Por um momento, pensou que devia ir até a duquesa, pedir seu conselho sobre o que fazer.

Mas sabia que não podia ser desleal com o marido, mesmo com alguém tão próximo como a duquesa, e que era francesa.

Só havia uma pessoa em quem podia confiar, uma pessoa a quem devia contar e era para seu próprio bem, mais do que para o bem dela mesma, que ele precisava saber a verdade.

Pareceu passar uma eternidade até ouvir Friederich ser colocado na cama.

Estava insultando Josef, como sempre fazia, mas sua voz já não era tão forte, e muitas das frases que começava morriam em murmúrios incoerentes.

Todos os aposentos da suíte davam para o balcão. O primeiro era a sala de visitas que ficava ao lado do quarto de lorde Arkley; depois, havia o quarto de dormir que era ocupado por Mariska. Este se comunicava com o quarto grande, ocupado por Friederich, e a seguir havia um pequeno quarto

de vestir, onde Josef dormia.

Mariska esperou até que houvesse silêncio no aposento ao lado.

Sabia que Josef teria colocado seu marido na cama e que ele dormiria imediatamente. No entanto, era bem possível que, mais ou menos dentro de uma hora, acordasse e começasse a gritar para que alguém o atendesse.

Olhou para o relógio.

Ainda era cedo, nem dez e meia, e lorde Arkley devia estar jantando com o rei ou com alguém, numa das casas luxuosas, onde os ricos proprietários davam festas todas às noites.

De qualquer maneira, Mariska tinha esperança de que ele voltasse ao hotel pelo jardim.

A maioria das festas, ela já sabia, terminava no cassino e o caminho mais rápido de volta era através da passagem bem cuidada que terminava no gramado e nos jardins bem iluminados do Weimar.

Ela se sentaria sob o salgueiro e esperaria.

Achou que dali poderia ver se as luzes da sala de visitas de lorde Arkley se acendessem, sinal de que sua espera tinha sido em vão.

Ainda estava bastante quente, mas tirou um xale leve de veludo da gaveta da cômoda e, jogando-o sobre os ombros, saiu da suíte e desceu a pequena escada lateral, que levava à porta que se abria para o jardim.

Não viu ninguém. Rapidamente, dirigiu-se até a sombra protetora dos galhos caídos do salgueiro.

Sentou-se no mesmo lugar onde lorde Arkley a havia encontrado, na primeira noite, e se preparou para uma longa espera.

Tentou não pensar no que havia descoberto, mas penetrar no mundo encantado do qual eles haviam falado.

Tornava-se difícil não ficar olhando para o caminho que levava aos pinheiros e, depois, às janelas do quarto dele.

Quase duas horas deviam ter se passado, e Mariska estava distraída sonhando, quando, de repente, ele chegou.

Sentiu sua presença antes mesmo de ouvir seus passos.

— Tive um pressentimento de que encontraria você hoje aqui — ele disse, com sua voz profunda.

Ela não respondeu e ele se sentou a seu lado.

— O que está preocupando você? — perguntou, depois de um momento.

— Como sabe... que estou preocupada?

— Posso sentir. Na verdade, senti, antes mesmo de vir. Tive o pressentimento de que você precisava de mim.

Viu os olhos dela aumentarem.

— Eu realmente... preciso de você. Foi por isso que fiquei esperando.

— O que houve?

Parecia inevitável, ela pensou que eles se entendessem tão bem e não perdessem tempo com cortesias preliminares. Não respondeu logo, e ele disse:

— Dê-me sua mão. Obedeceu, surpresa com o pedido.

Então, quando ele tocou seus dedos frios e segurou-os, sentiu seu calor dar-lhe forças.

Olhou para ele com um apelo tão patético, que Arkley perguntou de novo.

— O que houve?

Sentiu os dedos dela tremerem e insistiu:

— Acho que não há nada que não possamos dizer um para o outro, Mariska.

— Não quero chocar ou amedrontar você. Ele sorriu.

— É muito improvável que você consiga.

— Você não... sabe o que eu tenho... a dizer.

— Que tal, então, me dizer? Será que está com medo?

— Sim... estou.

— Não há razão para estar. Não comigo.

— Só em relação ao... que você sentirá.

— O que eu sinto por você, Mariska, é algo que tenho medo de dizer em voz alta.

Ele a sentiu enrijecer. Então, falou, gentilmente:

— Diga-me o que a está preocupando.

Sabia que ela teria que se esforçar para falar, mas, de alguma forma, as palavras foram ditas.

— Mandaram que Friederich espionasse você.

— Isto é tudo?

— E ele... quer que... eu o faça!

— É o que a perturba tanto?

— Claro! Como poderia eu fazer tal coisa? Como poderia comportar-me dessa forma com qualquer pessoa, ainda mais com você?

— Ainda mais comigo? — lorde Arkley repetiu, devagar. — Será que sou especial, Mariska?

Ela virou o rosto, de maneira que ele só pudesse ver seu perfil.

— Sou? — perguntou, delicadamente.

Como atraída por ele, Mariska voltou-se e seus olhos se encontraram. Estavam iluminados pela luz que vinha através dos galhos das árvores e ele via claramente a dor nos olhos dela.

— Minha querida! Você não tem que se preocupar com algo tão sem importância.

— De que você... me chamou? — Mariska perguntou, e ele mal pôde ouvir suas palavras.

— Chamei você de minha querida, e sei que não tenho o direito de dizer isso — lorde Arkley respondeu. — Mas é o que você representa para mim, desde o primeiro momento em que a vi.

Agora, havia naquele rostinho sofrido uma felicidade que o emocionou.

— Quando nos conhecemos, soube que era a pessoa mais adorável que já tinha visto em minha vida. Mas você é muito mais do que isso. Seu coração falou ao meu coração, sua alma à minha, e realmente não havia necessidade de palavras.

— Isso foi o que eu senti — sussurrou Mariska — mas não devia confessar. Isso está... errado.

— Não está errado, porque nenhum de nós dois fez nada errado e o amor é algo que ninguém pode evitar.

Ela fez um pequeno movimento a estas palavras e, apertando seus dedos, ele disse:

— Sim amor, Mariska! Eu a amo. Já sabia, ainda que não pudesse dizer, na primeira noite em que nos sentamos aqui. Mas esta manhã, meu amor era algo que eu não podia negar.

— Mas... não devemos... Isso é algo... impossível — começou Mariska.

Então, não resistiu mais e confessou:

— Eu também o amo! Achei que era... amor... mas, como nunca... amei antes... não tinha certeza.

— Eu nunca amei antes, como amo você agora — disse lorde Arkley. Mariska fechou os olhos.

— Não posso acreditar que o que você está dizendo seja verdade. Por tanto tempo quis... morrer... e não ter que continuar... vivendo... assim. Nunca imaginei que isto aconteceria comigo.

— Mas aconteceu.

— Mas é... errado. Diga-me que não é... errado — Mariska pediu. — Algo tão bonito... tão absolutamente... perfeito... não poderia ser... um pecado.

— Como eu já disse, não podemos evitar de nos amarmos com nossos

corações e com nossas almas e mentes. Mas são as conseqüências desse amor que precisamos discutir.

Entendendo o que ele estava tentando dizer, Mariska falou, baixinho:

— Não... podemos... estragá-lo!

— Isto é o que eu esperava que você pensasse.

— Eu o amo de todo o coração — disse Mariska —, mas não poderia me comportar como... a baronesa Von Kettler... faria.

Lorde Arkley ficou surpreso.

— O que você sabe sobre ela?

— Ouvi o general Von Echardstein ameaçar Friederich de trazer a baronesa para cá, se ele não fizesse o que o *kaiser* queria.

Mariska respirou fundo.

— Eu não sabia o que ele queria dizer... Não soube o que significava, até hoje. Perguntei à duquesa quem era a baronesa.

— E ela lhe disse?

— Sim. Então, compreendi o que Friederich queria... que eu fizesse.

As palavras eram quase inaudíveis, e lorde Arkley percebeu o quanto ela estava chocada.

— Ouça minha querida entendo o quanto isso perturbou você, mas deixe que lhe diga que nem num milhão de anos você se pareceria com a baronesa ou se comportaria como ela.

— Você... a conhece?

— Já ouvi falar dela há muito tempo. E já a encontrei, casualmente, em várias ocasiões.

— Mas você... não lhe diria... o que ela... gostaria de saber?

— Espero que eu seja suficientemente experiente para não ser vítima de nenhuma cilada do Serviço Secreto alemão — lorde Arkley respondeu. — Tem que saber Mariska, para que fique tranqüila, que eu já estava a par de tudo isso desde a primeira noite, quando fui convidado para jantar.

— Você... sabia? Como?

— Vi Von Echardstein e Von Senden visitando seu marido e achei estranho. Além disso, as simpatias germânicas do barão Karlov são bem conhecidas.

— Você sabia. E, mesmo assim, quis ser meu amigo?

— Acha que, em algum momento, suspeitei de que você estivesse envolvida com este tipo de espionagem suja?

Sentiu que havia uma pergunta entre eles que não tinha sido respondida. Disse, com um sorriso:

— Minha missão na Alemanha era outra. Eu tinha que fazer um relatório sobre os sentimentos das cortes alemãs e do povo em geral sobre a França e a Grã-Bretanha.

Mariska estava ouvindo atentamente, e ele continuou:

— Tratava-se apenas de impressões colhidas de conversas comuns, contatos comuns. Não era nada mais sinistro do que isso, apesar do que o Serviço Secreto alemão possa saber da minha visita.

— Estou contente... muito contente.

— Eu lhe juro que não espiono buracos de fechaduras, não leio cartas particulares dos outros, nem tento extrair segredos de bêbados... ou mulheres.

Lorde Arkley falou severamente e, como sentiu Mariska tremer, disse, rapidamente:

— Perdoe. Não deveria falar assim. Esqueça tudo o que a deixou chocada ou preocupada.

— Isto significa que não posso ir cavalgar com você amanhã.

— Por que não?

— Porque Friederich vai me interrogar sobre tudo o que você disser.

— E isso importa? A não ser que signifique também que ficará zangado com você.

— Ele ficará zangado, de qualquer maneira, como estava hoje, quando não tive nada para lhe dizer.

Olhou para ele, atentamente, e continuou:

— Exceto que você disse que, se alguém puder manter a paz na Europa, será o rei Eduardo!

Houve uma pequena pausa. Depois, ela perguntou:

— Você me fez repetir isso de propósito?

— Achei que era uma coisa perfeitamente segura para você dizer, se alguém perguntasse.

— Isso é... horrível... degradante! Como podemos falar como falamos esta manhã, se eu sei que, esperando por mim, quase como se estivessem ali, à espreita, estão Friederich, o general Von Echardstein, o almirante Von Senden e o *kaiser*?

O tom de sua voz fez com que lorde Arkley levasse sua mão aos lábios.

— Esqueça-os! Esqueça tudo, minha querida, exceto que eu a amo.

Beijou a mão dela novamente e sentiu que estremecia.

— Eu a amo — ele repetiu. — E porque este amor que sentimos um pelo outro é diferente, eu lhe prometo que nunca farei nada que a faça sentir-se

culpada.

— Mas talvez seja... errado... amar você.

— O amor, como eu já disse antes, é algo que nenhum de nós pode evitar — respondeu Arkley.

— Eu não posso evitar — sussurrou Mariska. — Sinto que você preenche minha vida inteira, todo o meu ser. Nada mais importa. Só existe... você!

— É assim que me sinto a seu respeito!

— Mas eu sou... casada e prometi que seria esposa de Friederich... na doença e... na saúde.

— Isto é cruel, é absurdo — disse lorde Arkley, violentamente.

— Mas não há nada que possamos fazer, exceto tentar esquecer-nos um do outro.

— Não! Não precisamos fazer nada disso. Você é esposa de Friederich. Nenhum de nós dois pode negar isso. Mas, ao amar você, não estou pedindo que seja infiel a ele. Não peço nada, só a esperança de que meu amor talvez lhe dê algo em sua vida que você não tinha antes.

— Sim, me dá... tudo... tudo o que eu... sempre quis — disse Mariska, apaixonadamente. — Eu sempre estive tão sozinha... tão assustada. E Friederich... me odeia.

— Então, eu posso lhe dar amor. O amor a que você tem direito, o amor de que precisa.

— Sim, eu preciso tanto... e já não tenho vontade de... morrer. Mesmo que não possa ver você, sei que está em algum lugar do mundo.

— Sim. Teremos que nos separar — disse lorde Arkley —, mas não ainda. Enquanto o rei ficar em Marienbad, tenho uma desculpa para também continuar aqui.

— E podemos nos ver?

— Por que, não? Por algum tempo, vamos apenas pensar um no outro.

Mas, naquele momento, Mariska pensava na raiva de Friederich, se ela não pudesse dizer o que ele queria ouvir. Expulsou aquele temor da cabeça e a felicidade voltou a seu rosto, quando disse:

— Eu quero... falar com você... eu quero... ouvir sua voz... Talvez possamos escapar para aquele mundo sobre o qual conversamos esta manhã.

— Faremos isso. E eu lhe prometo meu amor, que não terá nenhum motivo para se sentir preocupada ou chocada.

— Eu confio em você — ela respondeu. — Nosso amor é tão... sagrado. Sei que vem de Deus e não posso admitir que seja como...

Sua voz sumiu, mas ele sabia que ela ia dizer: como os outros amores

que você já teve.

Beijou sua mão outra vez, seus lábios demorando-se na pele delicada e macia.

— Porque somos diferentes, porque nosso amor é diferente, assim como nossos ideais, creio minha adorada, que nunca decepcionaremos um ao outro.

Seus olhos se encontraram, e ela sentiu como se estivesse em seus braços, sendo beijada na boca.

Nenhum dos dois se moveu, até que, com um pequeno suspiro de felicidade, Mariska disse:

— Devo... voltar.

— Eu deixo você ir, porque nunca tentarei convencê-la a fazer algo contra sua vontade. Mas, minha querida, estarei pensando em você, com saudade. E sonharei com você. Será difícil esperar até as sete da manhã, para vê-la de novo.

— Você tem certeza de que devo ir?

— Tenho certeza! Não há motivo para nós nos fazermos, a ambos, infelizes.

— Então, irei. Quero ir. Você sabe que quero!

— E eu também.

— Será maravilhoso cavalgar com você e ir até... nosso lago encantado.

— Então, não pense em mais nada hoje à noite — ele disse. — Esqueça toda a amargura e se lembre apenas da beleza da água, da névoa e das coisas de que falamos.

— Quando vim aqui, pensei que, depois do que eu lhe dissesse você nunca ia querer me ver de novo.

— Isso é bobagem. É claro que você entende que, como a amo, qualquer que fosse o “crime” que tivesse cometido, meu amor continuaria o mesmo.

Seus dedos apertaram os dela.

— Nosso amor é mais importante do que simples atos. São os pensamentos, sentimentos e sonhos de nossas almas que contam.

— Como pode. ... entender isso tão bem? — Mariska perguntou, emocionada.

— Simplesmente porque a amo.

Ela se levantou, ainda segurando a mão dele. Ficaram se olhando, durante segundos, e ele a soltou.

— Boa noite, minha querida. Que Deus vá com você.

Ela sabia que não era aconselhável que voltassem juntos ao hotel. Então,

virou-se e atravessou o jardim. À sombra do salgueiro, ele a acompanhou com o olhar, até que Mariska desapareceu na noite.

CAPÍTULO VI

— É tão lindo! — disse Mariska, olhando o lago.

— Você também é — respondeu lorde Arkley. Olhou-o e o brilho do sol parecia estar em seus olhos.

— Eu quero... acreditar em você. Quero que me ache linda. No entanto, quando me diz isso, penso estar sonhando.

— Então, continue sonhando, minha querida. Sua beleza fará sempre parte dos meus sonhos, apesar de ser um fato inegável.

Ela sorriu de felicidade, e ele pensou que nunca tinha conhecido uma mulher que vibrasse daquela forma a cada palavra que dizia. E que, apesar de seus encantos, era tão modesta.

Sentou-se, olhando para ela, tendo a água à sua volta, e sem ninguém para interromper. Estavam sozinhos, num mundo só deles.

— Você acha que podemos voltar aqui amanhã? — perguntou Mariska.

— Sinceramente, espero que sim. Perguntei ao rei quando ele pensava partir de Marienbad, e respondeu que não antes de uma semana.

Mariska respirou, aliviada: ele sabia que ela tinha receio de que aquele pudesse ser seu último dia juntos.

Como era tímida demais para olhá-lo nos olhos, olhou para a bruma, ao longe, antes de dizer, suavemente:

— Guardarei cada momento, cada segundo, para que, quando você já tiver ido embora, eu possa fazer de conta que isso ainda está me acontecendo.

— Não quero falar sobre partidas agora — Arkley interrompeu. —

Mas sei que, quando tiver que deixar você, será como arrancar meu coração do peito.

— Também me sinto assim. Mas estou tão feliz por ter encontrado e por ter... amado alguém tão maravilhoso!

— Quando você me fala desse jeito, sinto vontade de segurá-la em meus braços e carregá-la para algum lugar deserto no meio do Pacífico ou no Himalaia, onde ninguém nos encontraria.

— Não posso imaginar nada mais perfeito! — disse Mariska, emocionada.

— Estou me comportando de uma maneira como nunca fiz antes. Mas você sabe que, mais do que tudo, gostaria de ter você perto de mim e beijá-la.

Falou com tanta paixão, que Mariska corou. Então, ela disse bem baixinho:

— Eu... nunca... fui... beijada!

— Nunca foi beijada? — ele repetiu, sem acreditar. — Como é possível?

Ela não respondeu logo.

— Quando Friederich pediu minha mão, pensei que ele... me amava.

— Foi o que também acreditei. Não podia entender de outra maneira que ele casasse com alguém que não fosse nobre.

Mariska suspirou e lorde Arkley disse:

— Conte-me o que aconteceu. Quero saber.

Pensou que se recusaria a falar no assunto. Mas ela disse hesitante:

— Friederich veio para uma caçada de perdizes com meu primo, o príncipe Miklós, e fomos todos convidados ao palácio, em Fertod, para recebê-lo.

Lorde Arkley, que já havia estado no palácio dos Eszterházy, sabia o quanto este era enorme. Fora construído no fim do século XVIII, pelo arquiteto austríaco Fefe.

Ninguém que já o tivesse visto podia esquecer o imenso edifício barroco de três andares, em forma de ferradura, sua sala de ópera, teatro de marionetes e salão de música, onde Joseph Haydn havia reinado como músico da corte até 1790.

— O príncipe Miklós, como você sabe — continuou Mariska —, é muito hospitaleiro. Havia jantares com danças todas as noites e creio que Friederich ficou impressionado. Minhas primas estavam todas disputando as atenções dele. Ele dançou comigo várias vezes, fomos cavalgar, quando não havia caçadas, e, como todas, eu o achava muito... bonito.

Revendo o passado, lorde Arkley lembrou-se de que o príncipe tinha sido muito atraente e, quando deixava a arrogância de lado, era extremamente charmoso também.

— Friederich voltou para a Alemanha — disse Mariska. — Foi só depois que nos casamos que eu soube porque ele... voltou.

— E por que foi?

— Logo depois que chegou a Wilzenstein, um amigo lhe disse que o *kaiser* queria que ele se casasse com a grã-duquesa de Milderstalt.

Lorde Arkley ficou intrigado, e Mariska explicou:

— Ela acabara de enviuar e tinha o dobro da idade de Friederich.

— Não posso acreditar que você esteja falando da atual grã-duquesa. Ela tem mais de cinquenta anos e é uma das mulheres mais feias da Europa!

— Isto foi o que Friederich pensou — respondeu Mariska —, mas Milderstalt fica na fronteira com a Polônia e o imperador, aparentemente, estava preocupado com a possibilidade da grã-duquesa casar com um polonês ou um russo. Nesse caso, seu Estado não continuaria fiel à Alemanha.

— Eu entendo, agora — murmurou lorde Arkley.

— Mais tarde, Friederich disse-me que conhecia poucas moças e que fui a primeira em quem ele pensou. Nem chegou a desfazer as malas voltou direto para a Hungria.

— E você pensou que era porque estava apaixonado?

— Claro que sim! Eu era muito boba e... romântica. Havia um tom amargo em sua voz, quando continuou:

— De qualquer maneira, duvido que eu pudesse recusá-lo, mesmo que quisesse. Os Eszterházy, que gostavam dele, estavam muito lisonjeados com o fato de que eu me tornaria uma princesa.

— Mas você disse que Friederich nunca a beijou?

— Ele pediu a meu pai permissão para o casamento, deu-me um anel de noivado, que fazia parte das jóias da Coroa, beijou... minha mão e voltou para Wilzenstein.

— Como pôde fazer isso?

— Ele me disse depois... muito depois... quando ficou aleijado, que nunca sequer gostou de mim. Eu não era o que ele chamava “seu tipo”.

— Não posso imaginar qual seja — disse lorde Arkley, sarcástico.

— No ano passado, quando estava bem o suficiente para comparecer ao teatro, ele mostrou-me uma de suas antigas amantes — disse Mariska, em voz baixa. — Ela era grandona e creio que a palavra certa seria extravagante.

Lorde Arkley podia ver a mágoa em seus olhos. Entendia que uma das razões por que Mariska era tão inocente sobre sua beleza era o fato de ter vivido por três anos com um homem que não só a odiava, mas não era capaz de admirar seu encanto e sua delicadeza espiritual.

— Uma coisa sobre a qual Friederich insistiu muito foi que nos casássemos em Wilzenstein. Sabia que agradaria seu povo e que, nessas condições, seria impossível ao imperador tentar persuadi-lo de que era seu dever casar com a grã-duquesa.

Lorde Arkley podia ver como tudo se passara e precisava admitir que tinha sido uma manobra inteligente do príncipe, para evitar ser preso a uma esposa velha e feia.

— Papai, mamãe e eu chegamos a Wilzenstein na véspera da cerimônia — continuou Mariska. — Friederich nos visitou na casa onde ficamos hospedados, mas não fiquei sozinha com ele. Deu-me um rico presente de casamento, mas me senti desapontada por ele nem tentar me beijar.

Baixou os cílios escuros, desconcertada, antes de dizer:

— No dia seguinte, enquanto eu ia para a catedral com papai, senti como se Friederich, com sua túnica branca coberta de medalhas, fosse o príncipe encantado dos contos de fadas. Ele estava maravilhoso, e a cerimônia toda foi bonita. Quando saíamos da catedral... você sabe o que... aconteceu.

A bomba jogada por aquele anarquista pensou lorde Arkley, não só havia destruído o noivo, mas também a vida da noiva.

— Se eu pudesse compensá-la, minha querida, de tudo o que já sofreu, e está sofrendo agora, eu o faria.

— Eu sei. Evito falar disso. Lamento muito, muito mesmo, por Friederich, mas ele me odeia porque escapei ilesa.

— De certa forma, é compreensível — disse lorde Arkley —, exceto que, para mim, parece impossível que alguém possa odiar ou ferir uma criatura tão delicada ou tão perfeita.

Ela sorriu e respondeu:

— Eu gostaria de ser. Mas às vezes me revolto. Quero morrer... e sei que isso não é bom.

— Você nunca mais deve pensar assim. Lembre-se de que é minha. Pertencemos um ao outro e talvez Deus seja bom para conosco e um dia possamos ficar juntos.

A luz voltou aos olhos dela.

— Você acredita... você realmente acredita de coração, que isso... será possível?

— Tudo é possível! E, minha querida, vou rezar para que um dia eu não só possa beijá-la, como também que você me pertença totalmente.

— Isso é... o que eu... também quero.

— Há uma ligação tão estranha entre nós que sei que já estivemos juntos no passado, em vidas que não podemos lembrar.

— E estaremos juntos... no futuro?

— Sempre acreditei que Deus é misericordioso e que o amor é mais forte do que o ódio!

— Então, meu amor estará sempre com você, não importa onde esteja — disse Mariska. — E, por favor, nunca, nunca deixe de me amar.

— Seria impossível.

Eles se olharam e Mariska sentiu que estava perto dele e que seu coração batia contra o dele.

Lorde Arkley precisou de muita coragem para dizer:

— Agora, temos que ir embora, querida.

— Claro... claro.

Então, com um tom de pânico, ela perguntou:

— O que direi a Friederich, quando ele perguntar sobre o que conversamos?

— Pensarei em algo plausível, enquanto voltamos.

Pagou a conta, e ajudou-a a montar. No momento em que a tocou, Mariska percebeu, pela primeira vez, que ele não era apenas o homem de seus sonhos românticos, mas um homem real, que a desejava como mulher. Sentiu o coração disparar e a respiração ofegante.

Nenhum dos dois disse nada durante um longo tempo. Só quando passaram pela alameda dos pinheiros, e o lago ficou para trás, lorde Arkley falou.

— Diga ao príncipe Friederich que os ingleses estão preocupados com a grande quantidade de navios de guerra que o *kaiser* está pretendendo construir.

Mariska não respondeu e ele se apressou em dizer:

— Eu entendo minha querida, que é degradante para você ter que contar alguma coisa para ele, mas não quero que seu marido fique zangado, pois pode proibir nossos encontros.

— Não... não... claro que não! Para mim, o importante é estar com você. Só que...

Ela se calou e lorde Arkley terminou por ela.

— Você é uma pessoa delicada e honesta demais para ser envolvida em intrigas e mentiras.

Ele suspirou.

— Se ao menos pudesse levá-la para longe disso tudo! Se ao menos estivéssemos na Inglaterra.

— Não importa o lugar, desde que estivesse com você.

— Eu sei, mas queria levá-la para a minha casa. Gostaria de lhe dar amor de verdade.

Sabia quanto àquela palavra significava para ela. Mas ambos

compreendiam que estavam desejando o impossível, e continuaram a cavalgar em silêncio.

Como Mariska esperava, Friederich tomava café, quando chegou. Tão logo Josef lhe serviu uma xícara e saiu da sala, perguntou:

— O que você tem para me contar?

— Lorde Arkley não falou sobre a França, mas disse que os ingleses estavam preocupados com o número de navios de guerra que o imperador mandou construir.

— Eles começaram primeiro — disse o príncipe, furioso. — A Marinha deles é mais poderosa do que a nossa e, sendo a Inglaterra um país pequeno, como pode pretender dominar os mares?

Mariska não ousou dizer nada.

— Na próxima vez que você o vir, pergunte por que a Alemanha deveria ficar trancada na Europa, sem uma saída para o mar e uma marinha poderosa.

Depois de uma pausa, para se refazer, disse:

— Os alemães têm direito a um espaço livre para seu povo. Se não pudermos alcançá-lo através de acordos, teremos que tomá-lo à força.

Gritou aquelas palavras, e Mariska se apressou em responder:

— Receio não entender... de assuntos políticos, Friederich. Se você me desculpar, vou trocar de roupa. Está na hora do seu tratamento.

Ela se dirigiu à porta, enquanto falava, e ele gritou:

— É tudo que tem para me contar? Deus sabe que estive fora tempo suficiente para saber mais do que isso.

Não respondeu. Mas, quando chegou ao seu quarto, percebeu que estava tremendo.

Como poderia suportar aquilo?

Enquanto se vestia, a criada reclamou de algum problema no hotel, mas ela não a ouvia. Tentava reviver a felicidade que sentira junto de lorde Arkley, naquele lago encantado.

Pensarei só nele, disse a si mesma. E sentiu que a tensão que Friederich sempre causava tinha começado a ceder.

Apagou tudo da lembrança, menos o rosto do homem que amava o tom de sua voz e o olhar que a emocionara, no momento em que estiveram tão próximos, quando a ajudou a montar.

Talvez seja errado amá-lo tanto, pensou, enquanto caminhava atrás da cadeira de rodas de Friederich, em direção ao Kreuzbrunner. Lorde Arkley tinha razão o amor era algo que nenhum dos dois podia evitar.

As ruas estavam movimentadas, mas os rostos das pessoas pareciam sem expressão. Mariska procurava apenas por alguém especial.

O dia passou lentamente. Friederich foi ao médico e fez seu tratamento, enquanto ela esperava do lado de fora, como de hábito depois, com agentes de segurança sempre atrás, voltaram ao Hotel Weimar para o almoço.

Logo que chegaram a Marienbad, Mariska sugeriu que almoçassem algumas vezes nos restaurantes locais, especialmente em um que ficava na floresta, onde os dois reis haviam comido aquela enorme refeição de que havia falado a Arkley. Mas Friederich era muito sovina e, como as refeições estavam incluídas no preço da suíte, sempre voltava para o Weimar.

Teria sido melhor, pensava Mariska, se eles comessem no restaurante do hotel, onde, pelo menos, o marido não poderia gritar com ela.

Felizmente, naquele dia, ele a poupou dos insultos limitando-se a xingar os garçons e, como de hábito, a prejudicar todo o bem que a água local pudesse fazer ao seu tratamento, bebendo uma garrafa de vinho.

Quando se retirou para descansar, meio bêbado, Mariska ficou livre por pelo menos uma hora. Sabia que a duquesa tinha saído; então, foi até a varanda e ficou olhando para o vale e pensando na manhã feliz que passara ao lado de lord Arkley.

Ansiava vê-lo novamente e mal podia esperar pelo dia seguinte. Mas não seria prudente encontrar-se com ele no jardim, à noite, embora se sentisse tentada a ir. Alguém poderia vê-los e, mesmo que isso não acontecesse, seu coração e seu corpo lhe diziam que, se ficassem perto um do outro sob os galhos do salgueiro, seria quase impossível lembrarem de que seu amor devia continuar puro e espiritual.

Era difícil para ela não pedir a lord Arkley para abraçá-la, como ele disse que gostaria de fazer.

— Deixá-lo me tocar seria não só uma traição a Friederich, mas também um pecado — disse a si mesma, com severidade.

No entanto, cada nervo de seu corpo pedia por ele, e sabia que ele ansiava por ela com um fogo que às vezes podia ver em seus olhos e ouvir em sua voz.

— Não devo... tentá-lo — murmurou. — Mas como seria maravilhoso fazê-lo!

O sol estava tão quente que Mariska, em vez de ficar na varanda, como pretendia, voltou ao seu quarto e se sentou numa poltrona perto da janela.

A cavalgada, o calor e a intensidade de seus sentimentos fizeram com que se sentisse muito cansada e adormecesse.

Acordou com os gritos de Friederich, no quarto ao lado.

A voz dele irritou seus nervos, como sempre, e se levantou, antes mesmo de compreender que ele estava apenas chamando por Josef, com sua maneira agressiva habitual.

Dirigiu-se à porta que ligava os dois quartos. Naquele momento o criado entrou e perguntou:

— Sua Alteza precisa de mim?

— Claro que sim, seu idiota — respondeu o príncipe.

Mariska fechou a porta. Não podia suportar o desrespeito com que o marido tratava aquele homem cuja lealdade e serviços nunca poderiam ser pagos com dinheiro.

Friederich tinha outro tratamento marcado para a tarde. Logo estavam a caminho da clínica onde fazia exercícios que, supostamente, fortaleceriam suas costas e suas pernas.

Assim que saíram do hotel, Mariska viu a duquesa. Estava muito elegante, sob um pequeno guarda-sol, e acompanhada por um cavalheiro de sua idade.

— A duquesa de Vallière está bem à nossa frente — disse, em voz baixa, ao marido.

— Tenho olhos — ele respondeu. — Não gosto dela e não tenho intenção de ter amigos franceses.

— Eu a conheço há muito tempo — disse Mariska, num tom de súplica. — Por favor, Friederich, seja gentil com ela.

Mas bastava olhar para a expressão dele, para entender que estava decidido a ser agressivo.

— Mariska! Que bom encontrar você! — a duquesa se aproximou e, sorrindo para o príncipe, acrescentou — Espero que o senhor esteja se sentindo melhor e que Marienbad esteja lhe fazendo bem.

— Se é para me fazer bem — respondeu Friederich —, não posso ficar perdendo tempo com conversas frívolas.

Fez um gesto com a mão, para que Josef não parasse, e passou pela duquesa, sem ao menos tirar o chapéu. Mariska olhou para ela, suplicante.

— Lamento... muito — murmurou.

— Tudo bem, *ma petite*, eu entendo. — Baixou a voz e disse — Venha me ver assim que puder.

Mariska sorriu para ela. Como Friederich já estava se distanciando, apressou-se.

— Essa criatura é intolerável — disse o acompanhante da duquesa, com

raiva. — Se ele não fosse aleijado, eu lhe ensinaria uma boa lição.

— Você pode imaginar o sacrifício que é para a pobre Mariska viver com um animal desses? — havia pena e desgosto na voz da velha.

Como a cena a perturbara, apoiou-se no braço de seu acompanhante, que apertou a mão dela, com carinho.

— Podemos apenas esperar que o príncipe não viva muito — disse.

— Talvez seja maldade minha — respondeu a duquesa —, mas isso é algo por que rezo todos os dias.

Quando Mariska se juntou a ele, Friederich não disse nada sobre o incidente desagradável.

Ela se sentia desesperada por ele querer isolá-la de todo mundo que conhecia e de quem gostava.

Sabia que a duquesa perdoaria aquela grosseria, pois compreendia mas quantas pessoas mais tolerariam tal comportamento?

Decidiu, no entanto, que, não importava o quanto ele ficasse aborrecido, ela se desculparia com a duquesa, antes do fim do dia.

A oportunidade veio após o chá, quando o marido ficou ocupado com os jornais, muito dos quais eram enviados diretamente da Alemanha. Sem dar qualquer explicação Mariska saiu da suíte e dirigiu-se aos aposentos da amiga.

Ela estava sozinha. Ao ver a moça, estendeu as mãos. Mariska atravessou a sala e se ajoelhou junto à sua cadeira, chorando.

— Lamento, madame, lamento muito... É intolerável que Friederich tenha sido tão rude com a senhora. Sabe que fez aquilo apenas porque é minha amiga e eu a amo, não sabe?

— Eu entendo menina, e você não tem por que se desculpar.

Viu as lágrimas nos olhos de Mariska e continuou, com um sorriso:

— Vamos conversar sobre algo mais agradável. Gostou do passeio desta manhã?

— Foi mais maravilhoso do que posso descrever. Vou pensar sempre nisso, depois que for embora daqui.

Enquanto falava, percebeu que tinha sido indiscreta, mas a duquesa pôs os braços em volta dos seus ombros.

— Esqueça todo o resto — ela disse. — Mas tenha cuidado não quero que você se exponha. O povo aqui tem língua muito cruel.

— Quer dizer... que estão comentando... porque eu cavalgo... com lorde Arkley?

— Felizmente, apenas poucas pessoas sabem, mas Ian Arkley é um

homem muito atraente e as mulheres não gostam, quando suspeitam de uma rival.

Mariska suspirou e se levantou.

Sentou-se numa cadeira, com uma expressão preocupada.

— Não quero... feri-lo de maneira nenhuma.

— Ele não ficará ferido — disse a duquesa, tranquilizando-a. — Estou pensando é em você, minha querida. Sabe tão bem como eu que os alemães põem maldade em tudo e sempre dão a pior interpretação a qualquer amizade entre um homem e uma mulher.

— Eu não posso... recusar-me a cavalgar... com ele — disse Mariska, em voz baixa.

— Claro que não. Mas eu tinha que preveni-la, para seu próprio bem. Mariska pensou que não importava o quanto alguém pudesse sentir ciúme dela. Ninguém lhe roubaria a companhia de lorde Arkley durante os poucos dias que lhes restavam.

Mudou de assunto, perguntando à duquesa como tinha sido o almoço ao qual ela comparecera e que pessoas encontraram lá.

A velha senhora adorava conversar e sempre tinha algo inteligente e divertido a dizer. Logo estavam ambas rindo.

Depois de conversarem por dez minutos, Mariska disse, com relutância.

— Devo voltar. Friederich ficará muito zangado se souber onde estou, mas tinha que vir e pedir desculpas.

— Isso não era preciso. Divirta-se, amanhã de manhã, minha querida.

Seus olhos perspicazes notaram o brilho de felicidade que surgiu no rosto da moça. Depois que ela saiu, a duquesa pareceu ansiosa e preocupada.

Sabia que aquela criança inexperiente — a seus olhos Mariska não era mais que isso — havia se apaixonado completamente e sem reservas por um homem muito atraente e sofisticado.

A duquesa se perguntava se não teria sido preferível que a infeliz princesa nunca tivesse sabido o que era amar.

Só podia esperar que lorde Arkley compreendesse o quanto Mariska era especial em todos os sentidos e diferente de qualquer outra mulher que o tivesse amado antes.

Mariska voltou para a suíte e percebeu que Friederich não havia sentido sua falta, pela simples razão de que tinha uma visita.

Havia um chapéu de abas viradas e uma bengala sobre a cadeira do vestíbulo. Imaginou quem poderia estar com seu marido.

Depois, deduziu que era o almirante Von Senden. Se ele dizia ter vindo a

Marienbad para tratamento, não devia estar usando o uniforme, como ele e o general Echardstein tinham feito, no primeiro dia que visitaram Friederich.

Esperava que se tratasse de uma visita social. Mas logo entendeu, com uma raiva súbita, que o almirante tinha vindo, sem dúvida, para saber as informações que ela tinha conseguido de lorde Arkley.

Aquela idéia deixou-a tão furiosa que, por um momento, quis entrar na sala e dizer ao almirante e a Friederich o que pensava do plano deles de transformá-la numa espiã. Mas sabia que não só o enfureceria, mas também perderia para sempre sua desculpa para continuar se encontrando com lorde Arkley.

Confusa, foi para o quarto e trancou a porta. De maneira alguma queria encontrar o almirante aquele homem representava tudo o que mais detestava na Alemanha.

As pessoas comuns, sobretudo as do campo, eram gentis e amáveis; mas a vida nos palácios, com seu protocolo, era detestável. Não suportava o ar superior da nobreza e da alta sociedade alemãs.

Os aristocratas e os oficiais prussianos eram todos uns fanfarrões. Circulavam pelos lugares, arrogantes, como se o mundo lhes pertencesse e ninguém mais, além deles mesmos, tivesse a menor importância. Eles eram preguiçosos e não tinham nenhuma compaixão ou simpatia pelas pessoas menos privilegiadas. Um homem que fracassasse podia se considerar morto para eles.

São odiosos, pensou Mariska. Não tinha e nunca teria nada em comum com o que aquela gente representava e as coisas de que gostava os palácios feios, onde moravam, e os homens que se chamavam de cortesãos, mas que desprezavam Friederich por ele já não ser o super-homem que havia sido. Logo que se casou, tinha tentado fazer amigos, mas ficou claro que era impossível.

Muitos dos parentes dele a desprezavam porque, a seus olhos, era uma plebéia, e os aristocratas de Wilzenstein a achavam inadequada e totalmente diferente da imagem ideal de uma princesa alemã.

Suas tentativas de fazer amizades esbarraram em todo tipo de preconceito. Depois de alguns meses de casada, percebeu que estava sozinha e desolada, não só fisicamente, mas também mental e espiritualmente. Só agora, que amava lorde Arkley e que ele a amava, ela se sentia novamente viva.

Era como uma flor voltada para o sol. O que pensava que estaria murcho e morto dentro dela tinha revivido sentia quase como se tivesse nascido outra

vez.

Sua criada lhe preparou o banho, antes do jantar. Enquanto repousava na água morna e perfumada, Mariska pensava no lago e na névoa. Ainda estava sonhando quando se vestiu para o jantar. Deu um olhar desinteressado à sua imagem no espelho e entrou na sala de visitas.

Friederich ainda não tinha saído do quarto. Dirigiu-se à janela e ficou olhando para fora.

O calor havia diminuído, mas ainda estava muito quente. Talvez, mais tarde, houvesse uma tempestade.

Ouviu a banda tocando, à distância. Sabia que as outras pessoas em Marienbad estavam sentadas agora nos terraços dos hotéis, tomando suas canecas de água, sucos de frutas e os deliciosos vinhos provenientes da Boêmia.

Teve um súbito desejo de estar com eles, de não estar comprometida ou, mais maravilhoso ainda, de estar noiva do homem que adorava e esperar, ansiosa, a data do casamento.

Poderia dançar e depois passear com ele sob as árvores.

Sua fantasia terminou, abruptamente a porta da sala de visitas se abriu e o príncipe Friederich entrou na cadeira de rodas empurrada por Josef.

Um olhar foi suficiente para que Mariska soubesse que estava furioso. Sentiu um aperto de medo no coração e a tensão tomar conta de seu corpo.

— Está quente esta noite — falou, tentando manter a calma. Aquilo era uma coisa boba, mas sua cabeça estava vazia e não encontrou nada melhor para dizer. Friederich não respondeu, nem olhou para ela.

Josef levou-o até seu lugar habitual à mesa e puxou uma cadeira para ela.

Mariska sentou-se e os garçons trouxeram o jantar.

Ela tinha escolhido o cardápio e, como aquele silêncio era quase mais ameaçador do que os gritos dele, puxou conversa.

— Espero que você goste do primeiro prato. Foi especialmente recomendado pelo *maitre* do hotel.

Friederich continuou calado, e Mariska entendeu que havia algo muito errado.

Estava acostumada com sua raiva e seus berros, com os insultos aos garçons, com as reclamações. Ele sempre achava defeito em todos os pratos que eram colocados à sua frente. Mas aquele silêncio era algo novo e perigoso.

O almirante devia ter trazido notícias que o perturbaram.

Era impossível perguntar a Friederich o que tinha acontecido, enquanto

os criados estivessem na sala.

Comeram em silêncio. O jantar pareceu interminável. Os pratos se sucediam, e Friederich nem sequer a olhava.

Geralmente, ele tomava vinho durante as refeições, mas, naquela noite, comia devagar, como se pensasse em alguma coisa muito importante que precisasse decidir.

Comparado ao que costumava beber, ele mal tocava em seu copo, notou Mariska. No entanto, ela não estava segura de nada, pois o silêncio do marido a enchia de medo.

Não sabia bem por que, mas sentia mais medo dele do que nunca. Não conseguia comer.

Recusou os últimos dois pratos, mas Friederich repetiu ambos, comendo devagar, mastigando cada bocado, embora parecesse a Mariska que a comida não lhe agradava. Finalmente, os garçons trouxeram o café, colocaram uma garrafa de vinho do Porto e outra de *brandy* sobre a mesa e se retiraram.

Mariska tomou seu café. Quando Josef também se retirou, disse, em voz baixa:

— O que está errado, Friederich? É estranho que você não fale comigo.

Ele não respondeu. Em vez disso, tomou seu Porto, olhando para o copo, como se este lhe dissesse algo que queria saber.

Mariska esperou.

Não se lembrava de tê-lo visto daquele jeito antes e ficava mais nervosa a cada minuto.

Friederich pegou o *brandy* e tomou um copo cheio de uma só vez.

— Você não vai... me dizer... qual é... o problema, Friederich? — insistiu.

Como ele não respondeu, levantou-se da mesa.

— Boa noite, Friederich.

Esperou um momento. Novamente, não houve resposta. Dirigiu-se para a porta.

Tinha certeza de que ele a chamaria de volta, como já havia feito muitas outras vezes, mas o marido não disse nada e ela foi para o quarto.

Tinham jantado tarde e havia sido um longo jantar, mas ainda não eram dez horas.

Mariska foi até a janela.

Gostaria de descer ao jardim. Mas repetiu para si mesma que seria um erro.

Sentiu uma vontade enorme e quase incontrollável de ver lorde Arkley e

dizer a ele que estava com medo e que precisava dele.

Se estivesse sentado sob o salgueiro naquele momento, ela se atiraria em seus braços.

Com receio de se deixar levar pelo desespero e acabar cometendo alguma temeridade, resolveu deitar-se.

A criada estava jantando e não a chamou, até ter vestido a camisola e estar pronta para dormir.

Helga devia estar perto, pois respondeu quase imediatamente.

— Sua Alteza já está na cama?

— Sim, Helga. Não a chamei antes, porque pensei que você podia estar nos aposentos dos criados.

— Não consegui comer muito esta noite, Alteza está quente demais. Há algo que possa fazer pela senhora?

— Não, Helga, obrigada.

A criada começou a baixar as cortinas.

— Deixarei a janela aberta, Alteza. Mas é provável que caia uma tempestade e, nesse caso, a senhora terá que fechá-la mais tarde.

— Está bem, Helga. Faz calor demais para fechá-la agora.

— Devo chamar Sua Alteza cedo, como de hábito?

— Sim, por favor. Às seis e quinze. Vou cavalgar.

— Não me atrasarei senhora. Helga recolheu as roupas de Mariska.

— Boa noite, Alteza.

— Boa noite, Helga, e obrigada. A criada saiu e Mariska se recostou nos travesseiros. Logo depois, ouviu o barulho da cadeira de Friederich no corredor. Ele ainda estava quieto, e aquilo era muito estranho. O que o almirante podia ter dito a ele? Teve medo de imaginar qual seria a resposta.

Só havia uma porta comunicando os dois quartos, mas as grandes janelas estavam abertas, e Mariska podia ouvir quase tudo que se passava no quarto dele.

Quando Friederich gritava, era quase impossível não ouvir. Mas naquela noite, era Josef quem falava mais. O patrão apenas grunhia, uma vez ou outra.

Então, Mariska escutou claramente o marido dizer:

— Quero café. Café preto!

— Tenho que descer para buscar, Alteza.

— Bem, o que o está impedindo de ir? E traga-me alguns pêssegos maduros. Não havia nenhum na sobremesa, hoje.

— Devo despir Sua Alteza primeiro? — perguntou Josef.

— Não! Não há pressa. Quero o café e os pêssegos. Vá buscar. Mariska percebeu que Josef hesitou, antes de obedecer. Depois, ele disse:

— Muito bem, Alteza. Não me demorarei. Ela o ouviu sair e fechar a porta da suíte.

Houve alguns minutos de silêncio. De repente, Friederich gritou: — Socorro! Socorro! Mariska socorra-me!

Por um momento, pensou que estivesse enganada. Sentou-se na cama tensa. Ouviu novamente, agora em voz fraca:

— Socorro!

Como pensou que alguma tragédia estivesse acontecendo, pulou da cama e, sem mesmo acender a luz, dirigiu-se à porta que comunicava os quartos.

Abriu-a e viu Friederich sentado no meio do quarto, olhando para ela.

Ainda usava a roupa do jantar e não parecia haver nada de errado com ele. Então, por que pedira socorro a ela? Demorou um pouco a perceber o revólver na mão do marido.

Era o mesmo que guardava em seu quarto, desde o dia do casamento.

Nunca mais Friederich quis ficar desprotegido contra um assaltante, anarquista ou qualquer outra pessoa que pudesse tentar matá-lo.

Naquele momento, Mariska pensou, tarde demais, que aquela arma nunca devia ter ficado ao alcance dele.

— Entre, Mariska — disse Friederich — Quero você. Ficou muito quieta. Então, disse:

— Vou buscar meu robe.

— Ou vem aqui agora ou eu a mato aí mesmo, onde está.

Passou pela cabeça dela que estivesse louco. Depois, como sabia que se desobedecesse, ele era bem capaz de cumprir a ameaça, ela entrou no quarto.

— Para que você precisa desse revólver, Friederich?

— Porque pretendo matá-la.

— Mas por quê?

— Porque você não consegue fazer nem as coisas simples que eu lhe peço. Porque você desapontou, não só a mim, mas também ao imperador.

Mariska parou de respirar.

Agora, sabia o motivo da visita do almirante Von Senden. Friederich confirmou:

— O almirante esteve aqui, hoje, para dizer que não precisa mais dos meus serviços.

— Lamento... se fiz algo errado. Mas você não me deu muito tempo.

— Guilherme é um homem impaciente e eu também sou. Se eu sou um fracasso, você também é um fracasso, Mariska. E sofrerá pelo que me fez sofrer.

— Lamento se... falhei. Você me deu uma missão quase impossível. Não sou exatamente o tipo de pessoa para espionar, Friederich. Não importa o que seus chefes alemães possam pensar. — Não podia evitar falar com raiva.

O príncipe levantou a pistola, ameaçadoramente.

— Deus... como eu a odeio — ele gritou. — Detesto tudo em você. Vê-la morta aos meus pés será a primeira satisfação que terei nesses longos três anos.

Estranhamente, a raiva dele aliviou o medo dela.

— Que explicação você vai dar por me matar? — perguntou. — Não importa o que diga e sinta, não pode esperar sair disso impune. Imagino que eles não enforcarão um inválido, mas, sem dúvida, será mandado para a prisão.

— Não me importo de ser enforcado, se você estiver morta.

— Isso não é verdade. Posso ser dispensável, mas você quer viver. Você sempre quis viver, Friederich.

— Mas vou mesmo matá-la.

— Muito bem — ela disse. — Mate-me, se é o que acha que deve fazer. Só espero que possa explicar seu crime satisfatoriamente ao seu amado imperador. Mas garanto uma coisa ele não gostará nem um pouco do escândalo que isso causará.

Viu os olhos do marido vacilarem e percebeu que ele não havia pensado no escândalo.

Aproveitando sua indecisão, caminhou para ele e estendeu a mão.

— Dê-me o revólver, Friederich. Se você não me quer, irei embora. Mas seria inadmissível que o príncipe de Wilzenstein cometesse um assassinato.

Sabia que o tinha convencido e ele não a impediria de tirar o revólver de sua mão. Colocou a arma sobre a mesa.

— Lamento muito, Friederich, se o aborreci. Mas, honestamente, lorde Arkley não é o tipo de pessoa que revelaria segredos de Estado para uma mulher. Qualquer mulher. Muito menos, eu.

— Você não tentou! Você me decepcionou! Como pôde ter sido tão idiota de não descobrir nada sobre o que Guilherme queria saber?

— Você devia ter empregado alguém mais experiente do que eu num negócio tão sujo. Mas não adianta discutir isso. Boa noite, Friederich!

Caminhou para a porta de seu quarto, quando, de repente, percebeu que

a cabeça dele pendia inerte, sobre o peito. Hesitou.

— Friederich! O que foi?

Ele não se moveu. Suas mãos caíram dos lados da cadeira de rodas, sobre a manta que lhe cobria os joelhos.

Pensou que ele podia ter tido um ataque e correu pronta para socorrê-lo.

Quando o tocou, ele segurou suas mãos com força e Mariska entendeu que estava apenas fingindo, para pegá-la desprevenida.

— Friederich, deixe-me ir! — gritou. Mas era tarde demais.

— Agora, vou puni-la como você merece. Você me impediu de atirar, mas não há o que me impeça de surrá-la até a morte.

Segurou seu pulso com a mão e a puxou sobre os joelhos. Com a mão direita, tirou o chicote de sob a manta.

Mariska ouviu o sibilar do chicote no ar, antes que a dor intolerável queimasse suas costas.

Lutou e escorregou para o chão, mas ele não a largou. Naquele momento, deitada no chão, estava exatamente na posição que ele queria.

O chicote era açoitado sem parar em suas costas. Embora lutasse para escapar, a mão de Friederich em seu pulso esquerdo era uma algaema de aço.

Batia nela com tal fúria, que percebeu que estava dando vazão a toda raiva, contida desde que soube que o imperador não precisava mais de seus serviços.

O ódio lhe dava uma força anormal. Não havia bebido muito, mas estava embriagado por algo mil vezes mais mortal do que o álcool.

Mariska sentiu o tecido fino da camisola rasgar sob os golpes do chicote, que agora queimava sua carne como línguas de fogo. Mordia os lábios para não gritar. Ouviu um choro, que parecia vir de outra pessoa, ou de algum animalzinho sofrendo.

A dor se tornou insuportável e tudo ficou escuro à sua volta. Então, a voz de Josef soou como se viesse de muito longe:

— Sua Alteza! Pare Sua Alteza!

— Ela vai morrer! Ela vai morrer como merece! Uma traidora da Alemanha! Uma criatura que não é digna de ser minha esposa e usar o nome de minha família!

— Pare Alteza! O senhor não pode fazer isso.

— Saia da minha frente! Ela vai morrer! Vai morrer pelo que me fez. Vou matá-la, matá-la!

As palavras eram como o rugido de um animal selvagem. À distância, outro animal chorava e se lamuriava um pequeno animal, preso nas garras da

fera.

Então, de repente, um tiro de revólver ecoou por todo o quarto.

Lorde Arkley tinha jantado com o rei Eduardo em sua suíte. Foi o tipo de jantar que o rei mais apreciava comida e bebida excelentes e a companhia de apenas seis dos amigos pessoais de Sua Majestade. Puderam conversar livremente, sem reserva.

Entre os convidados, estava, por certo, o marquês de Soveral, que os mantinha rindo.

Quando o vinho do Porto foi servido, o rei recostou-se na cadeira e acendeu um de seus inevitáveis charutos.

— Isso me lembra senhor — disse lorde Arkley —, que eu lhe trouxe de presente uma caixa dos melhores havana. Ia entregar antes, mas esqueci. São feitos de um fumo especial, que nunca foi exportado.

— Ficarei encantado de prová-los — disse o rei. — Mande um dos criados buscar a caixa.

— Vou buscar eu mesmo — respondeu lorde Arkley. — Creio que está numa gaveta trancada.

— O que mais você guarda lá, Arkley? — alguém perguntou. — Segredos de Estado ou suas cartas de amor?

— Nem uma coisa nem outra. Mas duvido que vocês acreditem. Todos riram, e lorde Arkley saiu da sala.

Ao atravessar o corredor, ouviu um trovão e pensou que, naquela noite, Mariska não iria de maneira nenhuma esperá-lo sob o salgueiro. Só voltaria a vê-la às sete horas da manhã.

Nunca havia conhecido nenhuma mulher que o fizesse sentir como se cada segundo distante dela fosse um século.

Queria falar com Mariska, olhar para ela e, mais do que tudo, queria sentir com ela aquele maravilhoso amor espiritual que havia sonhado e imaginado. Pensava nela, quando entrou na suíte e acendeu a luz.

Hawkins estaria no andar de baixo, jantando.

Havia trancado os charutos numa gaveta, simplesmente por que queria dá-los de presente ao rei e, se os deixasse à vista, qualquer visitante poderia se servir deles.

Tirou as chaves do bolso, escolheu uma e destrancou a gaveta. Ia sair, mas, então, teve a impressão de ouvir um choro.

Lembrou-se da primeira noite, como tinha ouvido Mariska chorar, e entendeu que ela estava sendo maltratada pelo príncipe Friederich.

Sem pensar no que fazia, dirigiu-se às janelas abertas e saiu para a

varanda.

O choro continuava. Não era muito forte, e ele rezou para estar enganado.

As luzes da sala de visitas ao lado estavam apagadas, mas havia um brilho dourado vindo de um dos quartos.

Seria possível, ele se perguntou que aquele bruto estivesse batendo outra vez em Mariska? Se estiver, como poderia suportar ouvir, sem interferir?

Enquanto olhava, indeciso, para as flores na treliça que dividiam as duas varandas, o estrondo de um trovão abafou o choro. Um momento depois, ouviu uma voz de homem que devia ser Josef.

O príncipe Friederich gritou e lorde Arkley prendeu a respiração.

— Vou matá-la, matá-la! — ele dizia, em alemão. — Ela vai morrer.

Então, houve o disparo de um revólver e, ao mesmo tempo, o barulho de outro trovão.

Quando o relâmpago iluminou o céu, Arkley saltou sobre a divisão entre as varandas.

Correu até a janela aberta e, ao entrar, viu Mariska deitada no chão, semi-despida, as costas marcadas pelo chicote, com algumas feridas sangrando.

O príncipe estava encolhido em sua cadeira, ainda segurando o chicote. Mas, no momento em que lorde Arkley entrou, sua mão relaxou e soltou o pulso de Mariska.

Josef, com a pistola ainda fumegando, não se moveu. Olhava para o patrão, como se não pudesse acreditar no que tinha feito.

Arkley percebeu tudo com a rapidez de um homem de ação acostumado ao perigo. Josef olhou para ele e disse, simplesmente:

— Sua Alteza a teria matado! Ele realmente o teria feito!

— Eu entendo!

Curvou-se e levantou Mariska do chão, Ela murmurou algo e encostou o rosto no ombro dele.

— Está tudo bem — disse, gentilmente. — Ele não a machucará mais.

Segurou-a bem junto ao corpo.

— Josef?

— Sim, meu senhor.

— Por que você os deixou sozinhos?

— Ele me mandou buscar café, senhor.

Josef fez um gesto, indicando o café, que estava sobre a mesa ao lado, junto de um prato com pêssegos.

Lorde Arkley olhou para a bandeja, por um momento.

— Desça outra vez com o café, Josef, e diga que seu patrão reclamou que não estava bastante quente. Faça alguma piada a respeito. Depois, suba novamente.

— Meu senhor... — gaguejou Josef.

— Faça exatamente como eu lhe disse, para o caso de alguém ter ouvido o tiro.

Enquanto falava, pensou que era muito improvável, já que havia a tempestade, com relâmpagos a cada minuto.

— Quando voltar a este quarto — continuou — você descobrirá que Sua Alteza se suicidou!

Josef olhou para ele, como se pensasse que ele não estava raciocinando bem. Mas, como era um homem inteligente, o entendeu.

— Quando você encontrar seu patrão na cadeira, com a pistola na mão, não perturbe sua patroa — disse lorde Arkley —, mas, sim, vá pedir ajuda no quarto mais próximo, que é o meu. Entendeu?

— Sim, meu senhor. Eu entendo.

— Então, vá! Vá logo. Leve todo o tempo necessário para descer, buscar o café e voltar. Entende?

— Entendo senhor.

— Coloque o revólver sobre a mesa.

Josef obedeceu. Pegou a bandeja de café, e lorde Arkley disse:

— Não importa o que aconteça, Josef, Sua Alteza não deve ser envolvida. Compreende?

Josef fez que sim com a cabeça e saiu do quarto, fechando a porta com cuidado.

Carregando Mariska, lorde Arkley dirigiu-se ao outro quarto. Acendeu a luz e colocou-a, gentilmente, na cama.

Ela estava semi-inconsciente, mas achou que tinha ouvido sua conversa com o criado, pois olhou para ele, aterrorizada.

— Não deve haver escândalo, meu amor. Deixe tudo por minha conta. Quando estiver tudo arranjado a respeito de Friederich, mandarei sua criada avisá-la do que aconteceu. Para o seu bem e de Josef, ninguém deve saber a verdade.

Cobriu-a com os lençóis e cobertores e levou sua mão fria aos lábios. Então, voltou e entrou novamente pela porta que comunicava com a sala de visitas.

Pegou o revólver, limpou-o cuidadosamente com seu lenço e o colocou

na mão de Friederich, com o dedo no gatilho.

Então, sem pressa, lorde Arkley saiu da suíte e voltou à sua própria sala de visitas.

Viu Josef se aproximando pelo corredor, com a bandeja de café.

Não precisou esperar muito, até o criado bater na porta.

O homem estava pálido, mas composto. Olhou para lorde Arkley e não houve necessidade de palavras. Entraram juntos na sala de visitas, onde o príncipe estava afundado em sua cadeira, com um fio de sangue sujando a camisa.

— Você fica aqui, Josef. Vou chamar o gerente para retirar o príncipe. Você não sabe de nada. Não tem nenhuma idéia de por que seu patrão faria isto, exceto que ele estava sofrendo muito, ultimamente.

Josef concordou com a cabeça. Lorde Arkley saiu do quarto e se dirigiu ao escritório do gerente.

Como esperava, *herr* Hammerschmid estava disponível. Pediu para, falar com ele em particular e foi levado a uma pequena sala. Contou a ele, resumidamente, o que tinha acontecido.

— Duvido que alguém tenha ouvido o tiro, porque havia a tempestade, e os trovões.

Herr Hammerschmid esperava apreensivo.

— Por isso — disse lorde Arkley calma, mas significativamente — acho que ninguém duvidará de que o príncipe Friederich sofreu um grave ataque do coração. Tenho certeza, *herr* Hammerschmid, de que o médico do hotel pode declarar isso é remover Sua Alteza para uma clínica.

Seus olhos se encontraram, e lorde Arkley viu que ambos pensavam a mesma coisa.

Pois, se houvesse um escândalo no Weimar, quando o rei da Inglaterra estivesse hospedado lá, seria desastroso do ponto de vista do hotel e poderia afetar seriamente os outros hóspedes.

Não havia nada que um local de férias gostasse menos do que de um suicídio.

Em Monte Carlo, quando tal coisa acontecia, nove vezes em dez o local tinha que ser fechado. Marienbad teria que fazer o mesmo.

Herr Hammerschmid foi até a porta e chamou um pajem, que estava do lado de fora.

— O doutor estará aqui em alguns minutos, senhor — disse a lorde Arkley. — Posso sugerir que o senhor volte para o jantar? Não há necessidade de que ninguém fique sabendo agora do infeliz ataque que Sua

Alteza sofreu.

— Foi isso que pensei. Talvez, depois que Sua Alteza for levado para a clínica, o senhor possa chamar a criada e pedir que informe a princesa.

— Pode deixar tudo em minhas mãos, senhor. Está claro que, se o ataque de coração de Sua Alteza for fatal, Vossa Excelência será o primeiro a ser notificado.

— Agradeço sua consideração — respondeu lorde Arkley. — O príncipe é um velho amigo.

Herr Hammerschmid acompanhou-o até a saída. Lorde Arkley subiu até sua suíte, tirou a caixa de charutos da gaveta que havia deixado aberta, e voltou para a festa do rei.

CAPÍTULO VII

O trem particular do príncipe Miklós Eszterházy, que esperava por lorde Arkley em Budapeste, era extremamente confortável.

Havia servos vestidos com a libre da família para servi-lo, um delicioso vinho húngaro, e a refeição não ficavam nada a dever a nenhum dos mais famosos restaurantes no mundo.

Era difícil para ele pensar em qualquer outra coisa que não fosse o fim daquela viagem, quando veria Mariska novamente.

Aquele último ano tinha sido o mais longo de sua vida, mas sabia que deviam seguir as convenções e que ela tinha que respeitar o luto pelo marido, como era esperado.

Foi depois do verão que começou a ficar cada vez mais impaciente.

Quando, finalmente, o rei Eduardo lhe perguntou se iria a Marienbad com ele, como de costume, sentiu, com alegria, que o tempo de espera tinha terminado. E que a felicidade estava para chegar.

O mais frustrante foi o fato de não poder se comunicar com Mariska.

Cartas eram perigosas, pois podiam ser lidas por olhos indiscretos.

Pela mesma razão, era completamente impossível encontrá-la.

Seu único consolo, depois daquela noite terrível em que a carregou semi-inconsciente e sangrando, para a cama, era saber que a duquesa estaria ao lado dela.

Foi uma tensão quase intolerável voltar à festa do rei e rir, como se nada tivesse acontecido.

Quando todos foram para o cassino, lorde Arkley sentiu que, se continuasse confinado entre quatro paredes, ficaria louco.

Caminhou pela floresta, tomando o caminho pelo qual havia cavalgado naquela mesma manhã com Mariska. Deus havia sido misericordioso e agora o futuro era dourado poderiam ficar juntos.

Mas havia muitos obstáculos a superar.

O que mais preocupava lorde Arkley naquele momento era se a saúde de Mariska suportaria a pressão pela qual passara e a cerimônia exaustiva do enterro de Friederich.

Havia também o perigo de a verdade aparecer. O escândalo afetaria toda a monarquia, se fosse revelado que Friederich tinha sido baleado por seu criado, para impedi-lo de matar a esposa.

No entanto, lorde Arkley estava seguro de que podia confiar que Josef permaneceria em silêncio, não só para salvar sua própria vida, mas também pelo bom nome de Mariska.

Era um bom conhecedor de homens, e não precisava que ninguém dissesse que a única razão pela qual Josef suportava o comportamento intolerável e os insultos de Friederich era seu devotamento a Mariska.

Portanto, era inadmissível que deixasse sua senhora exposta à curiosidade maldosa do mundo.

Lorde Arkley sentia que podia confiar também no bom senso de *herr* Hammerschmid. Poucas pessoas tinham mais medo de um escândalo e seus efeitos em sua reputação do que os proprietários de hotéis.

Hammerschmid estava muito orgulhoso de que o Weimar fosse visitado pelo rei da Inglaterra e por muitos outros monarcas. Jamais arriscaria essa fama por um príncipe alemão sem muita importância.

Lord Arkley tinha confiança de que o corpo de Friederich seria levado para uma enfermaria particular, onde estaria “doente demais para receber visitas”.

Foi exatamente o que aconteceu.

Na manhã seguinte, foi informado de que Sua Alteza, o príncipe Friederich, tendo sofrido um grave ataque do coração, estava entre a vida e a morte.

A novidade se espalhou por Marienbad e era discutida entre os nobres na Kreuzbrunner, quando se reuniam para tomar as águas.

Ninguém ficou muito surpreso, pois Friederich, com seu rosto inchado e sua reputação de bebedor, havia criado a impressão de que não viveria muito.

— Pobre diabo! Se ele morrer, será a melhor coisa que lhe acontecerá — disse o rei Eduardo a lorde Arkley.

— Concordo com o senhor. Creio que poucos de nós gostaríamos de viver em tais circunstâncias.

O marquês de Soveral interrompeu a conversa com uma anedota e o assunto sobre o príncipe morreu.

Logo que voltaram ao hotel, lorde Arkley visitou a duquesa.

— O senhor chegou muito cedo. Imagino que veio para discutir sobre a grave doença do príncipe Friederich, da qual acabo de saber pelos meus criados.

— Tem razão, madame — lorde Arkley respondeu, levando a mão dela aos lábios. — Estou muito preocupado com a princesa.

— Achei que o senhor estaria — respondeu a duquesa — mas, sinceramente, creio que minhas preces serão atendidas.

Seus olhos astutos encontraram os de Arkley, com uma expressão de compreensão.

— O que vim lhe pedir é que a senhora ajude a princesa, já que eu não posso fazê-lo.

— Já está tudo arranjado e eu o farei, assim que Mariska puder me receber — respondeu a duquesa. — O senhor sabe, tão bem como eu, lorde Arkley, que a única pessoa que deve ficar longe dela, no momento, é o senhor.

— Eu entendo.

— Deixe tudo por minha conta. Venha me ver esta noite e eu lhe direi o que o senhor está querendo ouvir.

Foi através da duquesa que lorde Arkley soube que Mariska teria sem dúvida uma crise de nervos, devido à maneira como tinha sido tratada, se seu amor por ele não a sustentasse e fortalecesse.

— Ela me pediu para dizer-lhe — falou a velha dama — que está pensando na névoa sobre o lago e que o senhor compreenderia.

— Claro que eu entendo — murmurou lorde Arkley.

— Ela parece tão doente, tão frágil... Tenho medo, muito medo de que tudo isso seja demasiado para ela.

— A senhora lhe daria um recado meu?

— O senhor sabe que sim.

— Então, diga a Mariska que eu a estarei esperando além da névoa.

A duquesa transmitiu o recado, palavra por palavra. Ao ver a luz nos olhos da moça e seu leve sorriso entendeu que seus temores eram

infundados.

No entanto, quando três dias mais tarde o trem com o caixão envolvido em crepe levou o corpo do príncipe Friederich de volta a Wilzenstein, foi com muita dificuldade e contra o conselho do médico que Mariska pôde viajar.

Lorde Arkley leu nos jornais alemães sobre o pomposo funeral feito em Wilzenstein para seu governante. O príncipe foi enterrado com todas as honras que tanto desejava.

Quase todos os países da Europa estavam representados. Embora o imperador não pudesse comparecer, enviou dois representantes: Von Echardstein e Von Senden.

Lorde Arkley pensou que aquele era um gesto que só alguém como o *kaiser* teria achado apropriado.

Depois que deixou Márienbad, tornou-se impossível ter notícias de Mariska, e não devia se comunicar com ela, enquanto estivesse na Alemanha.

Precisava esperar que todo o cerimonial de luto e os tributos a Friederich chegassem ao fim para poder deixar o palácio e voltar à Hungria.

Ficou muito nervoso quando soube que ela tinha desmaiado no funeral e estava novamente sob cuidados médicos.

Se tivesse obedecido ao impulso de qualquer homem apaixonado, teria desprezado as convenções e ido a Wilzenstein para vê-la. Mas seu treino diplomático e seu forte autocontrole o ajudaram a se manter firme.

Durante várias semanas, dormiu pouco, até saber, finalmente, que Mariska estava bem o suficiente para voltar à Hungria. Foi como se um grande peso lhe tivesse sido tirado dos ombros.

Também sua sensibilidade e seu sentimento de decência fizeram-no decidir não escrever para ela.

Seria perigoso fazer qualquer coisa que alertasse a família de Mariska para o fato de que ela pensava em outro homem, que não o marido.

Combinou com a duquesa mandar flores para Mariska todos os meses.

Não ousava incluir nenhum bilhete, mas sabia que não eram necessárias palavras entre eles e que ela entenderia que estava pensando nela.

Como não poderiam se encontrar nos próximos meses, lorde Arkley atirou-se ao trabalho com uma devoção que surpreendeu todas as mulheres que o conheciam.

As senhoras que tinham seus convites recusados pensavam que ele devia estar envolvido em algum caso de amor. Reclamavam que passava a maior parte do tempo sozinho, e as mais velhas, além de admiradas, ficaram também levemente ressentidas com o comportamento dele.

— O que pode ter acontecido com Ian Arkley? — perguntavam umas às outras. — Era tão divertido, tão agradável, mas agora só pensa em trabalho e só sorri quando está com o rei.

No entanto, Eduardo estava muito satisfeito com a atenção que lorde Arkley lhe dispensava. Naquele momento, precisava mais do que nunca de amigos fiéis.

As relações entre Inglaterra e Alemanha mantinham-se amigáveis somente graças aos esforços contínuos do “tio” Eduardo. E um novo problema surgia na realidade, eram agora os franceses que estavam com receio que pudesse haver uma aliança anglo-germânica.

Antes que o rei desfrutasse suas férias habituais em Marienbad, visitou a Alemanha, e os franceses ficaram bastante preocupados com o que poderia acontecer.

O imperador Guilherme estaria na estação de trem para receber o tio, vestindo seu imprescindível uniforme militar e acompanhado pelo enxame costumeiro de oficiais.

Falou-se muito de política após o jantar, durante o qual o rei esgrimiu verbalmente com o sobrinho, de uma maneira diplomática e hábil que provocou a admiração de lorde Arkley.

Mas havia uma grande tensão no ar, quando terminou a visita, a 16 de agosto. Com o imperador e sua comitiva voltando a Berlim e o rei Eduardo seguindo para Marienbad, seus companheiros deram um suspiro de alívio.

Uma noite, quando ainda estava na Alemanha, o rei disse ao *kaiser*:

— Lamentei saber da morte de seu sobrinho Friederich de Wilzenstein, mas talvez tenha sido um alívio misericordioso aos seus sofrimentos.

— Friederich? Ah, sim, claro! — disse o *kaiser* como se, por um momento, lhe fosse difícil lembrar de quem o rei estava falando. — Ele se tornou uma múmia sem esperança, após a explosão daquela bomba, e foi uma pena que ela não o tivesse matado de vez.

Falou de uma maneira tão revoltante, que fez com que lorde Arkley sentisse vontade de bater nele. Mas o *kaiser* mudou de assunto e o nome de Friederich nunca mais foi mencionado.

Porém tudo aquilo agora era passado. Recostado na poltrona confortável do trem, tomando uma xícara de café, lorde Arkley só pensava que estava, finalmente, a caminho da felicidade.

O chefe dos criados interrompeu seus pensamentos:

— Tomei a liberdade de mandar preparar sua roupa de montaria, senhor.

Franziu a testa, e o criado explicou:

— Haverá carruagens na estação, à sua espera, mas também um cavalo, se o senhor desejar tomar o caminho mais rápido, pelas florestas, até o palácio.

Referia-se às florestas de pinheiros, entre a estação e o palácio do príncipe Miklós, florestas que lembravam em muitos aspectos as de Marienbad.

Foi até outra cabine. Hawkins já havia preparado suas roupas de montar. Vestiu-se e voltou a se sentar à janela, olhando a magnífica paisagem húngara. Apesar de estar muito quente, ainda havia neve nos picos das montanhas recortadas contra o céu azul.

O convite para se hospedar no palácio Eszterházy tinha vindo do próprio príncipe Miklós.

Ainda que parecesse um convite comum, para caça, lorde Arkley tinha certeza de que Mariska estaria com o primo e que logo a veria. Estava emocionado como um jovem indo ao encontro de seu primeiro amor. E, no fundo, disse a si mesmo, era verdade.

Nunca tinha amado ninguém como amava Mariska. Durante o tempo em que estiveram separados, seu amor crescera dia a dia. Naquele momento, só temia que o mesmo não tivesse acontecido a ela.

Mas, não estava apreensivo sem necessidade.

Quando duas pessoas se amavam como ele e Mariska tinham se amado desde o primeiro momento, quando suas mentes e espíritos estavam juntos como os deles, nem a distância fazia diferença.

O trem entrava devagar numa pequena estação, especialmente construída para aqueles que iam visitar o palácio.

Um tapete estava estendido até a porta de uma carruagem particular. Quando lorde Arkley desembarcou, foi saudado por um dos filhos mais Jovens do príncipe.

Olhou com afeto para o bonito jovem húngaro que, junto com o irmão, havia tornado sua última visita ao palácio tão agradável.

Conversando sobre a viagem e outros assuntos comuns triviais, saíram da pequena estação.

Além da carruagem e de um carro para os criados e a bagagem, havia um cavalo garboso do estábulo do príncipe, que era conhecido como o melhor de toda a Hungria.

— É muito mais rápido cavalgar pela floresta — disse o jovem — e o senhor desculpará se não o acompanho. Mas creio que encontrará alguém

que o levará ao palácio.

Havia um brilho maroto nos olhos deles. Enquanto montava, lorde Arkley soube que, afinal, veria Mariska.

Cavalgou uma boa distância, antes de avistar, à sua frente, um cavalo e sua amazona.

Sentiu o coração bater forte. Alguns segundos depois estava diante dela e a olhava, incrédulo.

Teria sido difícil reconhecê-la, se estivesse no meio de uma multidão. Mudara muito, mas os olhos que procuravam os dele eram os mesmos. Sentiram que nenhuma palavra era necessária para expressar a magia e a glória que os envolvia, como raios de sol.

— Mariska!

Lorde Arkley disse o nome dela com alegria e surpresa.

Já não era a mulher magra e infeliz de quem se lembrava, tensa de medo, marcada pelo sofrimento.

O contrário, ali estava uma moça tão jovem, tão radiante, que parecia a personificação da primavera.

Mariska vestia um traje fino, de um amarelo vibrante. Enquanto esperava por lorde Arkley, tinha tirado o chapéu de abas largas, que pendia agora de sua sela.

O brilho do sol através das árvores trazia uma estranha luz a seu cabelo escuro e acentuava sua pele clara.

Seria impossível, pensou lorde Arkley, para qualquer mulher parecer mais feliz ou mais adorável.

Por um longo tempo, nenhum dos dois falou. Depois, Mariska disse:

— Você... está aqui.

Era quase como se ela confirmasse o fato para ela mesma.

— Sim, estou aqui e você também, minha querida.

Diante de tanta ternura, os olhos dela pareceram um pouco tímidos.

— Eu não poderia... encontrar você... se... alguém mais estivesse presente... e tinha algo mais para lhe mostrar.

Dirigiu seu cavalo para frente, enquanto falava, e lorde Arkley fez o mesmo, de forma que os dois cavalgaram lado a lado por um caminho entre as árvores.

Foi uma pequena cavalgada. De repente, estavam diante de um lago.

Era maior do que o lago de Marienbad e ainda mais bonito, cercado por árvores e por montanhas ensolaradas.

Mariska sorriu.

— Receio que não haja... nenhum café... mas podemos ficar sozinhos aqui.

— Isso era tudo o que eu queria. Ele desmontou e ajudou-a.

Ainda era como uma pluma em seus braços, embora tivesse engordado um pouco, desde a última vez que a vira.

Abraçou-a.

Os cavalos se distanciaram, procurando grama, e eles ficaram sozinhos, sob os pinheiros.

— Você teve saudade de mim? — perguntou lorde Arkley.

Antes de responder, ela se aconchegou mais a ele, que apertou, com paixão, aquele corpinho delicado.

— Pensei que esse ano nunca... passaria — ela sussurrou. — Você ainda me ama?

Ela sorriu e pareceu muito jovem.

— Eu ia lhe fazer a mesma pergunta. Tive tanto medo de que você... esquecesse-me.

— Acha realmente que isso seria possível?

Havia tanta adoração na voz dele, que a fez estremecer.

— Eu... pensei em todas as... lindas mulheres que você conhece... Suspirou:

— Mas eu tinha certeza... absoluta de que nosso amor era... lindo demais para que... perdêssemos um ao outro.

— Nunca! Para mim, o ano também pareceu interminável.

— Eu... o amo!

As palavras foram ditas baixinho, mas ele as ouviu.

Puxou-a para mais perto e seus lábios se encontraram.

Há muito tempo que ele sonhara com aquele momento. Mas não tinha esquecido que era o primeiro beijo de Mariska. Foi gentil, muito gentil, e muito carinhoso, beijando-a como se fosse uma flor, de forma que tudo que era espiritual e sagrado entre eles estivesse presente no toque de seus lábios.

Para Mariska, foi como se as portas do paraíso se tivessem aberto e ela encontrasse o que sempre procurou.

Aquilo era, ela sabia, o que havia além da névoa de seu lago encantado. Era o enlevo e o êxtase absolutos. Sentiu que estava ligada para sempre àquele homem que a levava para fora do mundo, para o lugar mágico sobre o qual haviam falado, mas que ela nunca tinha esperado encontrar.

Agora, estava lá. E com ele.

Era seu guia, o apoio que sempre acreditou que lhe seria dado.

Tudo parecia tão perfeito, tão maravilhoso, que, quando olhou outra vez para lorde Arkley, teve a impressão de que ele estava envolto numa luz fantástica e já não era humano.

— Eu a adoro, minha querida. Estamos juntos e não haverá mais infelicidade para você. Juro que a farei feliz.

— Eu o amo. Eu o amo... não existe mais nada no mundo, a não ser esse amor.

— É isso o que sempre existirá.

Beijou-a novamente e seus lábios se tornaram mais possessivos, mas ainda infinitamente ternos.

Passou-se muito tempo, antes que eles se sentassem na grama às margens do lago, abraçados.

Lorde Arkley olhava o rosto de Mariska como se nunca pudesse tirar os olhos dela.

— Você está mais bonita ainda do que eu me lembrava. Sei que é por que o medo desapareceu do seu rostinho.

— E foi você que fez isso.

— E farei, para o resto de nossas vidas.

Ela deu um suspiro de pura felicidade e encostou a cabeça no ombro dele.

— Eu tive tanto medo de que tudo fosse um sonho, e que algo o impedisse de vir para mim.

— Nada no mundo me impediria de vir, embora o rei quisesse que eu o acompanhasse a Marienbad. Recusei com tanto tato, que ele nem protestou — sorriu lorde Arkley. — Ele terá que aprender a viver sem mim, no futuro, de forma que é melhor começar a aprender agora.

— A viver sem você? Quer dizer que...

— Quero dizer que terei muitos afazeres em casa, com minha esposa. Ela deu um grito de alegria.

— Quero estar com você a cada momento. Sua casa será meu lar.

— Assim será. Quando você vai se casar comigo, meu amor?

— Assim que você... me quiser.

— Então, será hoje. Ou amanhã, no máximo. Ela sorriu.

— Eu ainda não disse a minha família por que você veio à Hungria. Simplesmente, pedi ao primo Miklós para convidá-lo, mas tenho a impressão que eles... suspeitaram.

— Por que acha isso?

— Talvez, porque não consegui esconder que estava nervosa e muito,

muito feliz, a partir do momento em que soube que você tinha aceitado o convite do meu primo.

— Se ele não o tivesse mandado, eu teria vindo sem convite. Já pagamos nosso tributo às convenções agora, nada mais pode ser pedido de nós. Estamos livres para nos amar.

— Eu... o amo... completamente. Mas acho que vai ficar desapontado comigo.

Viu o sorriso nos lábios de lorde Arkley. Antes que ele pudesse responder, ela continuou:

— Ouvi tanto a respeito do seu sucesso como o homem mais atraente de Londres... e acho que em Paris, também.

— Está me lisonjeando, minha querida. Além disso, acho que você não se olhou no espelho, ou saberia que não há ninguém no mundo inteiro tão adorável quanto você.

— Talvez pense assim, só porque me ama — respondeu Mariska —, mas é isso que eu quero que pense. Sempre!

Ofereceu os lábios e ele a beijou, até que as árvores, o céu e o lago pareceram girar à sua volta.

Ela sentia também um fogo em seus olhos e em seus beijos que ainda não conhecia.

— Eu quero você. Esperei muito tempo e não pretendo esperar mais, querida.

— Se você tem certeza disso e não quer uma grande cerimônia, podemos nos casar na capela do palácio.

— Mas claro! Não existe um lugar mais apropriado, tendo somente sua família como testemunha.

— Esperava que dissesse isso. Mais do que nada no mundo, quero usar o seu nome... e o de mais ninguém.

— Quando for minha esposa, esqueceremos tudo o que já passou. Vamos fazer de conta, meu amor, que nos encontramos numa festa oferecida por seu primo.

Beijou o cabelo dela e continuou:

— Sou um inglês sofisticado, *blasé* e cínico a respeito de mulheres, e vim à Hungria para caçar perdizes.

Os olhos de Mariska eram como os de uma criança, ouvindo um conto de fadas.

— Quando cheguei ao palácio, encontrei uma garota chamada Mariska Eszterházy, que acabara de sair da escola. Ela era jovem, inocente e tão

bonita, que fiquei perdida e loucamente apaixonado.

- O que aconteceu depois?
- Percebi que ela me amava um pouco...
- Não, um pouco...
- Está bem. Muito!
- Mais do que o mundo, o mar e o sol todos juntos!

Havia um tom apaixonado na voz de Mariska que fez lorde Arkley abraçá-la com mais força.

Ela pensou que ele ia beijá-la e levantou o rosto, mas ele disse, suavemente;

— Mariska Eszterházy não era só a pessoa mais adorável que já tinha visto na vida, mas ele também descobriu que ela nunca havia sido beijada.

- O sofisticado, *blasé* e cínico lorde Arkley não achou isso... aborrecido?
- Ele achou diferente e muito interessante!

Segurou o rosto dela e seus lábios se tocaram. Beijou até seu coração bater violentamente contra os seios dela e ele quase perder a respiração.

— Poderia algum homem ficar aborrecido com você, minha adorada? Seus rostos estavam colados, e ele continuou:

— Tenho tanto para lhe ensinar, e isso será a coisa mais agradável que já fiz na vida.

— E a mais maravilhosa... para mim.

— Minha querida, eu a farei feliz!

— Já estou feliz, porque você está aqui, e foi tão difícil esperar todo esse tempo...

— Estávamos falando que esqueceremos o passado. Não haverá nuvens, nem dramas, nem tragédias em sua vida. A partir de agora, minha querida, será tudo comum, mas acho que será maravilhoso para nós!

— É o que eu quero! Quando estou com você, sinto-me tão... tão feliz. Posso esquecer... todo o resto!

— Temos tanto o que conversar, tanto o que compartilhar, que logo esqueceremos o passado.

— Já o fizemos! Só existe você, você, você, você...

Beijou-a novamente. Então, como se ambos fossem tomados por uma urgência de começar sua nova vida juntos, levantaram-se de mãos dadas, olhos nos olhos.

— Não sabia que era possível ser tão feliz e estar, tão apaixonado.

— Estamos encantados — disse Mariska — e eu me sinto como se tivesse despertado de um longo e profundo sono, para encontrar um mundo mágico

que pressentia, mas que nunca pensei que seria realmente meu.

— É seu, minha querida. Um mundo onde lhe prometo que só existe amor.

Mariska aproximou-se dele e novamente seus braços a envolveram.

— Isto é realmente amor, minha querida. Este encanto que permanecerá conosco para todo o sempre.

Disse aquilo como se fizesse um voto solene para si mesmo e para ela.

Beijou-a mais uma vez e não havia só o êxtase e a glória naquele beijo, mas o fogo do desejo que os uniu, até se tornarem um só, como tinham sido no passado e seriam no futuro: uma mente, um coração e uma alma.

F I M

QUEM É BARBARA CARTLAND?

A histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que, segundo a própria Barbara, a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia.

A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos dessa autora inglesa que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora, teatróloga, con-ferencista e oradora política. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isso, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidenta da Associação Nacional Britânica para a Saúde.



UMA ORQUÍDEA PARACHANDRA

Chandra escutou passos decididos ecoando pela sala... A tênue claridade de uma vela iluminou parcialmente um corpo bem-feito, alto e vigoroso. Por mais que ela se esforçasse, não conseguia adivinhar as feições do homem que dela se aproximava. E foi então que, bruscamente, ele a puxou para si, apertando seu corpo viril contra o dela e colocando seus lábios sobre os trêmulos lábios de Chandra. Ela sentiu-se possuída por um indizível arrebatamento e pensou, maravilhada: "Isto é amor!"